



A GALERA

1º ANO

1914-1915

RP

8

16

S
C
E
T
M

REVISTA DE ARTE E CIENCIA

RP
8
16



REVISTA
D'ARTE
E
CIENCIA.

1.º ANNO — N.º 1

28 DE NOVEMBRO DE 1914

Sala
Gab.
Est.
Tab.
N.º

RP
8
16

A GALLERIA

REVISTA QUINZENAL D'ARTE E SCIENCIA

DIRECÇÃO E PROPRIEDADE DE: — *Alves Martins, Costa Cabral, Ferreira Monteiro, Garcia Pulido, Nicolau Sobrinho, Oscar Soares, Tito Bettencourt.*

DIRECTOR ARTISTICO: — *Tarquinio Bettencourt.*

SUMMARIO D'ESTE NUMERO:

Rôta a seguir; Os cuidados de Horacio, EUGENIO DE CASTRO; Senhora dos sequiosos, A. ALVES MARTINS; Os escravos choravam, TITO BETTENCOURT; Alegoria da salvação, A. FERREIRA MONTEIRO; Psychologia da Arte — Avé Maria, gratia plena, J. COSTA CABRAL; Beijo Eucharistico, THEOPHILO CARNEIRO; O baptisado das gaivotas, CARLOS CANDIDO; Genese dos phenomenos religiosos em geral, J. MATHIAS LOPES; De quando os «Vapores» aportam, ANTONIO DE SEVES D'OLIVEIRA; Chronica, GARCIA PULIDO.

Redacção:

Rua Fernandez Thomaz, 85 — Coimbra

Editor:

José E. da Costa Cabral

Depositario:

França Amado

Composição e impressão:

Typ. MÍNERVA, de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão

AVENIDA BARÃO DA TROVISQUEIRA — FAMILICÃO

Róta a seguir



ALERA do Pensamento, singra pelo Mar da Vida fóra e que o vento te seja propicio, sem tropeçares no preconceito ou no espirito de seita ou escola, n'uma estreita união de Navegantes, irmãos todos nós os que temos no Espirito os espinhos da Vida, que se hão-de tornar para tantos as rosas que lhes tapetarão a marcha que vamos proseguindo. Para a Luz vamos todos caminhando com alvoradas de Sorrisos e, para que as Tormentas se nos tornem Esperanças, nos unimos aqui todos aquelles que, n'um grande abraço de Ideal e de Saber, se estreitam n'uma communhão sacratissima, porque é no Altar onde todos os esforços se conjugam, todos os ideaes se irmanam — a Verdade, o Bello e o Bem.

Nada promettemos, sabido que prometter e dar duas coisas são, e não é de Cavalleiros da Palavra empenhada e de cavalheiros a quebra do compromisso tomado.

Cada um de nós tem plena liberdade d'acção dentro da sua esphera e, portanto, tem cada um a responsabilidade da secção que dirige; Irmãos todos, não ha precedencias, porque queremos conseguir que todos os que sentem, podem e sabem sentir venham enfileirar-se ao nosso lado. Recebêl-os-hemos com a franqueza com que nas nossas terras, tão Portuguezas e tão lindas, se costumam abraçar os que chegam. Com todos seremos absolutamente francos e leaes; não teremos ricos salões para os receber, mas temos sempre a Mesa posta para com elles trocarmos impressões. A nossa Taça correrá de mão em mão e com magua despediremos aquelle que não lhe souber tomar o Paladar, a achar tosca de mais ou vir que é por demais fino o seu rendilhado.

Não temos filigranas que se esmaguem entre os dedos, mas não temos tambem bronzes tão duros que mãos fina e superiormente tratadas não saibam e não possam trabalhar.

Comnosco estão nomes alta e justamente considerados no nosso meio intellectual e contamos poder dar, em cada numero,

ineditos dos Mestres, mas o meio é escasso e o receio é muito ; receia-se e teme-se muitas vezes.

Contamos, porém, ser superiores ao receio e vencer o medo. Costumamo-nos tão cedo a não sermos crianças! Também não queremos pairar na região do Sonho, onde só entram Videntes!

Acreditamos no nervosismo do Genio, mas não pensamos attingir proporções taes, que não queremos saltar por cima da parede mestra que separa o Talento da Loucura!

Como o nosso subtítulo indica, versaremos os diversos problemas e assumptos d'Arte nas suas multiplices fórmulas e aspectos e com igual carinho trataremos os que a Sciencia nos apresentar.

A promessa é simples na fórmula, mas é profunda na essencia e no penhor da palavra dada. Isto basta, portanto!

Caminha Mar fóra, Galera do Pensamento, corta as Ondas que se te apresentam e crê bem que as Fadas te hão-de abrir larga esteira para seguires caminho conforme o roteiro que levas traçado!

Vigia do Mastro Real, Timoneiro e Mareantes, todos a postos e que a Senhora da Guia nos ponha a Virtude!

Homem do Leme, gageiro, tu que estás ahí, levantar ferro e

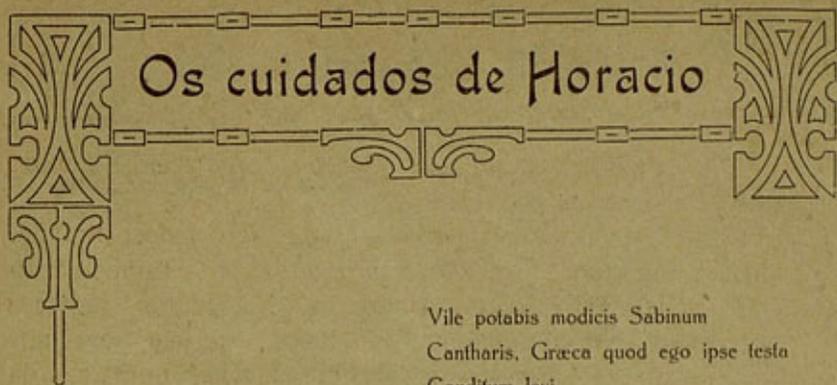
ÁVANTE!

MARIA FEIO

Está entre nós esta distinctissima escriptora, que vem fazer na Universidade de Coimbra uma série de conferencias sobre o thema *Solidariedade Social*.

Esta nossa talentosa collaboradora vem ha longo tempo empenhada na santa cruzada da *Solidariedade Humana e Defeza dos pequenos*, o que a torna a todos os titulos devêras sympathica.

A Sua Ex.^a apresentamos os nossos cumprimentos.



Os cuidados de Horacio

Vile potabis modicis Sabinum
Cantharis, Græca quod ego ipse testa
Conditum levi...

HORACIO.

VIDA a grata missiva em que Mecenas
Com terno empenho a versejar o exhorta,
Sobre a latada que lhe ensombra a porta,
Horacio escuta as pastoraes havenas.

Passam no azul-retardatorias pennas;
A lua nasce n'um palor de morta...
E ao escravo o Poeta diz, descendo á horta
Onde a colméa dorme entre verbenas:

— «Estas rosas, aqui, e essas, vermelhas,
«Rega-m'as bem, e os cravos da Numidia
«Que estão além, defronte do lagar;

«Quero um festim de flor's dar ás abelhas,
«Que em troca me darão favos p'ra Lydia
«E cera para as amphoras sellar.»

EUGENIO DE CASTRO.



SENHORA DOS SEQUIOSOS

«Sitis mihi est vita»

I

AU venho da carreira de Fontêlo:
Fui beber agua á minha Fonte Arcada.
Todo o poema da Fonte eu quiz bebêl-o:
Parecia a minha sêde illimitada!

Já satisfeitas minhas rezas d'agua,
Minh'alma novas rezas quiz erguer!
Agua da Fonte — espirito de fragua! —
Que fazes tu p'ra eu te não 'squecer!?

Agua bebida é sêde p'ra mais agua?
Então, ó Fonte, com prazer, sem magua,
Sofragamente te virei beijar!...

Como se eu visse a agua em mim correr:
É que eu matei a sêde de a beber,
Mas não matei a sêde de a cantar!

II

A voz da Fonte, embaladora ao luar,
Grita p'la Terra quando o sol a abraça!
Ha beijos d'agua a appetecer!... O ar
Dá-nos, na côr, uma visão de taça!

Meu Deus! Meu Deus! que sêde nas raizes!
Oh que raivosas ancias de beber!
Lascivia d'agua, sinto o peito em crises:
Vou roubar vida, á Fonte, p'ra viver.

Que cante em nós a voz da tua vida!
Dizem boccas, á Fonte, presentindo
Dentro do peito a sêde commovida.

Ha preces d'agua em fundos desejosos;
E a sêde, sensual, lá vae unindo
Peitos de carne, — a peitos pedregosos!...

III

Desejos d'agua, eu agua vou beber.
 — A gente assim, que bem, de bruços fica!
 Beber da Fonte é quasi que fazer,
 Da nossa sêde, uma canção da bica!

A agua canta p'ra se dar melhor;
 P'rá minha bocca, ao dar-lhe beijos, trago-a.
 E por milagre seu, ao meu sabôr,
 Com agua esqueço a minha sêde d'agua!

Oiço cantar a Fonte e sinto sêde!
 Sequiosa de boccas—ora vêde! —
 Como ella pede abraços sensuaes!...

Olha o sol como a abraça em chamma ardente!
 Vêr uma Fonte é sentir sêde a gente,
 E a sêde é Vida— a dar-nos vida mais!...

IV

Água da Fonte, ó boccas sequiosas,
 Da vossa sêde é Agua-Promettida!
 Bebendo á Fonte as falas rumorosas
 Ficaes sabendo o fim da sua vida.

Água da Fonte, agua da minha infancia,
 Em moço ia bebêl-a, sem pensar
 Que mais tarde, — sequioso na distancia! —
 Para a beber teria de a cantar!...

Ó Fonte, que me dás da tua agua,
 Fôra eu pastor, e fôras tu uma fragua,
 Oh que sêdes iriam pela serra!

Que a minha voz se espalhe no horisonte:
 Eu canto a tua agua, ó minha Fonte,
 Para que tu faças cantar a Terra!

(Do livro — "Fonte Arcada,, a concluir).

Beira-Alta — 1913.

ANTONIO ALVES MARTINS.

Os escravos choravam

Ao Mario de Sá-Carneiro.

Os escravos apinham-se curiosos escutando, avaros das palavras de um homem que se cobre com a clâmide branca dos patricios. A figura d'este destaca-se sobre o fundo negro do grupo de escravos n'um contraste de affronta e igronomia.

Os corpos nús dos escravos que o sol da Elthiopia bronzeou rudemente, esfregam-se uns contra os outros em sobrehumano esforço de attenção, como se pedissem reciproca ajuda para abarcar o insondavel infinito que encerram as palavras do patricio a quem contemplam com olhos inchados de assombro.

As ondas do mar Tirreno chegam mansas e ténues com um leve rumor de conchas e areia. Ao fundo a cidade brilha como um solemne espelho de marmore e pelos rochedos proximos, a multidão de cortezãs e patricios passeia buliçosa.

SCENA PRIMEIRA

O PATRICIO

Digo-vos a verdade. Nem o proprio César poderá deter o impulso da vossa rebeldia que vos redimirá, que vos fará homens.

OS ESCRAVOS

(Exaltados e inquietos). O patricio diz a verdade. Rebellemos-nos!

O PATRICIO

Sois a maioria; sois a força. Pensae bem n'isto: a força é a unica que domina e que vence. Poderá César acaso deter o impeto dos ventos que fazem naufragar as trirêmes? Pôde elle impedir que a lava incendiada dos vulcões sepultasse em chammas as suas cidades mais formosas? Se os Gallos arrojaram os seus legionarios do Norte, porque foi senão pela força?

OS ESCRAVOS

(Com convicção). E' verdade, é verdade!

O PATRICIO

Sim, mas contudo, vós resignaes-vos!

E' bem merecido que a mão debil e feminil do patricio esbofeteie brutalmente o vosso rosto de ossos, de lobos castrados. Odiaes e fingis amor e complacencias!... Escravos, é que aprendesteis tão bem a resignar-vos, que chegasteis a olvidar que entre vós e o vosso amo só existe a differença da clâmide com que elle se cobre?

UM ESCRAVO

(Com decisão). Rebellemos-nos!

OUTRO

Queremos descansar como o nosso amo descansa!

OUTRO

Queremos ter um lar!

TODOS

Como os nossos amos, o mesmo que os nossos amos.

SCENA SEGUNDA

PERSEA

(Chegando apressada, com gesto desolado). Ouvi, ouvi a minha desgraça.

(Os escravos rodeiam-na anciosos).

UM ESCRAVO

Que tendes, amiga Persea? Qual o motivo da vossa afflicção?

OUTRO ESCRAVO

Conta, conta a vossa desgraça!

PERSEA

A maldição dos deuses cãia sobre o patricio; que a cólera de Jupiter se ceve na sua cara e no seu corpo; que os seus olhos se tornem ninho de víboras e que o seu coração seja a guarida dos escorpões peçonhentos e felidos.

OS ESCRAVOS

¡ Maldição sobre o patricio !

(Persea, arrodilha-se no chão; arranca as fibras de ebano da sua cabelleira; os dentes rangem-lhe n'um rugido de raiva; á sua volta, os escravos ferem as testas com punhos crispados, e ao largo o patricio da clâmide branca obsetva taciturno esta scena de desolação.)

UM ESCRAVO

Mas, amiga Persea, dizci-nos a causa do vosso pranto.

PERSEA

Conheceis Cefión, o meu novo senhor?

Oh, baboso immundo; carne vil é o seu corpo, despojo da ergastula é o seu coração miseravel!... Foi elle a causa da minha desdita!... Recordaes-vos de Tefé, de minha filha?; pedaço rosado da carne das minhas entranhas, aquella que tinha a bocca vermelha como a corolla de uma rosa, a que tinha as pernas esbeltas e tersas moldadas por Venus para a consagração das suas dansas... Pois lá está, hirta, fria, pendente da cruz...

UM ESCRAVO

(Com assombro). Crucificada!...

PERSEA

(Abatida, chorando). Sim, crucificada, crucificada!... Crucificada porque o immundo sátyro Cefión quiz saciar a sua lascivia em carne tenra e débil. Não logrou o seu desejo e a sua luxuria ficou saciada ante o sangue morno que vertiam as feridas de Tefé, ao ser crucificada.

UM ESCRAVO

(Com indignação). Ouvis? Ouvis todos?

OUTRO ESCRAVO

(Mostrando o punho cerrado á cidade). Soou a hora! Vingemos o sangue innocente de Tefé!

OUTRO

Juremos sobre ella a nossa rebellião.

TODOS

Sim, rebellemos-nos, rebellemos-nos!

(Os escravos apinham-se em tropel, levantando no ar os braços nus e bronzeados. Apartado do grupo, o patricio observa caladamente a scena. O mar continua trazendo com leve rumor conchas e areias, e ao fundo a multidão de cortezãs e patricios passeia buliçosa.)

SCENA TERCEIRA

Por um caminho apparece de repente o estrepito da cohorte. Os legionarios passam ebrios, derribados sobre os corceis suados; o pó do caminho envolve a indisciplinada tropa, que marcha cantando a canção obscena dos seus oculos. Um centurião detem o ginele ante o grupo dos escravos.

O CENTURIÃO

Eh! Que fazeis por aqui em tropel? Tão arrançadas haveis deixado as casas dos vossos amos que já não precisam do vosso serviço? Eia! Fóra d'aqui, escravos, fóra d'aqui, isto é passagem de pessoas livres!...

(O latego traça nos ares a affronta ignominiosa da sua tyrannia. Passa pelo grupo dos escravos um estremecimento de espanto. O patricio da clâmide branca observa anhelante. O centurião, impaciente, faz estalar o latego pela segunda vez, e os escravos, em cujos olhos brilhou um momento uma labareda de odio, dobram resignadamente a cabeça e desfilam ante o centurião ebrio e grosseiro que empunha o latego. Quando cae o panno, o patricio, com um encolhimento de hombros, volve o olhar ao mar latino, que com um leve rumor continua arrastando conchas e areia; os escravos seguem chorando...)

(De um livro de evocações dramatisadas, em preparação).

TITO BETTENCOURT.

ALEGORIA DA SALVAÇÃO

Rergueu-se ha pouco o Sol,
E despertou a terra, e p'los montes,
Bebendo a luz que doira os horizontes,
Ranchos alegres sobem a cantar:

Côro

Nossa vida de canceiras
Teve a benção da manhã:
E' nossa a terra, e das leiras
Vem-nos a graça christã.
Bemditas as sementeiras!
Bem dita a luz da manhã!

Um velho camponez

A cavar envelheci,
Criei filhos a esmolar,
Co'a minha enchada escrevi
A elegia do meu lar!...

Acabaram-se as desgraças:
Já não ha fome no mundo!
Homens de todas as raças,
Nosso destino é jocundo!

Côro

Acabaram-se as desgraças
Já não ha fome no mundo!

Um operario

Escravo, vivi nas minas
P'ra ganhar o pão dos meus,
Por via de infandas sinas
Privado da luz dos céus!

Possuidos da Verdade,
— O' campones, meu irmão,
Fizemos a Liberdade
P'la força da nossa acção!

Côro

Fizemos a Liberdade
P'la força da nossa acção!

Um ex-presidiario

Um filho do crime sou,
— Miséria que já lá vae!...
O juiz que me julgou
Conheço-o hoje: é meu pae!

E se crimes cometti
O mundo foi o culpado,
Na graça me redimi
Do mundo novo acatado.

Côro

Na graça te redimiste
Do mundo novo acatado.

Uma prostituta liberta

Era linda e tive fome,
P'ra comer prostitui-me...
Depois roubaram-me o nome
Deram-me a senha do crime...

Fui a estatua do impudor:
Eis o que a lei de mim fez!
Libertada p'lo amor
Já sou mulher outra vez!

Côro

Libertada p'lo amor
Já és mulher outra vez!

Um philosopho

Fomos hordas odientas,
—Maus interesses nos guiaram,
Em pelepas violentas
Nossos peitos se encontraram.

P'lo esforço evoluimos,
Tendo um pharol: a verdade!
E no ponto a que subimos
Somos irmãos na Igualdade!

A nossa familia é grande,
—Filhos do Sol que alumia,
Não precisamos quem mande,
Que o amor é garantia.

Côro

Não precisamos quem mande
Que o amor é garantia.

Um poeta

Vivi a sonhar chimeras,
—Chamava-lhe o mundo assim...
E o romper das novas eras
Foi ante-visto por mim.

Das chimeras que eu sonhára
Eis o divino esplendor:
Fez-se a semente em seara,
E' filha do nosso amor!

Alvoradas! Alvoradas!
Resurreição de Jesus!
Ha venturas encarnadas
Correndo em jorros de luz.

Os ranchos vão subindo... Afastam-se...
Ouvem-se os ultimos eccos vindo do cimo:

Ha venturas encarnadas
Correndo em jorros de luz...

(Para o poema **A UTOPIA**).

ANTONIO FERREIRA MONTEIRO.

Avè-Maria, gratia plena



Arte exprime a Vida e é tão mysteriosa como ella. Só o coração, o Sentimento ouve e interpreta a Arte sem a amesquinhar, que de resto os pinceis e as pedras, na sua inconsciencia, são bem mais leaes do que os homens mais sinceros. O cinzel e o pincel não mentem e, contra o que diz **Poincaré**, a Arte presente pelo sentimento o que a Sciencia só muito mais tarde conhece em toda a realidade e comprehende. O Sentimento é bem o precursor da Verdade, o que já **Platão** sustentou ao dizer que o Bello é o esplendor da Verdade. E' preciso saber, porém, traduzir, conhecer o Sentimento, a sua linguagem.

Sendo assim, a Arte não obedece a leis, a fórmulas, embora ella procure sempre a Verdade, seja qual fôr o ramo e aspecto que ella revista.

"A Arte resume a Vida" e, portanto, nós vamos em presença do pincel ou do cinzel do Artista dizer a epoca, o clima e o meio em que ella viveu. Ninguém certamente vae confundir o *Discobolo*, de **Miron**, com a *Piedade*, de **Miguel Angelo**, não obstante o clima da Grecia ser bem semelhante ao da Italia, pois que aquelle era de Eleutheras, confins da Attica e da Beocia, e este de Caprese, perto de Arezo, na Toscania, como não confunde tambem **Phidias** com **Rembrandt**, ou a *Annunciação*, do cemiterio de Priscilla, em um dos *loculi* das Catacumbas, com igual thema de **Pisanello** ou com a *Annunciação*, de **Guido**, isto sem sahirmos da Italia, e não querendo por agora fallar nos quadros de **Raphael**. Ninguém ha, porém, por pouco artista que seja, que não reconheça em qualquer dos quadros representando a **Psyché**, o mesmo thema que **Rodin** versou na parte humana da *Centaurea*. E' sempre a Alma que lucha desesperadamente para attingir o Ideal. Isto é importante e só o não comprehende quem não sabe lêr nos quadros e nas pedras.

Temos visto por ahi classificar quadros e monumentos por idades e epocas, mas não temos encontrado quem queira lêr no gesto e no rictos do personagem o pensamento que dominou o Artista através as idades e os tempos.

De facto, **Morelli**, que nenhum estudioso d'Arte deve desconhecer, fazendo *Anthropometria Artística*, dá como cunho da Escola de Sodoma, o seguinte.

"O afusado dos dedos da mão; a ligação dos dedos á mão é muitas vezes, diz elle, indicada por uma pequena cavidade; as *paysagens* representam a mór parte das vezes uma vasta planicie cortada pelas aguas, semeada de pequenos grupos d'arvores, limitada por um dos lados por uma collina com habitações guarnecidas de torres, templos

romanos e arcos", mas nada nos diz dos sentimentos que **Giovano Bazzi** quiz traduzir, da fôrma como os traduziu, do mysterio que tratou.

E' necessario estudarmos o Artista, a sua Obra, que traduz o Pensamento e a Verdade tal como eram concebidos no seu tempo, mas que no mysterio dos rythmos e das fôrmas, constitue uma verdadeira iniciação, escapando á comprehensão das multidões, que vão passando de rebanho a Humanidade.

Depois e além d'isso, isto de olhos especiaes e d'edos afusados não se mantem em todos os quadros do mesmo pincel.

E' vêr a *Eva* e a *Natividade*, dois quadros da Galeria de Siena, ambos de **Sodoma** e tão differentes, e tambem a *Madona*, de **Brera**, que tanto se approxima dos trabalhos d'aquelle pela payzagem, distanciando-se muito pela figura, fazendo com que este quadro seja attribuido a Sodoma, embora desenhado por **Leonardo de Vinci**, o que é manifestamente um erro perante essa mesma Anthropometria Artistica.

Não obstante, Sodoma não se preocupou demais com as exigencias chamadas technicas, procurando mais penetrar as almas, traduzir pela physionomia os gestos e as posições das pessoas, os seus pensamentos secretos, enchendo os seus quadros de volupia e de vontade de viver, e respirando-se n'elles liberdade e persuasão.

Não conhecem todos a differença notavel e caracteristica entre Sodoma e Leonardo de Vinci?

Aquelle deu-nos a exuberancia da Fôrma, da Materia, e este a subtiliza e perturbação da Alma. Não obstante, aquelle tem passado para muitos como discipulo d'este.

Na realidade, o gesto d'uma figura, o rictus d'um busto, o cerrar de olhos d'uma mulher, o apertar d'um peito, quantas vezes não desmente todo o entretecido d'uma lenda, não desvenda todo o mysterio d'uma vida?

Vendo, sentindo e percebendo uma obra d'Arte Antiga, nós sentimos-nos reportados á epoca em que ella appareceu, vivemos a vida d'então e reproduzimos no nosso cerebro o pensamento que a animou.

Ao passo que as civilizações se manifestam mais ou menos ephemeramente pelos seus trabalhos litterarios, mesmo nas suas relações com a Dança, o Canto e a Musica, deixam traços perduraveis na Architectura, na Pintura e na Esculptura, ainda mesmo nos menores trabalhos industriaes e artisticos. Por sua vez, quem quer surprehender e comprehender determinada corrente philosophica em uma epoca ou através os tempos, tem de estudar estes elementos, sem o que o seu trabalho não tem sequer visos de verosimilhança, quanto mais de Verdade.

Estas considerações teem ainda mais razão de ser quando respeitam aos phenomenos religiosos, tão intimamente ligados aos costumes e á Moral dos povos, além de que, como disse **Fuschini**, a noção de Deus é "o melhor manancial da Arte", e é d'um dos chamados milagres de Deus que especialmente vamos tratar.

Procuraremos nós fazer o que se não tem feito e escolhemos para isso o thema da *Annunciação*, porque elle synthetisa uma das paginas mais bellas da Historia da Arte, da concepção christã da Mulher, sendo ao mesmo tempo um dos problemas mais transcendentés da Philosphia das Religiões e um dos quadros mais interessantes da Historia.

Para bem lermos os Artistas, é preciso vivermos a sua vida, reportarmo-nos á sua epoca, ao seu meio emfim, tanto mais que, como no caso presente, a já referida noção de Deus «e o grupo de ideias e de sentimentos, que em volta d'ella, como centro, constituem, disse Fuschini, por assim dizer uma cathegoria do espirito humano» obedecem, como todas as Ideias e factos sociaes, a influencias mesologicas, taes como o meio natural, o meio social e a propria acção pessoal.

Por meio da Arte, nós sentimo-nos irmãos das gerações que passaram, damos-lhes as mãos, e vemos como é verdadeira a doutrina de que a Alma perdura de geração em geração, tendo sempre os mesmos anceios, levando na mão o Fogo que Prometheu arrancou dos Céus.

O Artista, não ha duvidal-o, é o coração e os olhos da Humanidade; lendo os seus quadros, o seu cinzel, nós sentimos palpitar o coração dos homens e conhecemos-lhes as suas alegrias e as suas dôres.

Quem ha ahí que não veja no já citado quadro de **Guido** um grande desfalecimento da sua alma de Artista, no efeminado da pintura, em que a doçura toca as raias da insipidez, contrastando extraordinariamente com os quadros da sua juventude? E' o estado da sua Alma doentia, em que as ternuras da sua devoção beijam os extases do seu amor divino.

E' facto, sabemol-o bem, que ainda hoje ha quem não queira que deva o pincel ou o cinzel dar as chagas sociaes, traduzir as nossas maguas e os nossos sensualismos, mas quem assim pensa tem apenas olhos para olhar e não para vêr. Dá-se isso com a *Verdade* e o *Extase de Santa Thereza*, dois soberbos marmores de **Bernin**, em que se conhece já qual o espirito da epoca, e em que, mórmente n'este ultimo cinzel, os puritanos do religioso vêem muito do sensualismo e fórma profana.

De facto a *Verdade* é um canto divinal á Mulher, ao Belo feminino, ao Nú, em que as palpitações dos seios mostram toda a sua turgidez e em que a Natureza viva faz crepitar a ardencia das carnes em toda a Belleza e Verdade.

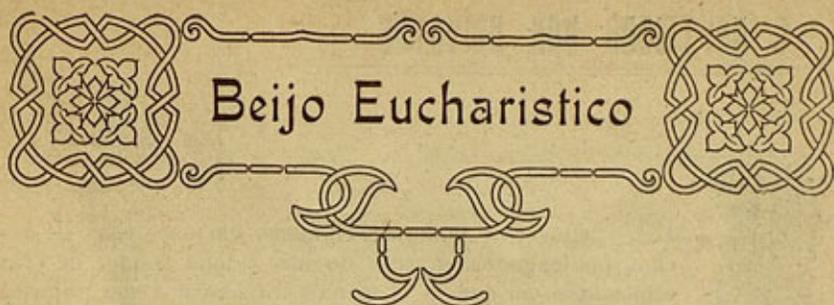
Dá-nos mesmo vontade de lhe ir tomar o pulso, beijar-lhe a fronte, para lhe sentir o latejar das arterias, que nós vemos tremer-lhe a pele, e em que a Vida se expande energica e sãmente.

No gracioso flectido da perna e na outra, que repousa sobre o pedestal, ha tanta graça, tanto encanto, que nós temos vontade de a tomarmos por sob os braços e beijarmos-lhe ardentemente os labios.

E' tão bello beijar a Verdade!

(Continúa).

J. E. DA COSTA CABRAL.



Beijo Eucharistico

HORA em que a tarde pende... Hora serena...
Cinge-me a fronte a graça do sol-posto
E o meu amôr, a mystica assucêna,
Vae-me afagando brandamente o rôsto!...

Hora profunda e calma... Avé-Marias...
Tangem os sinos badaladas lentas,
E, n'um adeus ao Sol, as cotovias
Batem as azas, cantam somnolentas.

Hora emotiva e santa... A luz agora
Fez-se um ecco do sol, é já luar,
E a minha amada, a pallida senhora,
Dá-me n'um beijo o sol a commungar!...

Dá-me n'um beijo o sol a commungar
E, então, desponta em mim a luz da aurora,
N'um sonho de belleza a palpitar!...

— Bemdita seja a pallida senhora,
Loira de sol e branca de luar!...

THEOPHILO CARNEIRO.

O BAPTISADO DAS CHIVOTAS

a. A. M. 209.



LHÉU pequeno e inabordable quasi, em asperezas de rochas ponteagudas, emerge do mar n'uma solidez de eras esquecidas em que os elementos travassem a sua primeira guerra.

Seguindo-o, outros mais e mais pequenos, simples calhaus onde nem sequer pôde infesar-se uma vegetação rasteira.

No primeiro, tonalidades pobres d'uma flora mendiga, mal pondo uma nota de seivas n'um palmo de argillas vermelhas onde a custo magros e torcidos arbustos d'um verde-bronze-sujo conseguem medrar.

Nos outros crystallisações de chloreto de sodio de quando em dias de temporal ás vagas o vento sacode os cimos, onde ha curvas de foices assassinas, jubas de phantasticos leões e alvuras de véus de noiva, para algumas vezes quasi os vestir n'um manto arrendado de tunica branca de espuma.

Para o occidente o mar amplo com tonalidades varias denunciando os fundos.

E lá muito ao longe a imperfeição dos sentidos dando ao mar uma aresta ideal.

Rasgando-o como celaceos enormes, os vapores passam vomitando um fumo branco que das chaminés sae espiralado.

Ao rarefazer-se toma subtilisações quasi de sonho, apparencias fugazes de rendas mysteriosas que mãos divinas tecessem.

Corre ao oriente a costa em recortes de praias brilhando ao sol abundancias de mica.

No ondular solido das colinas brancuras de velas de moinhos e, mais além, casas brancas aconchegando-se n'uma profusão que de longe tem muito de mosarabe, para melhor emprehenderem a subida do monte onde dizem ter Nossa Senhora salvo um cavalleiro.

Pontas avançam sobre as aguas n'um cair a prumo de rochas petrificadas ao sopro d'um *fiat*. Ha-as qu'inda hoje guardam attitudes de desafio, enquanto o mar cavando-se sobre si mesmo, lhes vae minando a base no esburacar constante de quem nas entranhas lhes desejasse abrir cavernas onde o ecco cantasse um eterno psalmo.

N'um orchar phantastico de sons macios como um luar de assucenas, ou asperos como risadas de loucos, os tritões de troncos musculosos e guedelhas d'algas, entoariam uma marcha de heroes semi-deuses, nos buzios caprichosos que guardam segredos do fundo. Nas estalactites como colonellas gothicas d'esta cathedral selvagem, o vento em curvas passaria cantando.

As algas e a maresia, n'um odor irritante carregado de desejos, perfumariam o ambiente.

E ás portas em dias de bonança, as ondas viriam ajoelhar.
Quando o mar recuasse, as gaivotas em bandos escolhêl-a-iam para morada.

E ha escalavrados de rochas em arestações cortantes, com pontas de punhaes e brilho d'agata que as gaivotas escolhem para morada. Pendores que parecem medir a queda, sitios difficeis onde só a aza pôde chegar. E é ahi sobre a rocha quasi nua que ellas vão pôr os ovos.

Ancia de maternidade acordando n'ellas, e pelqs homens contrariada na caça feita aos ovos, ao depois vendidos para comer e para ornamento de mezas.

Na fatalidade de procriadoras forçadas e menos heroicas que os airos de papo branco e azas pardas que ao approximar dos caçadores atiram os ovos á rocha e ao mar em movimentos de recúo, ellas teimam em procriar e assim a caça é abundante.

Fins de junho, principios de julho ardente... os filhos já emplumescem e não tardam a voar. Meio dia, sol em braza... mar em espelhamentos...

Sobre o ilhéu, nau de pedra immobilizando attitudes saídas das grandes convulsões, ha gritos de azas brancas, arqueadas, planando alto n'uma estabilidade de desafio.

Tão outros estes gritos, tão differentes de quando o temporal vae desfeito! Não lamentações onde se esgrenhe a dôr, mas o quer que seja d'um convite para uma festa nos ares.

Os bandos do norte e sul elevam-se em nuvem de azas e os seus gritos, gritos brancos de alegria, parecem furar o crystal azul n'uma ascensão para o alto. Nos eccos que o mar acorda ha mais uma nota, nota limpida, ferida nitida n'um orgão distante perdido talvez nas brumas do mysterio onde os elementos ensaiam as suas symphonias gigantes. Das fugas das vagas, onde ha nuances de esmeraldas liquidas e reflexos de arestas de crystaes brilhando em intermiffencias, outras se elevam.

São já mil e mil vôos, taes e tantos que não distinguirieis a primeira que gritou limpida no céu lavado. Vae uma alegria enorme por sobre as nossas cabeças, o sol vem já coado través de pennas.

Umbela de azas vem descendo feita circulo quasi, e as azas vão se tocando e o sol já passa estreito.

Cautelosa, riscando os ares, uma gaivota que outra segue attenta, ampara nas azas o filho. N'isto uma syncope de vida, subita, instantanea se dá nos ares; e já todos gritam e se agitam em remoinho.

Mãe e filho são cercados e uma manga d'azas ganha base e se eleva nos ares, em labareda de pennas que um vulcão de vida quizesse mandar aos céus.

Das rétrizes ainda humidas o sol tira reflexos.

A GALERA

Primeiro vôo em pára-quebras com alvuras ás espumas roubadas, aerodromo ideal feito de maciezas de pennas turbilhando vida em alegrias brancas de som e côr, onde falam as maternidades fecundas.

O pae e a mãe onde estarão?

Perdidos entre outros paes, outras mães amparando todos, as azas vacilantes da gaivota pequena; não ha que distinguil-os, são quatro azas e duas vidas que se arreceiam por entre alegrias. Como isto é rapido para mim! eu que desejava isto fosse eterno!

Já uma nevada de pennas, rosa branca a desfolhar no alto e que virá coalhar o mar, vem descendo, enquanto duas azas mais pequenas vão voando para o largo.

Deixal-as ir, que talvez inda voltem.

Ha promessas de poiso sobre o mar, jardim esmeralda onde as pennas e as espumas são inflorescencias brancas.

Voando sempre como quem teme perder o habito ás alturas, um ponto quasi a perder-se nos longes, a gaivota lá vac.

Duas outras vão-n'a perseguindo, quem as não conhecerá?

Deixal-as ir; talvez que inda voltem!

Um pescador moreno d'aquelles ilhéus, disse-me que á tarde quando o sol vae a morrer n'uma lassidão de quem golfa sangue, ellas costumam voltar.

Que tinham voltado só o soube mais tarde. Ovo feliz que aos caçadores escapou, disse-me o pescador de boina azul, senão, não teria havido este baptisado.

No seu olhar bondoso onde havia a humildade de duas elegias de luz veladas por um nevoeiro-saudade, parecia sorrir uma alma de santo. Contente por elle não ser dos que apanham os ovos, saltei no bote que o seu braço em amarra puxou para terra. É dizendo um prompto decidido, apertei-lhe a mão de força onde a minha envergonhada pareceu afundar-se, e rapidos, quatro recuos vigorosos n'um só tchap fenderam o mar fazendo gemer os toletes e ao barco cortar a agua.

Já longe o pescador atirou n'um vozeirão de contramestre, um novo convite para alli voltar.

Eu vou a todos, dizia-me elle, e então senti desejos de ser tambem um dos padrinhos do baptisado.

(Do livro em preparação *Terra á vista*).
Coimbra — Abril — 1915.

CARLOS CANDIDO.



Critica de Philosophia e Religiões

Genese dos phenomenos religiosos em geral

I

UMA synthese critica sobre os elementos genericos dos phenomenos religiosos consoante as exigencias mais severas da moderna sciencia, constitue ainda hoje uma these da actualidade, exercendo uma potente attracção sobre a contemporanea humanidade scientifica. N'este seculo sabio e critico por excellencia, é ainda o fulcro em volta do qual gravitam diversos problemas de caracter moral e politico.

Illusoria e vã é, pois, a opinião dos que pensam diversamente, por confundirem os phenomenos religiosos com uma metaphysica subtil ou uma theologia dogmatica, e converterem os sentimentos do transcendente, da suprema realidade *noumenica* n'uma supina e grosseira superstição.

Verdade é que, hoje, a ideia do Absoluto é muito vaga, vaporosa, não despertando aquelle interesse de outras gerações passadas em que se derramavam rios de sangue por uma palavra ou syllaba determinativa dos attributos d'essa divindade. *Altri tempi, altri pensieri*, escreveu um illustre escriptor italiano. Mas, *bon ou mal gré*, o problema da causa suprema ainda se impõe e as normas religiosas, expressões formaes do immanentismo teistico no homem, hoje como hontem ainda conteem e representam o programma, o pacto fundamental de qualquer norma de valor etico, ou de qualquer systema regulador da vida social. E' por isso que estranho essa *mise-en-scène* a que deploravelmente se assiste, isto é, vêr individuos de elevada cultura, órgãos da direcção moral e politica, fazendo parte dos governos das sociedades, cooperarem n'um febril e intenso *fervet opus*, para esse singular apostolado de demolição radical das instituições religiosas, que teem presidido á formação das grandes civilizações e á propria genese das grandes sociedades. Nem este methodo negativo e destruidor é professado individualmente por poucos, já que aquelles que o preconisam constituem legiões, congregam-se em partidos com representantes nas Universidades, nas Academias e nos Parlamantos. Diz-se que a sciencia abriu os seus

inexauríveis thesoiros de progresso ás gerações presentes, mas os phenomenos religiosos ainda subsistem inabalaveis, como nos attestam os factos que o methodo experimental—fonte de tantos e tão maravilhosos resultados para a sciencia—nos constata. O erro das gerações modernas muito verosimilmente consiste, a meu vêr, em não terem analysado e depurado no cadinho do methodo positivo os phenomenos moraes e as leis eticas por que se produzem, da mesma maneira como se tem procedido e com muitos successos praticos no campo do mundo vivo e inerte. D'onde a ignorancia das leis e a erronea convicção de poderem supprimir as religiões como e quando o queiram sem perturbar e socavar profundamente as sociedades que ou as professam officialmente ou devem reconhecer ainda n'ellas o primitivo *substratum* da sua duradoira existencia, que sente ainda circular nas veias do organismo individual de muitos dos seus membros as derradeiras gottas do seu sangue vivificador e quente.

Analysar e comprehender a causa, o *quia* d'estes phenomenos e das suas leis, não é de menor interesse nem importancia, que o fazer o exame e critica da causa e razão suprema das leis por que se governa o mundo physico.

O phenomeno religioso é uma relação do nosso mundo com o mundo do Absoluto, assim como as leis que governam a materia representam relações com o Universo. Mas para além d'estes confins, tanto um como outro perdem-se nas densas trevas do *Ignoramus e Ignorabimus* de Dubois-Reymond. Em face d'estas incognitas, a razão é e ficará sempre muda e a sciencia será impotente para satisfazer a legitima curiosidade do homem, porque tal objectivo está fóra do campo visual da sua comprehensão. Porém, se *vis-à-vis* d'estes problemas o poder do espirito estaciona, quasi *crystallisa*, tanto não succede com a curiosidade do homem. E n'esta cruciante expectativa, faltando-lhe o subsidio da razão e da sciencia, recorre a outras faculdades, e energias latentes que a propria Natureza que lhe gerou aquellas vistas, sentimentos e aspirações. poz prodigamente á sua disposição para conseguil-as e satisfazê-las.

Estas forças vitaes que se integram sob o nome generico de fé, permitem ao homem por um *processus* sempre envolvido do mysterio, mas sempre constante e evidente, ainda que lento, elaborar visões no campo transcendental e deduzir normas determinadas de conducta moral para a vida presente.

Será superfluo accrescentar que essas visões das supremas realidades ultraphenomenicas, são indemonstraveis, porque onde é possivel saber não é necessario crêr e aonde chega a força intellectiva da razão, dispensa-se a fé. Estas visões, que soem expri-

mir-se pelo termo generico de revelações, podem assumir fórmias diversas vagas ou concretas, internas ou externas, individuaes ou collectivas. Geralmente seguem a lei spenceriana passando do estado de uma homogeneidade indefinida e incoherente ao estado de heterogeneidade definida e coherente. De feito, confusas e quasi instinctivas nas suas primigenias manifestações quando melhor exprimem a pulsação das aspirações, tendencias e necessidades da humanidade para as suas satisfações, essas visões começam a corresponder e a realizar os seus fins—fins d'este ou d'aquelle povo, atinente a esta ou áquela epoca—, quando se concretisam e assumem fórmias positivas, já raras vezes indistinctas e fluctuantes, e produzem leis, ora simples e rudimentares como na infancia dos povos, ora tornando-se mais intimas, vividas e reflectidas pelo espirito humano se refinam e espiritualisam na proporção directa que os homens progridem e as sociedades se civilisam. E' por isso que aquellas vistas que se traduzem em fórmulas complexas que provéem á origem e formação das sociedades, se chamam as religiões que a meu vêr correspondem a uma verdadeira e desenfreada necessidade da humanidade. Pelo que póde deprehender-se, que a genese dos phenomenos religiosos escapa á analyse e exame da razão e o methodo experimental, efficaz para o estudo da sua evolução e demonstrar quicá a sua necessidade, é inapplicavel á sua constituição intima. Demais as forças geneticas e impulsivas das religiosas realidades phenomenicas não são sómente mysteriosas por si mesmas, mas apparecemnos quasi sempre envolvidas na escuridão das condições elementarissimas dos tempos em que se geraram e desenvolveram e como energias latentes só se transformam em objecto de exame e critica á medida que no homem e na sociedade se desenvolve e exercita a razão e se denunciam por fórmulas e instituições sobre a elaboração das quaes exerceram uma poderosa influencia determinante. E' n'esta *étape* da evolução que se emprehende a depuração e refinamento das religiões. Geralmente nas grandes civilisações, durante este periodo de elaboração, nascem os multiplices systemas de Philosophia, que por um certo periodo de tempo convivem com ellas e até collaboram para a sua composição. Assim succedeu pelo que respeita á religião romana com os padres e doutores da seita catholica e diversos philosophos cultivadores das artes e letras da Renascença. Esta depuração com o auxilio da philosophia é util e necessaria, comtanto que a actividade da intelligencia humana se desenvolva a expurgar as religiões dos seus abusos, das suas superstições afim de que d'esta arte melhor effectivem os seus fins. Mas este methodo exclusivo é perigoso. A experiencia, de feito, diz-nos que o sentimento

quando é exclusivo e dominante manifesta tendencias a desconfiar da razão, da mesma maneira que esta, quando se torna mais forte, tende igualmente a desconfiar do sentimento. Até aqui ainda não ha belligerancia. Mas eis que a razão attingiu o seu pleno desenvolvimento, não reconhece barreiras, todo o seu trabalho e collaboração converte-se n'um fructo de destruição. E' então n'este dado momento historico que apparece o conflicto entre as religiões e as doutrinas philosophicas, entre a razão e a fé, e se originam as grandes questões religiosas que decidem do destino e da vida dos povos.

Tal tem sido a genese e a funcção d'essas grandes unidades systematicas de instituições religiosas que são as religiões através das diversas *étapes* da humanidade. Nunca crystallizadas em fórmulas fixas e estacionarias, muito pelo contrario diversas no seu aspecto formal e na sua organização, porque são geradas em necessidades, sentimentos e vistas que vivem n'um fluctuante movimento de transformação, n'um incessante *devenir* consoante o maior ou menor progredimento do momento historico em que se considerem em harmonia com as contingencias do espaço e do tempo e com a solução dos mais graves problemas da vida, em proporção directa com a natureza dos elementos de que são productos. Sirvam de *contrôle* as diversas religiões orientaes, ex. g. a hebraica, onde o *processus* de evolução é obvio, clarividente. Só a religião romana tem pretendido fixar os phenomenos religiosos em fórmulas immutaveis com o seu inflexivel dogmatismo de ferro e com o seu rigido apriorismo. Mas os seus esforços titanicos, as suas subtilezas metaphysicas, as suas distincções na totalidade capciosas, as innumerables tautologias e quejandos paralogismos da sophistica são um argumento efficaç e irrespondivel de que tal pretensão é contraria á natureza do homem—*natura non facit saltus*— e representa quiçá o parto de uma mentalidade já doentia e caduca. No entanto assevero e sustento que as religiões tem-se conservado as mesmas em sua natureza e fins.

Eis porque, cotejando as paginas da historia, as suas lições magistraes nos instruem ácerca da existencia e duração tenacissima das religiões mais absurdas e tyrannicas e as sociedades por ellas organisadas offereceram exemplos da mais feroz e indomavel resistencia sob a acção da sua fé.

Mas que uma sociedade tenha perdurado sem religião nem fé, eis um exemplo, um caso esporadico, ao menos, que a historia nunca nos registou.

J. MATHIAS LOPES.

(Continúa).

De quando os “vapores” aportam...

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. B. de C. M.

DIAS d'alegria e tristeza, quando arribam *paquetes* a estas costas!...

...Navios?!

— Seriam pedaços do meu Paiz, alados, fluctuando... Mas os *paquetes* teem voz! — uma voz amiga que, falando-nos saudades embaladas p'lo clamor vaporoso da *sereia*, nos chora reminiscencias alegres na alma dolorida!...

...
Ao ser dia rosado pelo Nascente, acordam-nos a memoria entristecida com lembranças de emoções vividas em tempos de sol... já idas!... trazidas d'avanzada na cascata nevada do cortar da quilha... e partem deixando-nos a vibrar longas *trindades* de lividos crepusculos!...

...
...Dias de alegria e tristeza, quando arribam a estas costas esses pequenos mundos que vivem nos silencios brumosos e nas solidões esmeraldadas e estrelladas do largo Mar!...

...
... Frémitos d'azas, a distancia, acariciam os laivos desmaiados da ante-manhã...

...
... P'los negros côncavos da costa, vagas espumam brancas resonancias...

...
Eu estou n'um alto pincaro tiszado! — negro Phantasma que ainda me fala da antiga belleza do seu corpo de fogo, — ignea estatua!... — e sou um vulto de nostalgica contemplação!

Em frente ao forte — ultima lembrança d'aventuras corsarias, — as aguas arqueiam!... arqueiam! encapelladas levantam-se! — são já montanhas de bronze nevadas nas cristas! — em profundos ruídos de catarata, tombam! abysmam-se, diluindo, abafando tonalidades e sons!... correm, brilhantes, scintillando, caes arriba, orchestrando, n'um golfinhar de notas, os murmurios brandos, siciantes, alvos, das melodias da Espuma!

...
... As gaivotas apparecem, como guigas d'arminho, singrando alvuras no céu que aclara em tintas esbatidas...

e, com leves remaduras plumosas, arrepiam-lhe as côres esvahidas em ondulações aerias de debeis sonoridades.

. Os tons accentuam-se

. O sol surge, como um Artista immenso, combinando tintas no azul abobadado da palheta do céu, pintando primores nas vivas telas dos campos!...

. As gaivotas atravessam a costa, poizam nas gothicas agulhas das cathedralescas construcções de lava... erguem-se nervosas, rapidas, reflectindo a Luz no assetinado das azas... percorrem toda a Ilha, n'uma visita alegre, fresca, — vindas do continente! — gritando boas novas!...

. Dias passados, — n'uma paysagem de chuva, a alma feita de nevoeiros, — voltamos a vê-las, librando alto na costa, beijando amorosas a volupia arfante das ondas...

Não visitam a Ilha!...

. O clamor da sereia de novo vaporisa sons... Mas nada nos diz!: fala para o longe!

. O Capitão apparece na *ponte*... dá ordens, berra, p'r'a prôa.

. A ancora levanta, estrepitando correntes, com custo profundo!

. O clamor falla para o Longe!...

. Nas aguas chorosas, bandeira á ré, o *vapor* branco lentamente, toma rumo!

. As gaivotas batem azas n'um vôo largo, arqueado, cinzento, em rythmos de pennas sonoras, da popa-á-prôa... piando para além da liquida linha do horizonte!...

. E eu fico indeciso, fóra de mim, — perfeito desterrado!... — estonteado por intensidades sentimentaes e pensantes, d'olhos fitos na minha propria saudade, que singra, leve, na esteira invisivel das guigas d'arminho, que cortam, velozes, a Distancia, aos impulsos nostalgicos das remaduras plumosas!...

. Dias d'alegria e tristeza, quando arribam paquetes a estas costas!...

ANTONIO DE SEVES D'OLIVEIRA.

(Da collecção — *Pinceladas...*)

Graciosa,
Junho de 1913.

CHRONICA



OU ao leitor uma feliz noticia — Antonio Patricio vae publicar a dentro de pouco tempo uma nova obra, — «D. Pedro Cru». Quem tiver da vida outras alegrias além d'aquellas que experimenta emborcando uma burguesia tarraçada de feijão e orelheira, e não resume as suas aspirações intellectuaes á lorpacidade palerma de citar lombadas, o que dito fica ha-de levar o alvoroço d'um toque festival.

O artista do *Serão Inquieto*, sensibilidade aristocratisada pela ascensão gloriosa da arte, cinzelador de modalidades rebrinchantes de requinte, que fez da frase uma nevoa finissima e ondeante, onde se descobrem curvas musicaes de palmeira, perfumes de secretos sensualismos, vae agora, após annos de recolhimento, com a sua emoção de eleito ascender a uma nova alma na maior tragedia da nossa historia. A figura phantastica de D. Pedro, com todas as suas violencias mazorras de nevropatha, arcaboço primitivo de traços avivados pela luz de extranha desvairação, silhueta tragicamente rebelde que amargurou a velhice d'um rei e a mocidade d'uma rainha, esbracejando sob a tyrannia avassalladora da paixão, surgirá da poeirada dos seculos, da teia das legendas, com um brilho de epopeia nova. Do silencio dos tempos, quasi ao nascente da nossa historia, o seu coração de rei, erguido ao alto pela alma do chronista, em paginas de simpleza maguada, grita desgraça e dôr ao coração d'um povo que soube chorar com elle, no coice d'um ataúde, em longada de agonia e pranto, de chapada em chapada sob a impiedade dos chaveiros, sob o perdão de Deus.

Espernegado no alazão enlutecido de crepes, macambuzio com a soturnidade extravagante dum Hamlet, rei elevado a martyr, coroadado de amargura, santificado pelo soffrimento, o seu aspecto tem longes de barbaro e o prestigio da sua dôr a todas esmagas. Patricio saberá no marmore que lhe guardou o coração e no coração que lhe guardou o segredo, escutar a voz de novas torturas, a tortura de novas lagrimas. Uma revoada de gazes, nevoaças estylisadas e adejantes á serenidade d'um pé de vento, rythmos de folhagem moça, alegrias de crystal batido de claridade, virão entrelaçar-se na harmonia musical d'uma bella pagina.

14 NOV 1962

COIMBRA
A GALERA

E, todavia, mau grado a grande alma artista que se abeirou da epoca, a obra d'arte, com todo o seu esplendor de maravilha, procissão d'oiro e sol, musica de frases, aladas attitudes de marmores, ha-de empallidecer, desnormalisar-se á luz simples do episodio que o nada dos seculos acarinha e o pó dos archivos desfigura. Poemas d'esta grandeza teem um artista unico, e uma vez só apparecem. Ninguem logrará igualar D. Pedro. Nunca a intelligencia chegou aonde o coração alcança.

Definir-se-ha, com fidelidade, o velludo dos seus brocados, o oiros do seu mantel, o aço vivo das servilheiras. O ar sombrio do seu perfil, onde, a molle e molle, as rugas se franziam torvamente, póde vibrar em destrambelhamentos de epilepsia.

Mas adivinhar aquillo que o proprio D. Pedro não saberia dizer, estylisar a sua magua, cantar o seu amor, olhares perdidos onde as curvas das serranias se espiritalisam em nevoa e vago, sobresaltos e receios, pequeninas amarguras que o vocabulo desconhece e só Deus entende, todo esse poema de febre e sentimento, afinal o verdadeiro thesoiro da senda, elle o viveu e com elle se desfez na gloriosa certeza de que jámais resuscitaria.

Socio da fatalidade, compadreando como bons amigos, ambos compuzeram as ultimas estancias com laminas de punhaes ensangüentados. Contenda de corações só os corações foram surpreendidos, no seu latejar acompassado, pela frieza fina do aço. Apenas dois escaparam, um errante por terra varia a esconder a sua vileza em andrajos de mendigo, o outro, o joven, o reino, a cujo interesse fôra sacrificado.

D'ahi em diante nem mais uma palavra relembra o drama. Dir-se-ia que o segredo recolhêra ao marmore dos tumulos. D. Pedro emmudece. Todo elle é actividade a bem administrar a grei. Deixára o coração em Alcobaça, orando a Deus, rezando a Ignez n'um silencio de templo, n'uma unção de lagrimas.

E a tragedia, corôa-se de mysterio. Só Deus lê na sua alma, só a claridade do céu abranda o seu olhar. Desaparecêra o homem, e apenas o administrador, o aprazil se amostrava um amplo desejo de justiça, uma febre encarniçada de prosperidade. E' assim que o chronista nos dá a figura d'este rei, tragico na mocidade, mysterioso na velhice. E o que a historia contar a Patrio, o artista contará com a elevação d'um aristocrata e o orgulho rigido de verdadeiro intellectual.

Assim seja, para alegria das elites e raiva dos imbecis. Que o mundo sem parvos era uma massada...

Coimbra, 1914.

GARCIA PULIDO.

Condições d'assignatura:

Portugal e Colonias

<i>Série de 24 numeros (1 anno)</i>	1\$00
" " 12 " (6 mezes)	\$85
" " 6 " (3 ")	\$46
<i>Numero avulso</i>	\$08

Brasil

<i>Série de 24 numeros (1 anno)</i>	10\$000
" " 12 " (6 mezes)	6\$000
<i>Numero avulso</i>	\$500

PAGAMENTO ADIANTADO

Esperamos dever a todas as pessoas a quem enviamos a nossa revista, a fineza da sua assignatura. Caso, porém, não nos queiram dar essa honra, rogamos-lhes nol-a devolvam, evitando-nos despesas e a SS. Ex.^{as} a impertinencia da nossa visita.

A Direcção.

LIVRARIA F. FRANÇA AMADO

Rua Ferreira Borges

COIMBRA

Ultimas publicações :

OLIVEIRA GUIMARÃES, <i>Sentenças e critica juridica</i> , 1 vol.	1\$600
VISCONDE DE CARNAXIDE, <i>Sociedades anonymas</i> , 1 vol.	2\$000
PINTO COELHO, <i>Direito commercial</i> , 1 vol.	1\$500
ALVARES, <i>Formulario Civil, Criminal e Commercial</i> , 2 grossos volumes.	5\$000
ANTONIO MACIEIRA, <i>Direito ao lar</i> , 1 vol.	1\$000
FRANCISCO M. VEIGA, <i>Adições ao Ministerio Publico</i> , 1 vol.	600
SÁ NOGUEIRA, <i>Do Divorcio</i> , 1 vol.	600
MENDES DOS REMEDIOS, <i>Escriptoras d'outros tempos</i> , XVI vol. dos <i>Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portugueza</i> , 1 vol.	400
MENDES CORREIA, <i>Os criminosos portuguezes—Estudos de Anthropologia criminal</i> , 2. ^a edição, 1 vol.	1\$000
J. E. DE LIMA VIDAL, <i>Lições da Natureza e dos Homens</i> , 1 vol.	600
JOÃO D'ANDRADE, <i>Contos e lendas</i> , 1 vol.	500
A. SERRÃO, <i>Vida passada</i> , 1 vol.	500
AFFONSO DUARTE, <i>Tragedia do sol posto</i> , 1 vol.	300
SALEMA VAZ, <i>Primeiros rebentos</i> , 1 vol.	400
FERNANDES THOMAZ, <i>Velhas canções e Romances populares portuguezes</i> , 1 vol.	700

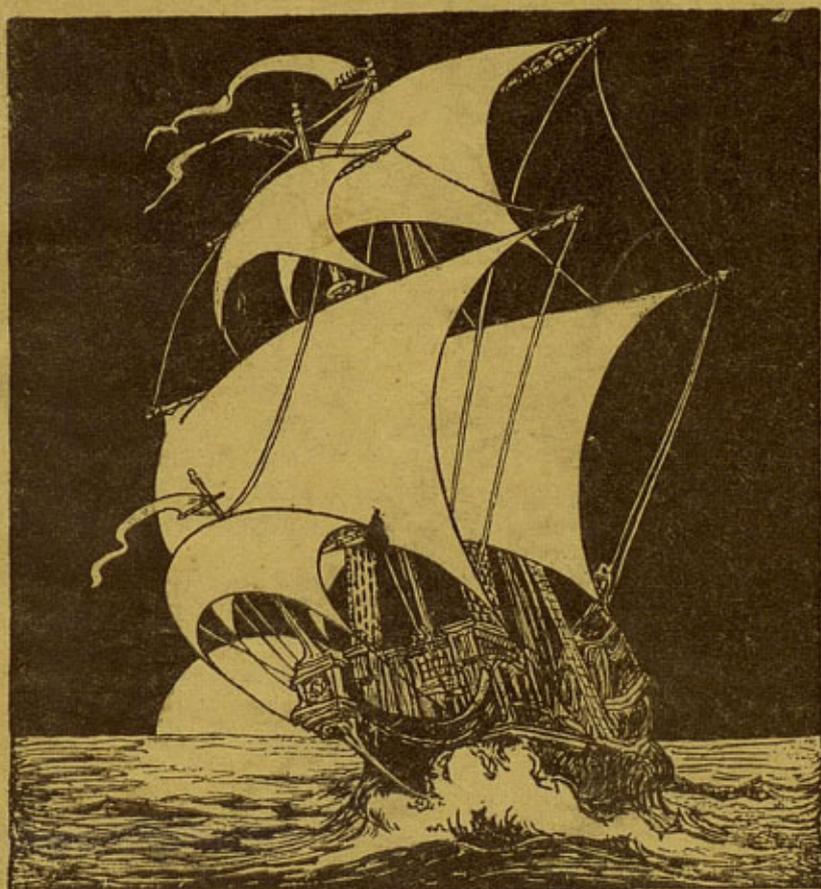
Assignaturas para todos os jornaes e publicações nacionaes e estrangeiras. Correspondencia permanente com as principaes casas editoras do estrangeiro

Trabalhos typographicos

e de encadernação simples e de luxo

REVISTA
DA
UNIVERSIDADE
DE
COIMBRA

A: GALÉRA

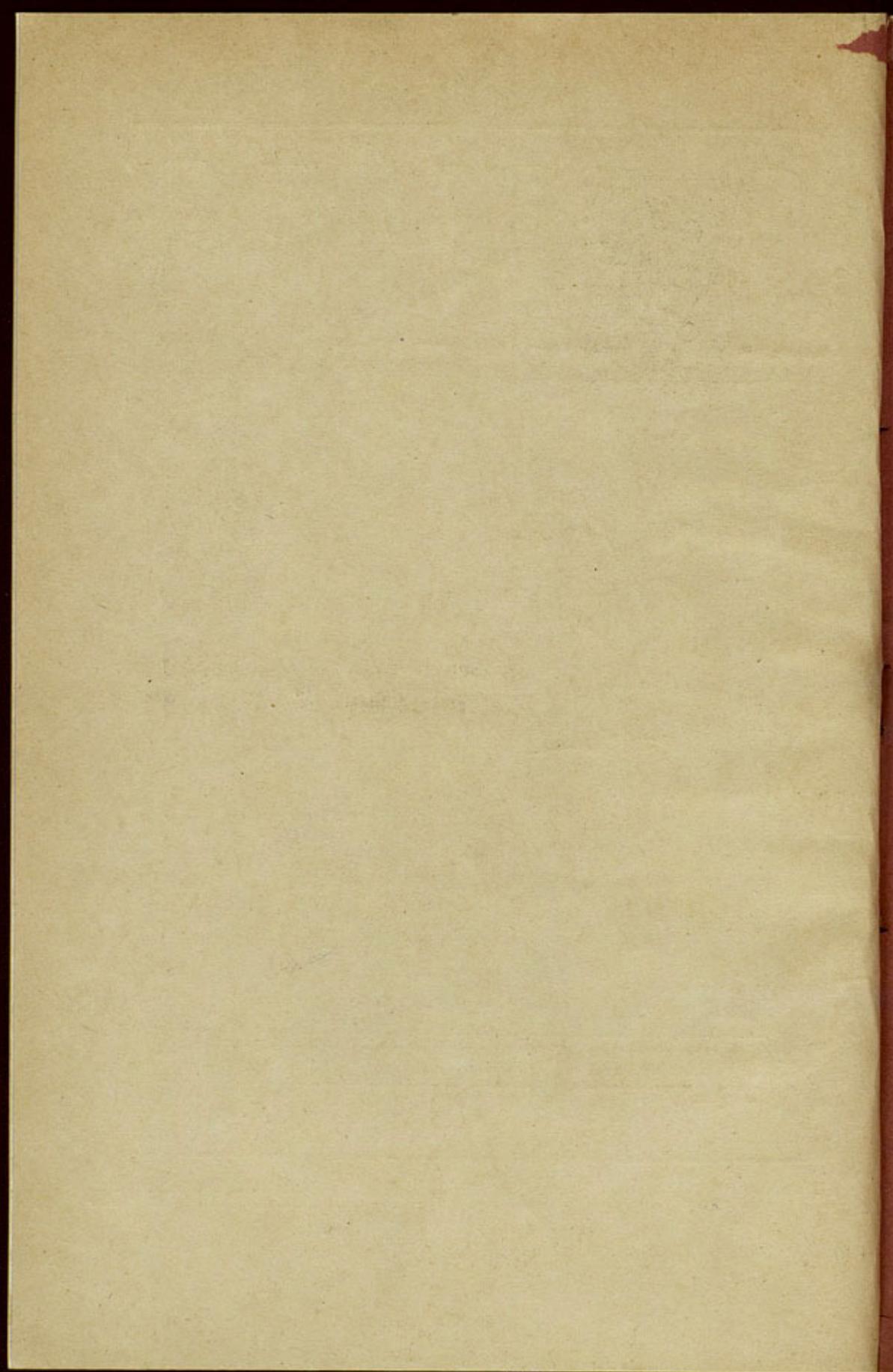


REVISTA DE LETTRAS-ARTE-E-SCIENCIA

Companhia

1.º ANNO — N.º 2

20 DE DEZEMBRO DE 1914





⌘ Suave mari magno praeteriti
Est procedere ad futurum ⌘⌘

A GALÉRA

Revista quinzenal de Letras, Arte e Sciencia. Direcção e propriedade de: Alves Martins, Costa Cabral, Ferreira Monteiro, Garcia Pulido e Nicolau Sobrinho. Secretario da redacção: José Henriques Barata. Editor: José E. da Costa Cabral.

Redacção e administração: Rua Fernandes Thomaz, 85-1.º, Coimbra. Composição e impressão: Typ. «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, Avenida Barão da Trovisqueira, V. N. de Famalicão.

SUMMARIO DO N.º 2 (1.ª série) — 20 de Dezembro de 1914

CAMILO EM COIMBRA, *Teixeira de Carvalho*; AMOREIRA, *Maria Feio*; A JORNADA, *Pires de Lima da Fonseca*; BARBARO, *Mario de Sã Carneiro*; PSYCHOLOGIA DA ARTE — *Avè-Maria*, gratia plena, *J. E. da Costa Cabral*; SINA CREPUSCULAR, *Antonio Alves Martins*; DEUS, *Antonio Ferreira Monteiro*; CRITICA DE PHILOSOPHIA E RELIGIÕES — *Genese dos phenomenos religiosos em geral*, *J. Mathias Lopes*; TRANSMIGRAÇÃO, *Tito Bettencourt*; ARABESCOS, *Alfredo Pedro Guisado*; CHRONICA, *Tito Bettencourt*; CRITICA, *Titus*. — Illustrações: Photogravura de Aillaud, *Alves & C.ª*; gravura, desenho de *Tarquínio Bettencourt*; — Capa de *Tarquínio Bettencourt*.

Condições d'assignatura:

Portugal e Colonias

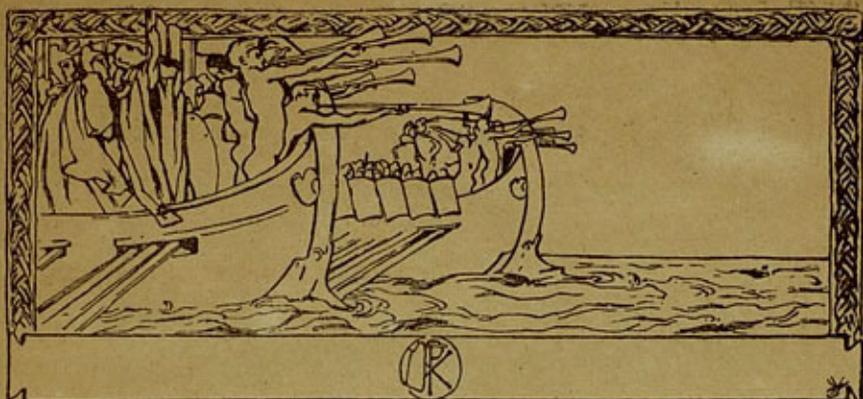
Série de 24 numeros (1 anno)	1\$60
" " 12 " (6 mezes)	\$85
" " 6 " (3 ")	\$46
Numero avulso	\$08

Brasil

Série de 24 numeros (1 anno)	10\$000
" " 12 " (6 mezes)	6\$000
Numero avulso	\$500

PAGAMENTO ADIANTADO

ANNUNCIOS: Contracto especial



Camilo em Coimbra



ÈSPERAS de feriado! Corpo deitado a correr, iamos todos rua dos Grilos abaixo, com a alegria dos rapazes ao sair das aulas, quando o da frente estacou de repente, ao virar da esquina, e nos disse rapido:

— O Camilo!

Olhei.

Na rua, não havia mais que um homem parado, de costas, capa á hespanhola traçada, chapéu alto d'abas direitas, olhando pelas escadas que vão para os Palacios Confusos, como se esperasse alguém.

De repente, voltou-se e poz-se a andar distraidamente para nós, que ocupavamos a rua toda, estendidos em linha de batalha.

Ao cimo das escadas, appareceu então um terra-nova, de pêlo preto e anelado.

Nós amarramos a um lado da rua, e começamos a descer vagarosamente, olhando curiosos aquella estranha figura de homem, nem alto nem baixo, magro, esverdeado, hexigoso, com um bigode farto e descido, antipático . . .

Passou sem atentar em nós.

O terra-nova olhou desconfiado para o grupo, que descia calado, deixou-se afagar sem um movimento simpático da cauda, e continuou

≡ A GALÉRA ≡

aborrecido atrás de Camilo, como a ordenança d'um general n'uma rua só e triste.

Nós continuamos a correr pelas escadas abaixo, mas só começamos a rir outra vez, quando chegamos á Couraça de Lisboa e demos com a alegria dos salgueiros e o olhar azul do rio, em que parecia correr desfeita a tranquilidade doce dos montes distantes.

Parecia que se descobrira de novo o sol.

E nós lá fomos, a correr para o Choupal com o rio que enchêra e vinha marulhar de encontro ao caes, como se fôra a rir e a brincar connosco.

Eu atravessava então uma crise de sentimento.

Chegára a Coimbra com 14 anos, e sentia a alegria de um passarito muito tempo engaiolado, voando por fim livremente, olhando curioso o mundo novo que Coimbra me revelava, rindo contente, mesmo quando caía por me não deixarem voar mais as minhas azas entorpecidas e fracas de passarito novo.

Nascia em mim então a necessidade que havia de dominar a minha vida inteira, de ter sempre opinião sobre tudo e de a dizer bem alto.

Começára vida nova e sentia necessidade de o declarar a toda a gente, para que toda a gente o soubesse e contasse com isso. Mandei-me riscar da irmandade de S. Luiz de Gonzaga de que eu fôra, tempo antes, um dos mais entusiastas fundadores e começára a minha carreira de livre pensador.

A alegria que me dá relembrar tudo isto agora . . .

Esta primeira impressão de Camilo dominou-me a vida inteira. Nunca o encontrei, que não experimentasse a mesma sensação desagradavel que a leitura dos seus livros me fez sempre esquecer.

Nunca ninguem teve por Camilo maior admiração que a minha pelo auctor dos seus livros.

Com poucas, muito poucas pessoas tenho tido a sensação da antipatia invencivel que me inspirava Camilo quando o encontrava e que se repetia sempre desagradavelmente, âlgida como á vista d'um reptil, a cada novo encontro, mesmo quando doente, a morrer, lentamente, na mais terrivel das torturas.

Encontrei muitas vezes Camilo nos dois annos em que ele viveu em Coimbra, mas nunca o vi, na intimidade com estudantes, na livraria Melquiades ou nas ruas, como o descreve o snr. Antonio Cabral no seu recentissimo livro, em que dá como frequentadores da casa de Camilo, os estudantes Gonçalves Crespo, Macedo Papança, Nunes da Ponte e Teixeira de Queiroz, esquecendo o maior e mais fiel dos amigos do grande romancista em Coimbra, o falecido diplomata Adelino das Neves e Melo.

N'estas conversas de Camilo, não perdia ele a sua veia caustica, e contava-se então uma historia passada com Teixeira de Queiroz, em que Camilo aparece, na critica da sua vida, com a mesma ironia feroz dos seus romances.

Teixeira de Queiroz era um dos novos que Camilo mais amava, um d'aqueles por quem folgava de mostrar consideração, tendo sempre palavras de louvor para a obra do joven romancista.

Teixeira de Queiroz jubilava de ouvir o mestre, e aproveitava todas as ocasiões que se lhe ofereciam para provocar a sua opinião sobre os literatos contemporaneos e as suas obras.

Um dia, levou a conversa para G. Flaubert. Camilo disse poucas palavras e deixou falar Teixeira de Queiroz, que andava então n'uma paixão de rapaz pelo illustre romancista. Falou, todo o passeio, Teixeira de Queiroz e subiu a falar ainda a escada de Camilo, quando este o convidou a entrar.

D. Ana Plácido veio recebê-los e, trocados os cumprimentos, sentou-se perto da janela a acabar a sua costura.

Camilo sentou-se tambem, tristemente, a ouvir Teixeira de Queiroz que, continuando a analizar a obra de Flaubert, chegára ao adultério de madame de Bovary.

Na tristeza do gabinete que o fim da tarde ia escurecendo, morria a voz de Teixeira de Queiroz que, impacientado com o silencio de Camilo, lhe perguntou:

— Não conhece *M.^{me} de Bovary*?

— Não, respondeu tristemente o illustre romancista, quem conhece esse romance é aquela senhora!...

E apontou para D. Ana Plácido que continuava a costurar, alheada da conversa pelas preocupações da sua vida.

O viver de Camilo, em 1875 em que o encontramos, é apenas conhecido pelos artigos do dr. Adelino das Neves e Melo, por quem Camilo teve até ao fim da sua vida a maior amisade.

Transcrevemos o pequeno quadro, que tem toda a amoravel simplicidade de uma tela holandeza.

« Na primeira casa em que habitou aos Arcos de S. Bento, eramos visinhos e quasi diariamente o visitava: umas vezes encontrava-o rebufado no seu capote alvadio junto ao fogão, mesmo quando a temperatura amena dispensava tal calorifero; era porém, muito friorento e nunca achava demais as pelissas e os abafos. N'outras vezes, e eram as mais frequentes, via-o á mesa do trabalho, tendo um masso de tiras de papel de cada lado, onde escrevia dous assumptos diversos ao mesmo tempo, descansando de um para continuar no outro. Parece-me que estou a ver o seu gabinete de estudo, cercado de elevadas estan-

tes com a sua preciosa livraria, a vasta mesa com o enorme linheiro já meu conhecido, rimas de papeis e de brochuras, e a inseparavel caixa de charutos; varias photographias e alguns quadros a oleo de merecimento cobriam as paredes, que não eram occupadas pelos livros.

«No gabinete proximo escrevia D. Anna Placido, não sendo comtudo a mesa de costura e o piano simples ornamento; nunca vi ninguem que melhor soubesse repartir o tempo e que livesse menos pretenções litterarias: a maledicencia masculina, que se compraz em descobrir ridiculos nas mulheres litterarias, tinha de emmudecer perante aquella singeleza. Escrever ou tomar lição aos filhos, tocar piano ou costurar eram as suas habituaes occupações, não desdenhando tambem ir á cosinha preparar algum prato que combettesse o fastio habitual de Camillo, que, além da fraqueza do estomago, julgava ter uma infinidade de doenças, que humoristicamente descrevia aos amigos.»

Camilo Castelo Branco nunca morreu d'amores por Coimbra e pela sua gente. Foi um capricho de doente que aqui o trouxe e não a necessidade, que ninguem poderia provar, de educar dois netos, muito novos e de poucas aptidões para o estudo.

Quando está para vir para Coimbra, Camillo escreve aos seus amigos, dizendo-lhes da decisão, e rindo-se do viver que irá ter, annunciando a sua possivel formatura em Theologia.

A unica justificação possivel seria o afastamento dos netos de influencias que pudessem ser-lhes prejudiciais, mas penso que perderá o tempo quem quizer procurar n'esta direcção a explicação da vinda de Camilo para Coimbra.

Camilo veio para Coimbra por um impulso de doente, e por um impulso de doente saiu de Coimbra.

O snr. dr. Antonio Cabral julga que Camilo Castelo Branco encontrou no convivio dos poetas e literatos academicos e nas conversas com estudantes na livraria Melquiades a unica distracção do seu espirito.

O snr. dr. Adelino das Neves e Melo aventa que Camilo tivesse vindo á procura d'essa mocidade e que, se "... julgava elle ainda encontrar na irrequieta mocidade academica uns longes d'aquella bohemia de ideias arrojadas e originaes, que sonhava chimeras e praticava loucuras, mas cuja exuberancia de vida e generosidade de sentimentos não podia deixar de ser apreciada, a despeito da antipathia de lentes e verdeaes. Enganou-se; o ullimo tardigrado, o derradeiro representante d'essa roda festiva, concluiu a formatura um anno antes, e escrevia sisudamente em Braga os seus *provarás*, em vez de sonetos e sonetinhos ruidosamente applaudidos na tasca do Rodrigo e nas Camellas.

«A mocidade que elle encontrou era positiva e pacata, não esturdiava extravagancias notaveis, nem sonhava futuros fabulosos: dis-

culia com juizo as eleições da sua terra, e não mantinha ambições que fossem muito além d'uma boa delegacia ou conservatoria em qualquer comarca do reino: passava por elles o progresso, afugentando a extravagante poesia, que perturbára por tantos annos o appetecido descanso dos paes de familia e professores."

E remata:

"Não encontrando grandes attractivos n'outras relações, limitou a sua convivencia a poucos amigos e passava a maior parte do tempo no seu escriptorio, ou em passeios hygienicos pelos arredores da cidade."

Eu penso que nem um nem outro achou a explicação d'esta decisão de Camilo que deve procurar-se nos impulsos irresistiveis da sua doença.

Camilo passou o anno em Coimbra com todo o rigorismo academico, ouvindo a recita do quinto anno e recolhendo a casa nas férias grandes.

A récita de despedida dos quintanistas que o snr. dr. Antonio Cabral descreveu com todo o enthusiasmo de um caloiro trasmontano não devia deixar em Camilo uma impressão muito agradável.

Figados de Tigre é uma farça detestavel que as graças academicas, d'uma sensaboria classica, tornavam mais detestavel ainda.

Camilo devia rir tristemente d'aquella plateia que ria com a evocação do oleo de copahiba, e com a obscenidade boçal de Tantaló.

Essa récita do quinto anno foi das mais censuradas pela sua falta de originalidade e pela obscenidade dos ditos de pretendido espirito.

Camilo foi-se, no fim do anno, não pensando em voltar. Assim o dá a entender a carta que escreveu ao Dr. Adelino das Neves e Melo em resposta a outra em que este lhe annunciava o nascimento do primeiro e unico filho, que hoje é publicada pela primeira vez:

Meu am^o

Recebi na Povoia a gratissima noticia com q. V. Ex^a me obsequiou. E demais a mais um rapaz! Que sanctas alegrias ahi não irão nessa casa onde só faltavam os jubilos de um anjo! V. Ex.^a verá, como d'hora em diante lhe será mais suave o trabalho, e mais doces as horas de repouso. Anna Plácido e eu enviamos a V. Ex.^{cas} o sentimento sincero da nossa satisfação.

Se V. Ex^a quizer ter a bondade de me dizer se a casa que occupamos está alugada, mt.^o me favorece. Se está alugada iremos no fim de 7br.^o p.^a fazer a mudança; se não estiver, iremos em começo de outubro, p.^a deixar o vinho armazenado! Aperta-lhe cordealment.^e a mão o de V. Ex.^a

ml.^o grato Amigo

*Povoia de Varzim
1 de 7br. 1875,*

Camillo C. Br.^{co}

~ A GALÉRA ~

A casa dos Arcos de S. Bento estava alugada. Camilo respondeu á carta de Adelino das Neves e Melo, da cama e doente como regressára da Povóa.

Camilo Castello Branco não pensava, ao escrever as suas cartas, que elas fossem um dia publicadas e lidas com interesse, por isso certamente as escrevia com despreocupação, que hoje embaraça os que procuram documentar a vida do genial romancista com a minuciosidade á moda na critica litteraria contemporanea.

Julgo tambem inedita esta carta que o acaso me deparou:

Ex.^{mo} Am.^o e Snr.

*Escrevo-lhe da cama onde estou a pagar os *prazeres* da digressão. Só duas linhas de m.^{to} agradecim.^{to} a V. Ex. p.^r tantissimos favores. Contraria-me ter de andar em Setembro com os cocos na rua, não obstante, que remedio! acceito a caza. O peor é que, tendo de mandal-a esteirar em parte, decerto se inutilizam estas pompas de palha com que tenciono rivalisar os Sardanapalos de luxuosa memoria.*

Meu sobr.^o José — cabeça assás ôca — encarregou-se de fazer tanta coisa q. eu receio que elle nada faça. Peço mui affouta e encarecidamen.^{te} a V. Ex.^a que o estimule para elle mandar fazer as esteiras. Tinha-se combinado abrir na sala o boraco para o fôgão; mas intendo que é isso m.^{to} intempestivo.

Qt.^o a esteira, agora, melhor reflexionando, resolvo levar umas que tenho nesta casa, e depois la se renovarão n'essa ou na outra caza.

Hontem enviei a V. Ex.^a um livro.

Peço a V. Ex.^a que deponha aos pes de sua Ex.^{mo} Esposa os meus respeitos e os de meus filhos.

*É sou de V. Ex.^a
com muita amizade e gratidão*

28 de 7bro 1875.

Camillo C. Br.^{co}

A inesperada referencia á cabeça assás ôca do snr. Dr. José d'Azevedo Castello Branco fica á responsabilidade de seu tio.

E' um pequeno dissabor, bem compensado por ter tal homem de genio na sua galeria de familia.

Na carta seguinte, inédita tambem, anuncia Camilo a Adelino das Neves e Melo a sua proxima partida para Coimbra:

Ex.^{mo} Am.^o

Estou enfiardelando a bagagem. Tenciono estar aposentado na risonha Coimbra até ao dia 15 do corrente.

Tem V Ex.^a de me aturar com benigna conformid.^e

Percizo de ter ahí pessoa a quem possa remetter o conhecimento das bagagens q. fór transportando.

Quer-se pessoa q. tome a seu cargo o fazer carrear a mobilia da estação p.^a casa. Lembrava-me ir eu mesmo dirigir estas enfadonhas coisas; mas receio não poder dormir nos leitos das hospedarias que são para mim leitos d'agonia. E' possível q. V. Ex.^a conheça pessoa a quem se retribua este serviço; e, a cargo da m.^{ma} ficaria o cuidado de fazer lavar a casa, e remendar alguma vidraça, bem como assentar fogão na lareira. Vá V Ex.^a vendo quantas importunaçoens lhe delego. Culpe a sua bondade e indole serviçal.

Sahiu agora d'aqui o meu medico, Monteiro, que me disse ser m^{to} amigo de V. Ex.^a Já vê qual seria a descripção que elle me fez das excellentes qualidades de V Ex.^a

Tenho padecido m^{to} n'estes ultimos quatro dias; mas a esperança de mudar de clima galvanisa-me.

De V. Ex.^a

am.^o e adm.^{or} affectuoso

Camillo C. Br.^{co}

Porto
3 de fev.^o
1857.

D'esta carta resalta que não é sem fundamento a minha ideia de procurar n'um impulso de reacção contra a doença a vinda de Camilo para Coimbra.

Camilo está doente, com medo do frio, da falta de conforto, mas sente-se galvanizado com a esperança de mudar de clima.

Não é a ideia de educar os netos que ali o leva, não é Coimbra doutora que êle procura; é a Coimbra risonha que lhe ha-de socegar os nervos excitados.

Tral-o tambem a convivencia com o amigo a quem escreve, que é o Dr. Adelino das Neves e Melo, o amigo mais leal que aqui encontrou e cujas belas qualidades ele folgava de ouvir exaltadas pelos amigos com quem conversava.

Camilo não encontrou em Coimbra o descanso que procurava.

(*Continúa*).

⊗ TEIXEIRA DE CARVALHO ⊗

NOTA — Respeitamos a orthographia d'este nosso distinctissimo collaborador.



(Estylo Renascença)

AMOREIRA

MINHA amoreira, magestosa e antiga,
Cheia de amoras, negras, que eu gostava,
Quando á tua sombra protectora e amiga,
Sendo eu menina e alegre, me abrigava.

Soubesse o que sei hoje, e não deixava
Este docel de folhas, que me abriga,
Por outro mundo, falso, que eu julgava
Tão bom nos sonhos meus de rapariga.

Ao ver-te agora o olhar, já não se alegra,
Ai que tristezas traz p'ra te contar!
—Pudésse eu ser aquela toutinegra

Que nos teus ramos logo de manhã
Sauda da alvorada o despertar
N'uma risada nitida, louçã!

⊗ MARIA FEIO ⊗

A JORNADA

ROMPER D'ALVA



MANHECIA. O céu ia enlivedecendo; e colorações d'anil, de violeta e de topazio, iam tomando o horizonte p'r'as bandas do nascente. Passaros madrugadores acordavam nos ninhos, e já a Natureza espreguiçando-se do somno, começava a despertar para a vida.

Lentamente, n'uma gradação morosa, tons alaranjados iam succedendo ao diluido da amethysta, e um discosinho d'oiro começava a levantar-se espreitando a Terra adormecida; uma imperceptivel tira de luz ia beijar n'um aneio amoroso de claridade os cumes dos montes.

Passos lentos, olhos perdidos nos olhos, os corações em festa, mudos os labios anciando pela linguagem dos beijos a custo reprimida, elles lá iam vagarosos e leves como sombras de ventura, trocando as almas nos olhares, perdida a consciencia da vida no enlevo espirital e alto dos destinos que sô querem entrelaçar-se.

Assim caminhavam, mãos apertadas, corpos inclinados um para o outro, levados irresistivelmente pelo fluido intimo d'uma sympathy que os arrastava para a suprema e completa realidade da posse. Era o sonho vivído, transmittido d'um a outro na corrente impetuosa de sentimento que os dominava, imans reciprocamente poderosos.

Fôra o primeiro olhar o elo da magica cadeia que os ligára na mesma aspiração fremente.

Conjugavam-se as almas, attraíam-se os corpos, trocavam-se os corações, e agora que na mais sublime das loucuras se entregavam sem constrangimento, deixando-se adivinhar um pelo outro, pertenciam-se. Para que mentir? Era assim; assim seria.

O sol banhava-os como uma benção; o grande Deus da Vida, da Força, da Harmonia, deixava-lhes cahir sobre a alma o manto soberbo e protector da sua Graça.

Ruiriam universos que elles não sentiriam a derrocada, baqueariam imperios e crenças e reis, que nada ouviriam.

Suspensos entre terra e céu, levantados pelo espirito acima de si proprios, iam fluctuando serra acima como se não andassem, e como

nuvens se desprendessem da terra e como estrellas se desprendessem do céu.

Havia hymnos gloriosos no deslumbramento da paisagem; a Terra cantava alacre o grande mysterio da Vida.

Erravam perfumes pelo ar, desabrochavam flôres e a manhã levantava-se n'um estonteamento alegre, cheia de gorgeios, de cantos, de claridades deslumbrantes d'apotheose.

Ha muito que aquella jornada os seduzia, e agora que a emprendiam, dilatava-se-lhes a alma ao contemplar aquella symphonia de Belleza que lhes cantava na retina o brilho deslumbrante do sol, esmaltando a paisagem de côres hilariantes.

Galvanizára-os a magestade soberba e alterosa da serra cheia de côr e de vida, os pinaros perdidos lá ao alto no tom confuso e diluido das distancias.

Era ainda tão longe!

Prenderam-se mais os olhos, as mãos buscaram as mãos, e vagarosamente, olhando o mundo como uma névoa da altura vertiginosa d'esse delirio, os labios buscaram-se n'um beijo reciproco e longo, asphyxiante e doce, com o estremecimento offegante de peitos que se apertam.

.

Na frescura embalsamada da manhã, o sol como um clarim de victoria erguia para o alto o seu vibrante canto de luz.

DIA

Pelo caminho já os não assustava a viagem, sentindo-se fortes um ao lado do outro para affrontar os perigos, os olhos embebendo-se na contemplação da serra, obra de Deus a repercutir-se, a cantar dentro de si proprios como um ecco poderoso e grande do amor universal.

Dia claro, de tonalidades purissimas em que o céu não tinha a mancha d'uma nuvem, só aqui e além salpicado pela nódoa escura d'uma aza, symbolo da Vida.

Cantavam fontes, soluçavam aguas, e pelas ramadas ninhos gorgeavam n'uma alegria estonteante e doida com frémitos d'azas n'um ruflar sêcco de vôos.

Recortava-se na luz toda a planicie em pormenorisações nitidas de contornos e de côr, e nas primeiras zonas que iam atravessando, os pinheiros novos balouçavam as cabeças diademadas, a transparentisarem-se á luz em tons glaucos d'esmeraldas liquidas.

Olhavam-se devagar; e olhos brilhantes, cabellos polvilhados de

2 A GALÉRA 2

luz, as cabeças erguiam-se conscientes de força, entroncando os corpos cheios de vida onde um sangue generoso e uma alma nobre na dilatação maxima das grandes felicidades, lhe fazia bater o coração sereno n'um rythmo compassado de ventura tranquilla.

Chovia oiro. O sol a prumo inundava tudo.

Iam subindo, sempre subindo. Espiralava-se no ar o fumo dos casaes, erguiam-se cantos como n'uma saturnal pagã na decoração das florestas soberbas de carvalhos e loureiros dos montes heroicos da Hellade.

A paisagem era clara, consoladora.

Andava no ar um sopro de felicidade que os inundava de bem estar tranquillo, sentindo a alegria estonteante do sol, a ventura infavel das vidas que decorrem sem um remorso que as perturbe, emoções fortes que as sobresaltem.

E tudo á volta lhes entoava o poema heroico e magnifico da Vida.

Casas brancas d'aldeias dispersas incrustadas na massa verdejante dos pinhaes e das seáras, manchas prateadas d'olivedos, debruando como barras de veludo hortas e pomares, tons claros de prados, massas ondeantes de frigaes n'uma promessa pagã d'abundancia. E muita luz n'um scenario hilariante de côres vivas, musicas d'abelhas e de insectos, gemidos melopaicos de noras, sussurros abafados de aguas espadanando nas azenhas, irisadas de côr revolteando e erguendo-se em castellos d'espuma alvissima.

(*Continúa*).

∴ PIRES DE LIMA DA FONSECA ∴

(Do livro «Contos da Noite» em via de publicação).





(Estylo Luiz XVI)

BARBARO

A Tito Bettencourt.

ENROSCAM-SE-LHE ao tronco as serpentes douradas
Que, Cesar, mandei vir dos meus viveiros d'Africa.
Mima a luxuria o nu — Salomé asiatica...
Em volta, carne a arder — virgens suppliciadas.

Mitrado d'oiro e lua, em meu throno de Esphinges
Dentes rangendo, olhar de insomniã e maldição
Os teus colleios vis, nas infamias que finges,
Alastram-se-me em febre e garras de leão.

Sibilam os reptis... Rojas-te de joelhos...
Sangue te escorre já da bocca profanada...
Como bailas o vicio, ó torpe, ó debochada —
Densos sabbats de cio em frenesis vermelhos...

Mas ergues-te n'um espasmo, e ás serpentes dómas
Dando-lhes a trincar teu sexo nu, aberto...
As tranças desprendeste. O teu cabelo incerto
Inflamma agora um halo a crispações e arômas.

Embalde mando arder as mirrhas consagradas:
O ar apodreceu da tua perversão...
Tenho medo de ti, n'um culafrío de espadas —
A minha carne sôa a bronzes de prisão...

Arqueia-me o delirio — e suffoco, esbracejo...
A luz enrijeceu zebrada em planos de aço...
A sanque se virgula e se desdobra o espaço...
Tudo é loucura já quanto em redor alvejo...

Traço o manto e, num salto, entre uma luz que corta,
Caio sobre a maldita... apunhalo-a em estertor...

.....
.....
.....
— Não sei quem tenho aos pés: se a dançarina morta,
Ou a minh'Alma só que me explodiu de côr...

Camarate — Quinta da Victoria.
Outubro de 1914.

⊗ MARIO DE SÁ CARNEIRO ⊗

(Para os «Indícios de Ouro», volume em preparação).

Psychologia da Arte

Avè-Maria, gratia plena

(CONTINUAÇÃO)

Não riam agora os criticos de tèmpera vesga e sangue lasso, talvez desnatado em bacchanaes de vinho barato, cartas de soalheiro, á luz parda e fumacenta d'um candeeiro d'uma d'aquellas casas a que se referiu Mérimée ao dizer: — "*Les trottoirs de ces rues rincés par l'eau des cuvettes*", agora agarrados a Livros d'Horas, para que as horas lhe façam esquecer a virilidade antiga, ao saberem-me de joelhos, os olhos postos no fogo dos olhos de Maria Magdalena deante de Jesus, n'uma paixão ardente, que a olha com um sorriso tão cheio de bondade e carinho que quizeramos ser a terra onde Maria cahiu de joelhos, o dorso arqueado, mostrando-lhe toda a exuberancia das fôrmas, quasi uma nova tentação de Jesus e tanto assim que elle, receando a finura de Judas, estende-lhe a mão, arredando-a, e recúa, n'um mixto de medo e d'encantamento.

A esta Magdalena, á Mulher, temos lido tão formosos versos, eumolpeas tão lindas, que nos recorda logo a comparação que já vimos feita entre **Bazzi** (o *Sodoma*) e **Racine**, ambos agindo sob o imperio d'essa "força mysteriosa" que se chama a Arte, como diz Jaëll, o que nada tem de paradoxal desde que conheçâmos bem o papel e o fim da Arte, a unidade das suas manifestações, sem que, como quer o Realismo, as verdades chamadas geraes predominem sobre as que soe dizerem-se particulares.

O realismo assenta sobre a distincção do *esse* e do *percipi*, e nós temos de o repetir sem condescendencia para com aquelles que se co-roaram de louros, n'uma vaidade de bonzos. Nós o provaremos tambem quando tivermos de estudar o Romantismo e d'elle passarmos ao Realismo. Procurando a universalidade do conhecimento, temos de recorrer ao *symbolo* como *modus cognoscendi*, tanto mais que todo o pensamento é symbolico, começando pela propria *sensação*, que é por si mesma uma linguagem simplificada da realidade complexa.

O Pintor e o Poeta approximam-se, porque ambos elles applicaram os mesmos principios a differentes manifestações da Arte, sem que a vida do tempo de Petrucci fosse do mesmo molde que a do tempo de Luiz XIV.

Eu sei bem que **Bossuet** definiu a Arte "o embelezamento da Natureza", mas a verdade é que esta definição, como quasi todas, olha apenas um aspecto, n'este caso o de menos valor, se é que sob algum aspecto é verdadeiro, da Arte.

Certo é que ainda contemporaneamente o *Impressionismo*, sob a

egide de *Florian Parmentier*, assim a considerou, mas isto não tem razão de ser, como veremos ao estudar o *Pessimismo e o Romantismo*.

A Arte deve, como fez Sodoma, preferir a plasticidade sólida e os corpos viris á subtileza e delicadeza das linhas, dando-nos uma Humanidade cheia d'alegria e ancia de viver, em que nada opprima o coração.

De facto, o pincel de Bazzi quiz penetrar as almas, traduzir physionomicamente os sentimentos do individuo representado, as poses e os gestos, dando a tudo vida, graça e juvenil volupia, e conseguiu-o, dando-se rasgos d'audacia, de liberdade e de persuasão, o que o fez considerar o incontestavel pintor do soberbo poema da juventude.

Não podemos, bem entendido, pôr de parte, muito pelo contrario, a anatomia e a perspectiva, seguindo-se ainda hoje, n'este ponto, os ensinamentos de Vinci (*Tratado de Pintura*, ed. Delagrave; Peladan, *A Philosophia de Leonardo Vinci*, ed. Felix Alcan), mas o certo é que deve o Artista ter mais intuição, natureza, do que reflexão. Basta ver a *Jocunda*, de Vinci, para o reconhecer, mórmente comparando-a com a *Morte de Lucrecia*, de Sodoma.

Não obstante, os dois pintores teem como ambição o que Seailles diz ser «tudo o que n'um rosto e n'um corpo, pôde apparecer da alma humana». Elles completam-se, porquanto ao lado da ardencia sensual da Carne, de Sodoma, encontra-se a intellectual volupia, de Vinci, exprimindo a perturbação da Alma.

Vasari, que é incontestavelmente um espirito critico, diz que tão agradável é a expressão da *Jocunda*, «tão doce o seu sorriso, que mais parece uma obra divina do que humana».

Não pareça, porém, que Vinci haja feito do Ideal uma coisa vaga e abstracta, porquanto elle é, provam-no mais os seus quadros do que os proprios capitulos do seu *Tratado*, a propria intelligencia do real, que elle engrandece á força de o comprehender.

Já Maria, a irmã de Martha, encantava o meigo Jesus com a doçura dos olhos seus, não porque lhe matasse o corpo, mas porque lhe perdia a Alma, segundo o espirito da epoca, o que não quer dizer que eu concorde com tal doutrina, como esse mesmo Rabbi da Galillea não concordou tambem, e tanto que viveu sempre da luz dos olhos da Mulher, banhado pelas ondas dos seus cabellos, e Florenço, quando quiz tentar S. Benedicto, mandou aos frades d'este santo sete mulheres que, núas, dansassem deante d'elles.

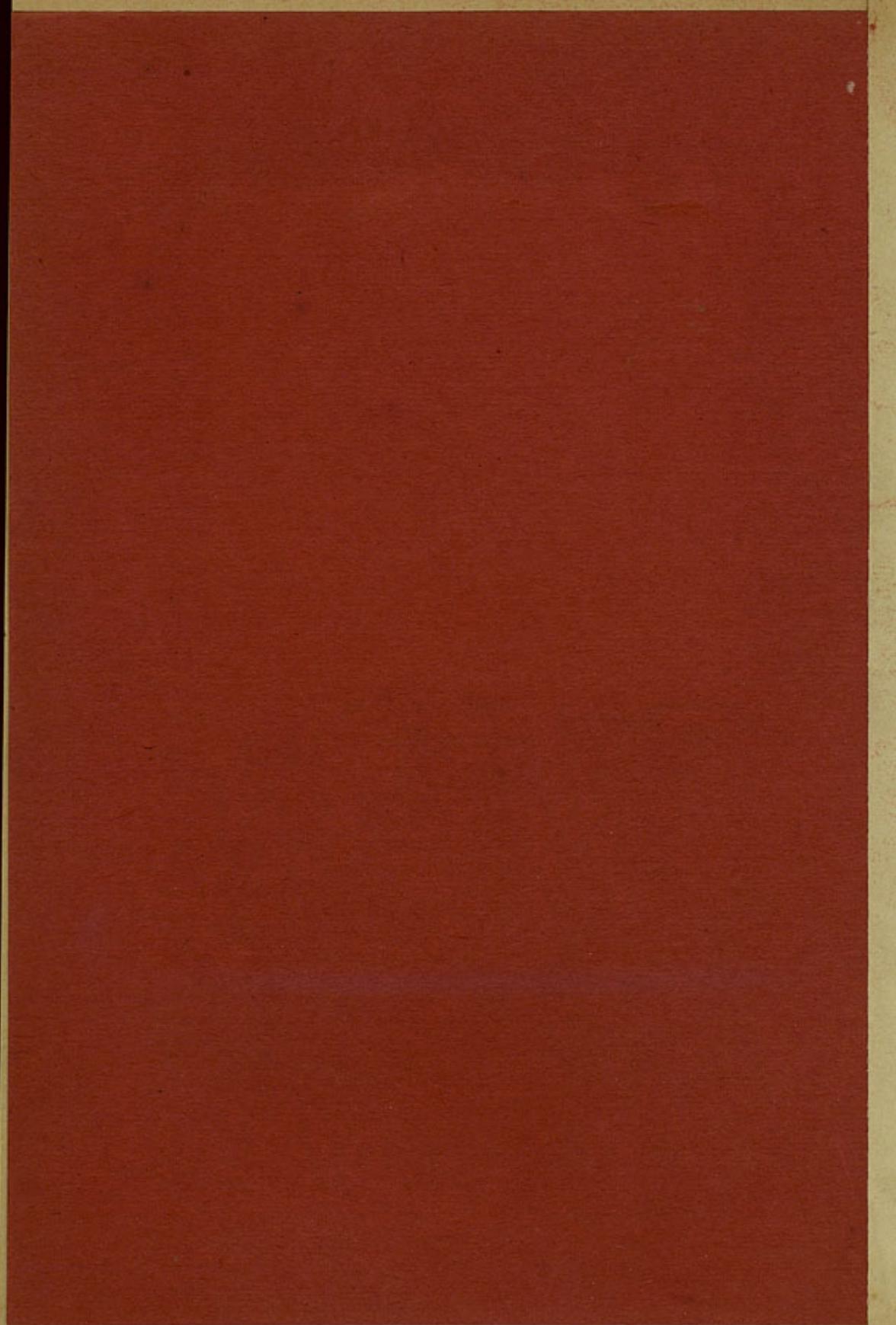
Sempre a Mulher, sempre o Nú!

E' que, se vestirmos a Venus, embora com ténues gazes, ella deixa logo de o ser. A propria Eva, quando o Deus-Pae a mandou para o Limbo (o bom do Padre-Eterno pôl-a tão linda que não teve coragem de a condemnar para sempre!), onde Christo a foi encontrar, enco-bre-lhe os bellos pomos, mas liga-os de fôrma tal que dá vontade de ir sorver o Leite da Vida na concha formada pelos seus braços e pelos

DUAS PSYCHOLOGIAS

≡ DESENHO ≡
DE TARQUINIO
BETTENCOURT

Para o SEBASTIÃO ALCANTARA



seios, que ella achega! E' tão doce beber a ambrosia no entreaberto das duas metades da concha do gôzo!

Na alliança sublime da Pintura e da Poesia, ambas ellas telas da Natureza, quanto mais vestirmos esta, mais o Artista perde da graça instinctiva e subtil do sentimento, perdendo ao mesmo tempo essa poesia ingenua, que brota das rosas que se entreabrem, da Terra, que se deixa beijar pelo Sol, n'um abraço tão estreito que d'ella provém toda a Materia, todo o Bello e todo o Bem, dando-se «il più dolce e il più vago lavorare che sia»!

Chamam a isto, eu o sei, *Idealismo Latino*, mas basea-se elle na realidade, surprehendendo os movimentos mais secretos da Vida, as suas manifestações exteriores — traduzindo o amago das almas —, e só assim se attinge o termo limite para onde todos caminhamos como quantidades e esforços variaveis.

Raphael, que por vezes foi inferior a Bazzi, dôa isto a quem se não prende com pequenas coisas (sic), esquecendo o Papa o protegido de Agostinho Chigi e só vendo o chamado *Pintor da Camara da Assisgnatura*, quando ambos elles ô foram e tambem justamente emulos um do outro, não foi inferior em originalidade e sentimento aquelle ao tratar o quadro de *Aëtion* (refiro-me ás *Nupcias de Alexandre e Roxane*), não se sabendo até se o enamorado de Maria de Bibiena, e, portanto, rival de Leão X, se inspirou em Sodoma ou se este foi beber a inspiração n'aquelle.

Fallei de Eva e Roxane e seja-me licito comparar as duas mulheres, que, nos quadros de Bazzi, se nos mostram duas irmãs, attrahindo-nos ambas seductoramente. Se Eva não tem nos olhos, cheios de piedade, aquella chamma d'Amor, que nos devora e nos abrasa no olhar ethereo e doce no seu posto, de Roxane, a concha dos seus seios, continuando-se na prega do seu braço, que se dobra, e o encanto do seu peito, que dedos esguios querem vellar, arrancam-nos ao mysticismo a que nos levára a calma dos seus olhos, volvidos para nós os mortaes, e afira-nos para o seu corpo ligeiramente arqueado, sugando-lhe as ancas sublimes e bebendo frescura nas suas carnes finamente delicadas. E' bem o mysterio que nos attrae, não sabendo eu se mais o mysterio feminino ou se mais o mysterio christão.

Sim . . . o mysterio! Isso que nós não sabemos definir e que cresce ou diminue segundo o desejo que temos de o interpretar e que, diz *Stéphane Mallarmé*, evolute segundo o nosso espirito!

Esse mesmo mysterio, mas o mysterio pagão, se encontra em Roxane, estudada que ella seja no soberbo quadro de *Aëtion*, n'esse quadro que, no dizer de Luciano (servi-me da trad. de Perrot, Paris, 1660), exposto nas Olympicas, presidindo Proxenides, mereceu que este lhe dêsse como premio a sua propria filha. Ahi se canta por fôrma nunca vista o hymeneu, mas tambem pincel algum lhe deu em qualquer tempo tanta luxuria, velando-a tanto.

Soberbamente nua, formosamente bella, as mamillas mordicantes, os olhos—um mixto de sensualismo e de pudor—vendo um céu de goso, não obstante querer olhar a terra, as carnes palpitantes brincando sob tenues gases, que Amores despem, emquanto que ella, entregando a perna nua, para que um outro lhe descalce a sandalia, mostra o torneado da perna, deixando perceber o resto, como que repetindo a phrase de Lysistrata ao dizer que, para os homens depõem as espadas e fazerem a paz, nada ha como uma mulher deixar ver alguma coisa e sonhar o resto, Roxane deixa, mostrando que tal não quer fazer, ver bem quanta volupia, amor, desejo e sensualismo d'ella se apoderaram. *Ostendit pudenda!*

Referi-me ao papel pacifista dos encantos da Mulher, do Nũ Feminino, e não precisamos sahir do *Pluto, d'Aristophanes*, para d'isso termos a prova, pois ahí vemos como Menelau lançou por terra a sua espada ao ver... o collo nũ d'Helena.

Talvez até, quem o sabe?, que, conhecendo o imperio do Nũ e que «les fruits charnus, croquants, gonflés, pétant de seve» (*La Marchande de Pommes, de Hugues Delorme*) exercem sobre os generaes um grande poder, fosse devido a isso que o Kaiser, o celebre homem do «*de omni re scibili et de quibusdam aliis*», disse a M.^{elle} Lindner que «a alma allemã não ri no desempenho dos seus papeis». Não obstante, é elle menos severo n'este ponto do que o Tzar, porquanto este prohibiu até os Costumes Directorio com a saia aberta ao lado, prohibindo o dar-se um beijo em publico, embora seja em nossa Mãe.

Deixemos, porém, o Kaiser e o Tzar nas mãos um do outro e prosigãmos na paz do nosso gabinete de trabalho a estudar serena e doçemente o Bello e o Bem.

Traduzindo-os, devemos encontrar a vida e a luxuria dos vinte annos, não como um elemento decorativo, como o quiz Veronèse, nem como scenas realistas a Ghirlandazo, mas sim como a expressão viva da Natureza em toda a sua simplicidade, unindo o realismo dos quadros á observação da Natureza. Basta ver Maria, a Mãe, na *Apresentação no Templo*, em que todo o amor de Mãe, toda a natureza da Mulher, se nos revella em toda a sua plenitude e verdade.

Como a epigraphe indica, eu apenas me prendo com a Alma do Artista e não com a technica da Arte, porque ella é por demais insufficiente. Sendo assim, estudo a Psychologia da Obra, a Alma dos themas e não a technica do pincel. Foi, talvez, tambem a essa Alma que Leão X e Juliano de Medicis attenderam ao terem em tanto apreço a *Morte de Lucrecie*, de Bazzi.

(Continua).

SINA CREPUSCULAR

Ao Garcia Pulido.

ÉRRO, de incerto! Desconheço o norte!
Vivo de hesitações! Ouço em surdina!...
... Um cigano vae lêr a minha sina:
Exponho a mão: vou entregar-me á sorte.

No vagabundo olhar, como em transporte,
Sonho a Aventura, a Caravana, a Ruina!
Diz-me que tem inspiração divina,
Que prende a Vida e tem poder na Morte!

Revejo-o bem: descende de alcateias;
Andou a monte; incendiou aldeias!
Aberta a mão, vae lêr-me o desengano...

Depressa a minha sina, ó Peregrino!
— Meu Deus! Como será o meu destino
Para viver na alma d'um cigano?!...

Beira Alta — 1913.



DEUS

Ao Antonio Alves Martins.

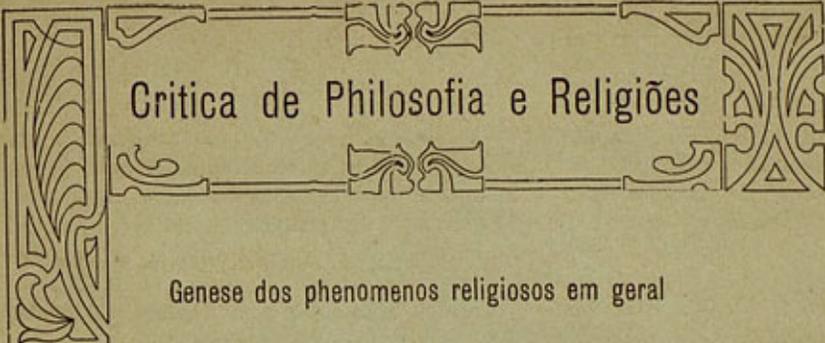
ALBERGO Deus: em mim a sua essencia
Divina se reflecte e se traduz;
Sou um atomo da sua omnipotencia
E sinto-o sempre que commungo a Luz!

Vive inteiro na minha consciencia,
Que delle a uma scentelha se reduz;
E quando imolo a Deus minha existencia
Sou como Christo ao expirar na cruz.

Deus é o Todo em amor divinizado:
P'lo amor em mim mesmo crio os céus,
Ergo-me acima do meu proprio fado!...

Abarco p'lo amor a Immensidade.
E commungando o mysterio da Unidade,
Em espirito eu uno-me com Deus!

Antonio Alves Martins



Critica de Philosophia e Religiões

Genese dos phenomenos religiosos em geral

(Continuação)

QM phenomenos tão complexos como os religiosos, diversos factores deveram simultaneamente conjugar-se e confluir para a sua genese e formação, embora por phases successivas. De feito, as crenças religiosas, cuja existencia e universalidade datam dos tempos prehistoricos, como d'uma maneira indiscutida a historia e a ethnographia nos demonstram por meio dos seus monumentos megaliticos, sepulturas e amuletos, leem as suas raizes primordiales na propria psychologia humana, na actividade incessante e infatigavel do espirito do homem, que não podendo satisfazer-se e limitar-se apenas á apparencia dos factos brutos, que se projectam em todas as coisas, que sejam *eu* e *não-eu*, tudo pretende adivinhar e explicar, induzir e relacionar em nós e fóra de nós.

O psychologico instincto metaphysico em primeiro logar *pensado* e *reflectido* pela intelligencia, em segunda phase *sentido* pelo coração e *vivido* pela consciencia, constituiu, a meu vêr, como que o *bioplasma*, o *nucleus* dos phenomenos religiosos, das crenças em seres ultramundanos, dos anhelos ardentes e impacientes anceios, das mil vagas e indefinidas nostalgias do divino transcendente, que, na sua linguagem prophetica e sibilina, necessariamente impelliam o homem das idades primitivas a crêr firmemente na realidade do mundo paradiziaco da sua creação, ainda que em algumas circumstancias fosse associado, já a uma intuição mysteriosa e magica do segredo do Absoluto ou á divinição dos heroes, já ao culto dos antepassados ou á comunicação directa do homem com o olympto dos deuses. Os povos primitivos, creando as diversas divindades e inventando as religiões, procuravam n'uma febril e cruciante curiosidade de saber, alliada a um vehemente, emocionante e irrequieto *élan* do coração, sahir do estreito e limitado ambito do mundo physico, psychico e moral, para exacta e fielmente interpretarem os diversos phenomenos e enignas do Universo e satisfazerem as multiplas e prementes necessidades effectivas e moraes com que a sua animalidade mystica já poderosamente excitada começava

de tortural-os. Ainda na sua infancia, vivendo n'um horisonte muito reduzido das suas faculdades, sendo-lhes quasi completamente desconhecidos os variegados e multiplices *processus* de evolução das forças da natureza, creram que os deuses e as religiões eram a explicação mais completa, o expediente mais plausível para a solução de infinitos problemas, que aliás lhes seriam insolúveis. Essencialmente homens de fé,—*de credulidade*—, rebeldes á duvida, sem a mais rudimentar noção de probabilidade, divorciados do erro, desprovidos da paciência,—a mais difficil coragem no estudo da natureza—, não sabendo fazer reservas do assentimento nem desconfiar da propria e alheia intelligencia, atravessavam a vida, pondo em exercicio e actividade o menos de pensamento possível, n'um *nada* quasi absoluto de todas as faculdades de analyse e experimentação. Tudo o que ultrapassava o circulo estreito das realidades phenomenicas visiveis e palpaveis, qualificavam de *sobrenatural*, que lhes representava como que o denso véu que encobria os impenetraveis páramos do Além e a resonancia do immortal mysterio das coisas.

Para elles era infinitamente menos maravilhoso e mais conforme á intelligencia, ainda rude e inculta, suppôr, por exemplo, o trovão fabricado pela dextra de Indras ou de Jupiter, que crê-o produzido pela força da natureza,—a electricidade.

Com igual razão poder-se-ia dizer ainda o mesmo do fluxo do mar, dos eclipses, cometas e terremotos, da vegetação, doenças e outros innumeros phenomenos da natureza em face dos quaes reconheciam a sua impotencia para explical-os.

D'est'arte, com os mythos cosmogonicos—primeiros vãos do psychologico instincto metaphysico—, o espirito e coração do homem prehistorico entravam em actividade, pretendendo adivinhar as causas supremas e proximas, que plenamente os satisfaziavam e lhes proporcionavam uma comprehensão facil e um desfibramento exacto das diversas manifestações do mundo vivo e inerte. Não ia procural-os longe, já que os seres invisiveis, que elle tinha evocado á vida da realidade d'um mundo facticio, diversos pelos attributos e poderes na razão da variedade dos phenomenos da natureza e das necessidades internas do individuo, tribu, etc., conviviam com elle em intima communhão e sociedade.

Foi, pois, com esta sciencia incipiente, erroneamente induzida e deduzida, com esta concepção pseudo-scientifica da Natureza, suas forças e leis, que o homem e as sociedades primitivas da idade de pedra polida e quiçá do periodo terciario, organisaram e systematisaram os phenomenos religiosos, e appareceu na humanidade a cellula primordial do organismo das diversas religiões, que com o evoluir dos tempos e das gerações se differenciam pela juxtaposição lenta de elementos heterogeneos.

Eis, pois, as religiões na sua primeira phase. Pelo que resalta a verdade do que affirmei no artigo anterior: as religiões são um producto dos dois mesmos factores, que presidem á origem da linguagem e da litteratura, da arte e de tudo 'o que vemos apparecer na historia — a natureza humana e os factos externos de que soffre a influencia e a impressão. É a razão psychologica d'este *minimum* commum a todas as religiões, cuja natureza, relações, etc., deram origem ás diversas interpretações e hypotheses d'onde resultaram as diversidades irreductiveis entre as fórmãs e systemas religiosos, ainda hoje perdura e impera gloriosamente, a despeito de todo o rigor e exigencia dos methodos scientificos, das luzes e descobertas da sciencia. É que ampliar a esphera do pensamento humano não equivale a invadir e desvendar completamente o campo do *Ignotus*, que é aquelle que os homens exprimem com a palavra — sobrenatural —, e que é o objecto proprio das religiões, as quaes, perdendo no movimento ascensional do progresso muitas e muitas das suas folhas parasitas, — e n'esta faculdade de evolução está o segredo da existencia e duração dos systemas religiosos —, conservam inalteravelmente a raiz primordial da sua razão de ser. A parte *positiva* do progresso, ja bastante adiantado nas nossas sociedades modernas, tem de facto satisfeito diversos desideratos do espirito humano, que n'outras eras só as religiões procuravam satisfazer. N'uma infinidade de phenomenos tem dito a ultima palavra, o porquê definitivo.

Explorando os céus, a astronomia e a physica teem apagado diversos traços das divindades e pulverisado, ainda mesmo nas massas populares, antigas legendas (1) e superstições sobre os movimentos sistemicos do sólo, eclipses, etc., que foram um continuo, fecundo e importante factor na genese dos phenomenos religiosos e dos systemas de religião.

A geologia derruiu d'um só golpe diversas tradições religiosas. A meteorologia, ainda tão joven com os seus estudos sobre as diversas correntes e alterações athmosphericas, fez baquear os deuses das chuvas e dos ventos, os Indras dos Hindús e de outras religiões. As sciencias physiologicas e a psychologia teem-nos garantido da maneira mais plausivel a explicação de inumeros problemas do sistema nervoso. Apesar d'esta benefica industria da sciencia, pondo-nos em evidencia os processos da natureza e rectificando-nos a historia dos factos, parece-me verificar-se o que Darwin sabiamente affirmava, quando escrevia: "ainda que adoptem o meu systema até ás suas ultimas dedu-

(1) Legenda é uma historia que se compõe e se idealisa, porque se ignoram os factos reaes. Quanto menos se sabe, mais se é disposto a crear legendas, como mais se é impellido a crêr o sobrenatural, o milagre, quanto menos se conhecem as leis da natureza.

As origens das religiões são fecundas de legendas.

ções e, mediante hypotheses progressivas, cheguem à cellula primordial, a causa d'esta e das suas faculdades de evolução, para produzir sêres varios, completos e perfeitos, não é menos mysteriosa que o systema da creação *ex nihilo sui et subjecti*».

Na verdade, não obstante a consciencia ampla e às vezes completa que o homem moderno adquiriu das forças e leis da natureza, ainda hoje ao espirito humano a cada canto surgem enigmas, de todos os lados saltam duvidas e novas necessidades. O pensamento moderno, na sua nimia incredulidade, e os seus representantes, com os figados devorados pelo abutre da duvida ou confusos como os povos junto da torre de Babel nos plainos de Senaar, cada vez mais se embrenham nos meandros do labirinho, ainda inextricavel da natureza, não tendo conseguido encontrar o fio de Ariadne, que os livraria d'essa situação embaraçosa.

Não poucas vezes a imaginação parece fornecer-lhes azas colladas com a cera de engenhosas hypotheses!

Vaga e vaporosa esperança, que ainda não conseguiu leval-os a fazer a salvo a travessia d'essas arduas e arriscadas paragens metaphysicas, pois que longe de terem tido a sorte de Dédalo, miseravelmente se precipitam com Icaro no mar largo dos desenganos!

Que fazer pois, não parecendo crível o apparecimento d'um novo Edipo?

A resposta logica não pôde ser outra senão admittir as religiões e as suas divindades, embora como hypotheses provisórias, escalar os seus olympicos aposentos e de lá roubar finalmente o fogo sagrado das verdades primarias e dos ainda infinitos mysterios do universo. De resto, ainda que a concepção d'um mundo exclusivamente governado por leis physicas pudesse solidamente estabelecer-se e os deuses perdessem a sua importancia como soberanos interpretes dos phenomenos naturaes, novas funcções lhe seriam attribuidas em virtude das quaes continuariam a prestar ao homem e às sociedades novos e relevantes serviços.

Um exemplo typico é a divindade das nações latinas, que perdendo o titulo de Deus da natureza e das batalhas, passou a exercer as funcções de Deus da Consciencia e do Amor.

(Continua).

: J. MATHIAS LOPES :

TRANSMIGRAÇÃO

Á janella da «Torre» esguia e de loucura,
A' finda e branca luz de Lua de Janeiro,
Triumpho-me a olhar... Sou filho da Ternura,
Afago, não me sou, sou outro viajero:

As casas, para mim, são pombas já velhinhas;
Longe, o «Choupal» é renda em neve bem macia;
Do «Pio» em bruma, vem-me á mente as andorinhas
E aza, só, descendo em mar de nostalgia...

Sou bruxo, Anto da lenda e Alma transmigrada!
Sou bocca sequiosa e que não sabe rir,
Pagem de negro e oiro em poeirenta estrada...

O' labios meus, rezae; e dae-vos a ungir
Esta canção de sonho, erguida n'Alvorada,
Com olhos a beijar na ancia de dormir...

«Torre d'Anto»
Coimbra — 1914.

Vito Bettencourt



(Estylo Gótico)

ARABESCOS

O SÉQUITO partiu. E envôlta em bruma
Ella ergueu-se mais Alta e foi Saudade,
Não mais a vi. Contorna uma cidade
Uma nuvem de Outôno que perfuma.

Quem sou? Respondem eccos. Em ruínas
Longes castellos queimam horizontes.
Arqueiam-se arvoredos. Nas campinas
Sombrios rios rumorejam fontes.

Ella tange uma harpa. Auréola apenas...
Calaram-se os pavões. Horas morenas
Poisam tempo nos montes. Velhos tons...

A harpa é oiro, etherizada, esguia...
E Ella tange tão branca melodia
Que os dedos se confundem com os sons.

: ALFREDO PEDRO GUIADO. :

CHRONICA

HOI meu destino rabiscar esta chronica. Substituir hoje, Garcia Pulido — o camarada querido e o espirito scintillante de que costuma brotar a chronica d'A Galéra, não é tarefa facil para quem como eu, ao vêr-se "entre a espada e a parede" como soe dizer o povo, encontra unica sahida em longos silencios, n'essas embaladoras hypnosos em que a alma ás vezes desperta e apparece em presenças floridas de coisas que pareciam olvidadas.

Paraças, abandonos, imobilidades de terraços mouriscos onde passeam pavões calados:

Rendas de scismares e nadas a boiar como cysnes em lagos dormentes; mulismos rythmicos e rezas mudas em ciciares brandos, imperceptiveis:

Momentos triumphaes em que vencidos de nós proprios vamos em ascensão de sonho ou ao encontro da Verdade que se nos entrega toda nua, sexualisada, sem pudor.

Momentos lindos de encantamento cheios da graça hellenica das bailadéires evocando a saltitar, momentos que fogem, que voam em longes na noite do tempo e ficam — poeiras doiradas, doces e enternecedoras saudades.

.

Pelas paginas do livro, aberto sobre a mesa de trabalho, revolveu silente, uma mariposa branca.

Depressa, poisou sobre a prosa da pagina, interrompendo-lhe as linhas.

Admirei-me da sua quietação prolongada; quiçá, desejei que voltasse aprehender o seu agitado vôo, mas intrigado por esta mariposa — que me traz nostalgias de primavera n'este prologo d'inverno — colhi-a pelas azas.

Tremeu entre os meus dedos esguios nas ancias de quem perde a liberdade, e deixou n'elles um pôsito branco. A' luz do candieiro de bronze, analysei este minusculo corpo que se fatiga com a prisão; perguntei-lhe o poema dos seus amores errantes, e na minha imaginação vi flôres...

Depois, sem caridade, obedecendo a um frio impulso da vontade, colloquei-o de azas estendidas sobre uma folha, olhei-o um instante e, rapidamente cerrei as capas do livro.

~ A GALÉRA ~

Pensei largo tempo na minha crueldade para com a mariposa branca, pensei n'esta prosaica tarefa de destruir o bello.

.....
Ergo o olhar; brilham com suaves tremuras as estrellas pallidas; a lua mancha o aspaço com transparencia de hostia...

E' uma noite santa, uma noite de legenda.

Abro agora o livro; a mariposa está alli estampada pela brutal pressão.

Volto a pensar na minha crueldade. Mas não; não sou cruel.

O Destino, esse deus que preside ao viver de tudo aquillo que morre, esse deus que joga sempre com os ponteiros dos relogios, baixou às minhas mãos e estampou a branca victima de azas de seda.

Não somos nós tambem mariposas que peregrinamos pelos jardins da felicidade e as steppas da dôr, que revolteamos á roda do grande livro da Vida e que, um dia, cahimos aprisionados entre as suas paginas amarellas e elegiacas, os cemiterios?

.....
A alma, em presença da Verdade que achou, é como uma planície rasa sob um céu d'onde cae sol; deixa-se acariciar e...

E assim, me brotou silenciosamente a chronica...

Graças, graças *Pater Silentium!*

E's tu que me tens valido.

Quantas vezes?

Quantas?!

Recordo aquella em que mordi a haste de uma rosa, aquella em que amaneirei uns labios de morango para mimos de beijos, e aquella outra em que olhando um bêbé que sorria contente, vibrei com o ar, dizendo n'uma d'estas contradicções estupidas da vida, uns versos em que havia soluços, requintes de delicado e tristezas de alegrias perdidas.

Foste tu ainda, a poesia, a alma d'esta chronica destrambelhada sobre o Destino.

Laus tibi Silentium!

: TITO BETENCOURT :

Critica

AO iniciarmos esta secção será bom dizermos que temos que a critica nem deve ter requebros de dançarina zig-zagueando nem ademanos gallegos de moço de esquina e que ella, não deve ser nem céu aberto, nem tampouco mar de naufragios.

Para nós, a nossa secretária ou a scena que olhamos do nosso fauteuil no theatro são uma especie de barril de lixo a que as nossas preferencias e sympathias vão vagabundas buscar o que ellas julgam ainda bom, revolvendo o que não presta; para ellas, entende-se.

E' bem de vêr que assim poderíamos chegar aos exageros de fazermos passar uma joia de oiro por de lalão e vice-versa.

Acreditamos que não iremos tão longe, porque n'estes casos de criticos passariamos a criticos n'outro sentido e o mal seria todo nosso. Mas, e adoptando a phrase já consagrada — *o caso é este*; em critica afastamos-nos de Brunetiére e approximamo-nos de Jules Lemaitre, o illustre *Immortal*, sem abdicarmos umas vezes do nosso lyrismo incorrigivel, outras, do enygmatico bom humor que nos pintalga o que escrevemos.

E, todas estas ligeirinhas reflexões que aqui vão sem prevenções nem ambições são coisas singellissimas ao alcance de todas as cabeças.

Posto isto, colloquemos o monóculo e esticando o pescoço dentro do nosso collarinho engommado a primor, emquanto estragamos às fumaças um *precioso* Laférme, demos aos quatro ventos e a vós, á laia de propagandista de praça publica, uma amostra para reclame, da nossa visão e do nosso senso:

A' Banca

Industria Instrumental Portugueza
(Aponlamentos)
de Michel Angelo Lambertini

E' um repositorio de curiosas investigações e bem elaboradas estatísticas sobre a construção dos instrumentos musicos em Portugal.

Trabalho consciencioso em que o erudito revela tenacidade e qualidades apreciaveis, desfazendo alguns erros, mostrando-nos a evolução historica da Industria Instrumental entre nós.

Por este livro que o auctor diz ser um primeiro esboço, sujeito a correcções futuras, entre outras coisas que interessam o estudioso, ficamos sabendo ter vindo a guitarra da loira Albion e o que aliás nada nos admirou, o ser a sua industria sem igual tanto nos tempos do seu apogeu como agora no seu declinar.

E depois d'esta conclusão dada pela estatistica, — a sciencia que falla com a eloquencia dos numeros, haverá ainda quem se atreva a dizer que não nascemos para bater o fadinho, n'este palmo de terra a que um illudido poeta chamou jardim da Europa, á beira-mar plantado?

"Camillo de Perfil."

de Antonio Cabral. Edição primorosa
da Livraria Aillaud, Alves & C.^a
— Lisboa.

Da rapida leitura que fizemos do livro que merece ser lido com mais attenção e de que fallaremos mais detalhadamente no proximo numero, resultou ficarmos bem dispostos. Falla-nos o snr. Cabral do Mestre e fal-o em fulgurações de talento n'uma prosa que tem estylo e que não sabe a manteiga rançosa, como é de nosso uso dizermos.

Recebemos ainda:

Missal de Trovas, de Antonio Ferro e Augusto Cunha; *Noite de Sonhos*, de Motta Cabral; *Nos braços da cruz*, de Garcia Pulido; *Revista Colonial*; *Arte* (Revista); e *Boletim Bibliographico da Universidade de Coimbra*.

Registam-se todas as publicações recebidas. Das obras de que sejam recebidos dois exemplares, dar-se-ha noticia critica.

Comptes-rendus sur les livres paraissants soit en langue portugaise, soit en tout autre langue, pourvu que deux exemplaires en soient en voyés à la redaction.

Nota

A absoluta falta de espaço obrigou-nos a retirar d'este numero a sub-secção *De Fauteuil* em que faziamos a critica das peças representadas pela magnifica Companhia Caramba no Theatro Avenida e da sub-secção *A Banca* a critica ao *Missal de Trovas* e ao primoroso livro de Garcia Pulido a que fizemos referenciá especial.

EXPEDIENTE

- ❖ Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção.
- ❖ Toda a collaboração é solicitada.
- ❖ Temos a accrescentar ao já avultado numero dos nossos distinctos collaboradores, os nomes de: D. Carolina Michaëlis, D. Maria Emilia Duarte Costa, D. Aurora de Castro Gouvêa, Mario Beirão, Visconde de Villa-Moura, Firmino d'Azevedo, Armando Leça, Saul d'Almeida, Abel Elyseu e Mario Monteiro Lobo.
- ❖ No proximo numero versos de Francisco Villaespesa, Silva Gayo, Eugenio de Castro e um sensacional artigo do Visconde de Villa-Moura.
- ❖ Ainda a falta de espaço obrigou-nos a truncar o magnifico conto "A Jornada", a cujo auctor e nosso distincto collaborador, pedimos desculpa.
- ❖ Devido á regularisação dos trabalhos da nossa Revista, o numero 4 sahirá em 6 de janeiro proximo.
- ❖ Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz.

F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO-EDITOR

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Correspondencia directa com os principaes centros litterarios

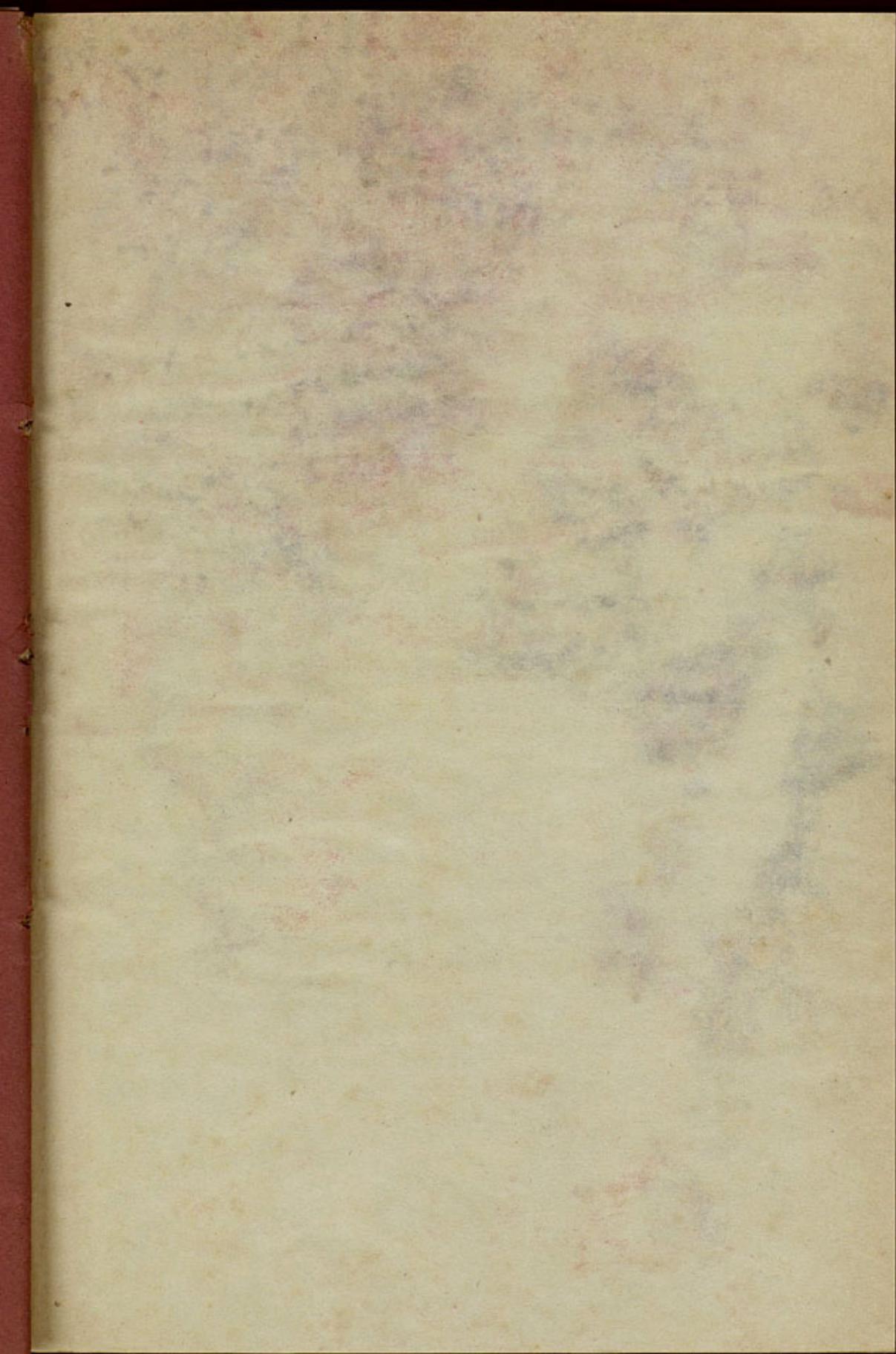
F. FRANÇA & ARMENIO

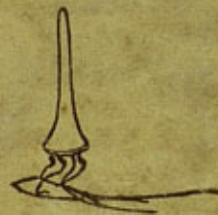
LIVREIROS EDITORES

Livros nacionaes e estrangeiros. Assignaturas para todas as revistas e jornaes do mundo

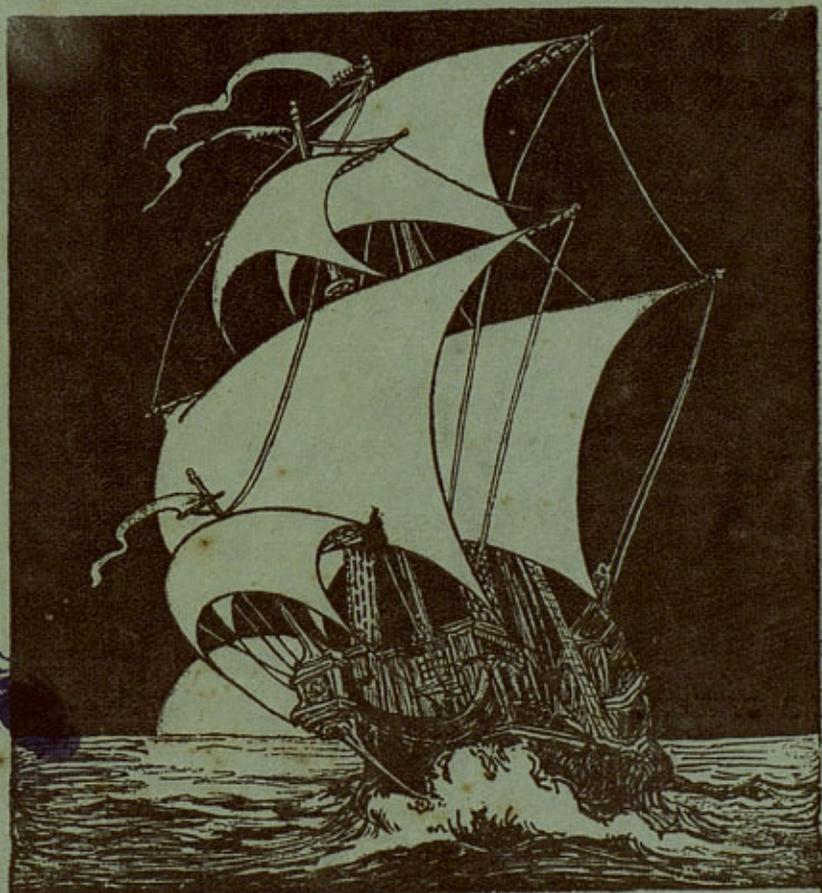
Arco d'Almedina, 2 — COIMBRA

VAGO





A: GALÉRA



REVISTA DE LETTRAS-ARTE-E-SCIENCIA

Complutense

1.º ANNO — N.º 3

6 DE JANEIRO DE 1915





⌘ Suave mari magno praeteriti
Est procedere ad futurum ⌘⌘

A GALÉRA

Revista quinzenal de Letras, Arte e Sciencia. Direcção e propriedade de: Alves Martins, Costa Cabral, Ferreira Monteiro, e Nicolau Sobrinho. Secretario da redacção: José Henriques Barata. Editor: José E. da Costa Cabral.

Redacção e administração: Rua Fernandes Thomaz, 85-1.º, Coimbra.
Composição e impressão: Typ. «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, Avenida Barão da Trovisqueira, V. N. de Famalicão.

SUMMARIO DO N.º 3 (1.ª série)—6 de Janeiro de 1915:

A TEIXEIRA LOPES (Deante do Grupo de seus Paes), *Eugenio de Castro*; VENERAS, *Visconde de Vila-Moura*; JARDIN LIRICO, *Francisco Villaespesa*; A JORNADA, *Pires de Lima da Fonseca*; «...CAMPOS DO MONDEGO», *Manoel da Silva Gato*; O DESENHO NA RENASCENÇA, *Aurora de Castro e Gouveia*; SANGUE DE IGNEZ, *Affonso Duarte*; PSYCHOLOGIA DA ARTE, *Avè-Maria, gratia plena, J. da Costa Cabral*; PASTOR, *Antonio Alves Martins*; IRONIA AMARGA, *Tito Bettencourt*; CRITICA DE PHILOSOPHIA E RELIGIÕES — Genese dos phenomenos religiosos em geral, *J. Mathias Lopes*; QUADRO DE AMOR, *Antonio Ferreira Monteiro*; CRITICA, *Titus*. — Illustrações: Dr. Teixeira de Carvalho (caricatura-retrato), desenho de Saul d'Almeida; Caneca do estylo do Renascimento, reprodução de D. Aurora de Castro e Gouveia.

Condições d'assignatura:

Portugal e Colonias

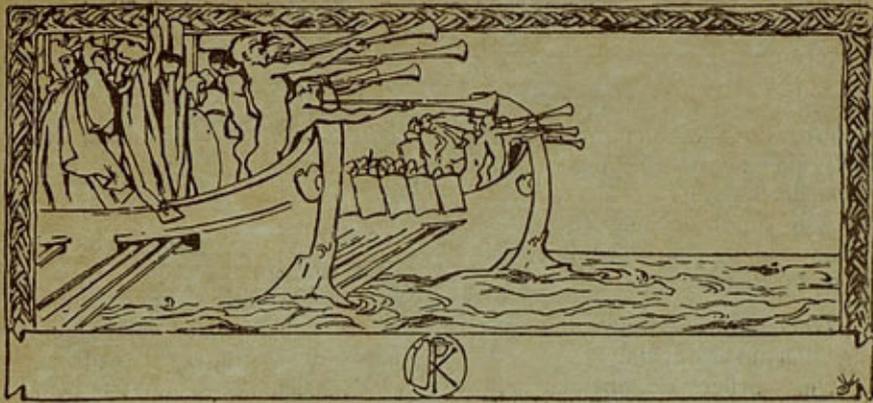
Série de 24 numeros (1 anno)	1\$60
" " 12 " (6 mezes)	\$85
" " 6 " (3 ")	\$46
Numero avulso	\$08

Brasil

Série de 24 numeros (1 anno)	10\$000
" " 12 " (6 mezes)	6\$000
Numero avulso	\$500

PAGAMENTO ADIANTADO

ANNUNCIOS: Contracto especial



A TEIXEIRA LOPES

Deante do grupo de seus Paes

A propria Gloria, ao entregar-te a sua palma,
Deante d'este grupo ajoelhará rendida!
Fizeste de teus Paes os filhos da tua alma,
Déste a immortalidade a quem te deu a vida!

EUGENIO DE CASTRO.

VENERAS

Garrett — Dramaturgo notavel, que os fados prenderam á comedia liberal.

Aza voada de duas carcassas apodrecidas: — a Constituição e o Romantismo.

Herculano — Bonzo de orgulho, talento e duvida.

Um cortiço de abelhas sem azas, obreiras de amargo.

Castilho — Delirio e Treva. Alma impraticavel. A sua Arte flue columnas de sombra, o olhar mysterioso das ruinas! . . .

Soares de Passos — Esqueleto symbolo da sua Obra. Um mundo de lagrimas e espectros romanescos.

João de Deus — Millionario de rimas e graça. Pobre a abarrotar de joias que ninguem quiz.

Os restos da sua simpleza jazem nos Jeronymos, a rir, na decomposição demorada, o desprezo pelas homenagens, pelos homens . . .

Silva Pinto — Memoria de lividos clarões, que a Fortuna reduziu a fogos fatuos.

O Destino e a Arte sob um sol de Morte.

Senna Freitas — Um barrete, uma batina, uma volta . . .

Artistas, ajoelhae ao mascarado!

Gomes Leal — Emblema de Arte e Desgraça. Bronze despedaçado.

Ramalho Ortigão — Talento são e vida forte.

A sua Obra: — annos bons de lida, á penna, nos curros burguezes de Portugal e Brazil.

O seu lemma: — na Arte pelo Realismo, no mais pela Realiza . . .

Guerra Junqueiro — Aguia domestica, vivendo entre gallinhas, e escrevendo com pennas arrancadas das azas, que não do peito, a historia da Patria, tôrva de interesse e elegias.

A sua Arte lembra a cruz de Christo, fulgindo dôr e passado n'um peito impio.

Teixeira de Queiroz — Espelho de casa burgueza. Moldura rica e bom crystal.

Columbano — A Alma peninsular em Treva e Côr.

Tela suprema na sua galeria de *Sombrios*.

Raul Brandão — Ouçam-no! Desfila a Desgraça. Commanda a divisão dos mortos.

Sobre o esqueleto enorme — dragonas, corações, farrapos . . .

Escreve!

A um lado, fixa d'elle, a Historia chora pela primeira vez.

Perfilados, os mortos dictam!



JARDÍN LÍRICO

MI lírico jardín es tan lozano,
y es tan fértil su eterna primavera,
que no da tregua a la labor mi mano
ni descansa jamás la podadera.

Envidia de sus propios detractores,
porque en su cerca florecida encierra
todas las frutas y todas las flores
que producen los cielos e la tierra.

Más de um ladrón, en las noches serenas,
por sus rústicos muros trepa astuto,
ávido de su lírico tesoro,

para castrar la miel de mis colmenas,
y henchir sus cestas con el rico fruto
de mis frondosos árboles de oro.

⊗ FRANCISCO VILLAESPESA ⊗

A JORNADA

(CONCLUSÃO)

CREPUSCULO

Pouco a pouco a vegetação ia-se tornando escassa.

Figueiras bravas erguiam os braços descarnados, braços implorativos de misericórdia. Oliveiras rachíticas, pinheiros esqueléticos, onde uma seiva pobre corria alimentando-os fracamente, levantavam os troncos torcidos, esguios, todos corcovados como sob o peso d'uma agonia.

Pelo chão, rastejante entre pedras, calhaus, no sólo árido e hostil, a urze lançava as raízes soffregas de frescura, delirantes da luxúria do humus sugado.

Era vazia e triste a zona que iam atravessando. Parára alli a esplendida força fecundante do sol. A dura inclemencia da terra resistia-lhe, e era como se o grande coração gelado pela Dôr, se tivesse couraçado d'insensibilidade para resistir aos madrigaes de luz, de calor, que em feixes, em ondas, cahiam como beijos de fogo sobre o seu seio.

No horisonte, para as bandas do poente accendiam-se luzes estranhas. Fulgurações de braza, tons rubros de chagas, allucinações vermelhas de desejos.

Toda a alma da terra se fundia ao contacto ardente d'aquelle supremo beijo d'amor e volúpia; o céu era uma cratera incendiada.

Recolhiam passaros aos ninhos e no ar passavam azas rapidas em demanda da planície.

Que era feito dos anceios vagos, da curiosidade immensa e dominadora da viagem, antes de juntos a emprehenderem?

Onde estavam os desejos loucos, cheios d'infundas tristezas, d'alegrias irreprimiveis, de sós, confiando um no outro, subirem a serra?

Almas que se conheciam, corpos que se entregavam, que era feito do estreamecimento electricamente espontaneo que os approximára?

Certo, nada d'isso morrerá, viria ainda com o ar lavado lá do alto, onde a neve tinha reflexos offuscantes de couraça de lenda, e onde aguias voando erguiam a pupilla fixa para o brilho deslumbrante do sol.

Olhavam espantados o ermo triste, aqui e além allumiado agora pela luz esmaecida e fraca do dia que tombava. Desejos loucos os tomavam de caminhar mais rapidos, para vêr, para transpôr rapidamente o cume que era a tentação suprema.

Soprava um vento cortante, sibilado, onde perpassava como um gume o frio acerado das alturas. Começavam apparecendo rochas enormes, e um ou outro pedaço de neve estendia-se como um espelho nas anfratuosidades cavadas dos penedos. Terra desolada, natureza morta, d'eccos acordados pelo som das vozes, pelo cadenciado tropear dos passos.

Olharam-se mudos, afflictos, sentindo aquelle silencio a pesar-lhes no coração triste.

Cantaram alto e as vozes elevaram-se na solidão, enchendo-a d'eccos distantes, povoando-a d'uma vida irreal.

Assustaram-se. Cerraram-se, e os braços pela cintura n'uma mutua protecção, caminharam mais celeres.

Trocaram beijos, mergulharam os olhos um no outro, querendo substituir pela sua luz, a luz que ia fugindo.

Tinham chegado ao alto; tudo deserto. Olharam ao longe. Névoas iam cahindo lentamente, esfarrapadas e brancas como roupagens de duendes.

Sentiram-se sós. Beijaram-se mais e mais, loucamente, perdidamente, e os olhos recebendo a caricia d'um sorriso onde ia toda a expressão de sympathia n'aquelle abandono, encheram-se de lagrimas silenciosas, calmas, serenas, como as gottas d'orvalho que pelas madrugada cahem das pétalas das flôres.

Sós!... Continuaram a andar; cantaram.

Na sombra que ia cahindo, o canto elevava-se como uma elegia tecida de sonhos desfeitos.

NOITE

Accendiam-se no céu as primeiras estrellas.

Já pelos altos a bruma ia arrastando o seu longo manto.

Confundiam-se os contornos, diluam-se as côres, e nos longes indistinctos n'um esfumado indefinido de meias tintas, o céu tomava tons azuleos d' aço, poisando sobre a terra como uma gigantesca cupula de metal. Cahia sobre a terra um vasto silencio, frio como um sudario.

Vultos d'arvores recortavam-se sinistros na treva como espectros de condemnados.

Cabeça pendida, olhos no chão, lá ia o par tropeçando, doloridos os pés da agrura dos caminhos, mortificada a alma ao peso de sonhos em ruina, embranquecidos os cabellos da neve regelada das angustias.

Partira a luz, morrêra o sol e um frio enorme, esterilisante, em que havia gumes cortantes de facas e hostilidades aggressivas d'inimigo os cobria, dominava e envolvia n'um manto de gelo.

Confundia-se o horisonte com o céu; era tudo a mesma mancha acinzentada e escura.

Noite! Noite cerrada, densa, impenetravel como um dogma, tentadora como um mysterio.

Tinham subido, subido, na ancia enorme d'attingir a altura dominadora d'onde tudo abrangessem, d'onde o seu olhar pudesse, pairando como a aguia, vêr de cima as coisas reduzidas a minusculas proporções.

Na longa caminhada tinham dilacerado as mãos nas rochas, rasgado as carnes pelas veredas sulcadas d'espinhos. Tinha visto as aguas dominadoras precipitando-se em cachões, e resistido ao sortilegio da belleza tentadora dos precipicios; e agora que pouco já faltava para andar, começavam a sentir a inutilidade do seu esforço!

Tinha-lhes esquecido o caminho percorrido, sempre na ancia d'ir mais longe, mais longe, adiante, para o desconhecido. Tinha andado depressa, não olhando para trás, no anccio vago de novas coisas.

Cansavam. Para que ir adiante? E se voltassem? Por onde era o caminho? Olharam á volta.

No valle em que repousavam, transposto o cume, havia a solidão sinistra das terras malditas. Erravam sombras.

Figuras vaporosas de sonho, phantasmas errantes de delirio, povoavam o valle em que agora repousavam da longa jornada.

Interrogavam-se os olhares, e os corações ficavam mudos, exaustos, exauridos, como gladiadores tombados, cansados de lutar.

Começaram chamando cheios de terror; os eccos mandaram-lhes, ironicos, a propria voz, ouviram-se a si proprios. Uniram os labios e tiveram a impressão que se beijavam cadaveres.

Ruidos approximavam-se.

Longe, muito longe, soavam gargalhadas amortecidas pela distancia, cantos d'alegria, poemas d'amor que se espalhavam no ar, docemente, fluidicamente, como um perfume que os entontecia de saudade. Quizeram cantar tambem, mas só soluçaram.

Queriam regressar, voltar para d'onde tinham partido. Por onde era o caminho?

Na frente, recortando-se na sombra, muda, impenetravel, desesperante na immobildade de monstro, a serra recortava-se como uma massa de treva amalgamada com o céu.

Como transpô-la de novo para voltar?

.....
O luar, subindo, deslumbrou-os com uma apparição de sonho.

Transparentisára-se a montanha como se fosse de crystal, e através d'ella viram outros pares subindo, subindo, olhos brilhantes, caras radiosas, caminhando no mesmo trilho que elles tinham pisado, na ancia sempre crescente de a galgarem.

Tombaram a chorar. Por onde era o caminho?...

Lisboa — 915.

⊗ PIRES DE LIMA DA FONSECA ⊗

(Do livro «Contos da Noite» em via de publicação).



“...CAMPOS DO MONDEGO,,

A tudo o Génio cria e nutre vida:
Dos ermos brotará, que Êle visite,
E sempre—donde acaso, um dia, habite—
Póde acordar de novo, renascida.

Á fôrça de presente e conhecida
Já esta amena terra mal permite
Que o brando enlevo seu me solicite
A vista, a bem dizer encêguecida.

E todavía eu sinto resurgido
Por vezes, se inda a vê-la os olhos prego,
Todo esse encanto vago, hoje perdido...

—É que oiço memorarem-lhe o socego
Écos de certo Canto outr'ora erguido
„Nos saúdosos campos do Mondego.“

Coimbra — 914.

⊗ MANUEL DA SILVA GAIO ⊗

O Desenho na Renascença

Á guisa de legenda da nossa estampa, que reproduz uma caneca em Estilo Renascença, oferecemos ao leitor profunctoria resenha dos caracteres típicos da mesma escola.

O desenho é para a pintura o que o esqueleto é para o corpo humano. Está para as tres artes plásticas assim como a osseologia para a anatomia. Por isso a architectura, a escultura e a pintura se denominam artes de desenho. Dai, talvez, a mitologia conceder ao desenho uma lenda, como a antiguidade só soia dispensar aos fenómenos que mui fundamente a impressionavam, sublimando e divinizando-os.

O desenho tem, pois, o seu mito, a sua lenda, cujo escorço sinto tentações de dar, ainda que, momentaneamente, haja de afastar-me do meu escopo.

Nos remotos tempos de uma antiguidade imprecisa, vivia, em Sicione, enlevada nas vaporosas fantasias de ledó amor, uma gentil jovem, filha do oleiro Dibutade. Abandonada pela phébea divindade, depois de ferida pelo traiçoeiro Cupido, a filha de Dibutade arrojou-se nos hirtos braços do Desespéro. Antes, porém, tentou perpéluar as feições do seu amado.

Conseguiu-o, após mil frustrâneas tentativas, rudemente bosquejando em um muro o corpo gentil do pérvido amante.

Estava descoberto o desenho. Mais uma vez as subtilezas do amor tinham esmolado um benéfico serviço à humanidade.

Mas regressando ao nosso intento...

O desenho, como qualquer das artes plásticas, seguindo o caminho do Sol e acompanhando a linha evolutiva das religiões, progrediu de oriente para occidente.

Primeiramente, impotente para imitar a natureza, o desenho limitou-se a traduzi-la por símbolos.

Assim appareceu a primitiva escola *simbólica*.

Depois, a arte, emancipando-se da natureza, procura a perfeição ideal, busca a harmonia perfeita entre a ideia e a sua manifestação.

Desta arte se formou a Escola *Clássica*, onde a estética atinge a culminação. Volvem-se após séculos. O ascetismo místico do cristianismo provoca a decadência das artes.

Mais tarde só, aí pelo raiar do século XVI, é que as influências do humanismo e o estudo dos modelos da antiga Grécia provocaram o resurgimento da arte clássica. Eis a Renascença Artística. Nesta escola a arte do desenho elevou-se ao zénite da perfeição. E', no dizer epifonémico de Henri d'Argis, o momento supremo da síntese artística. Reapparece no desenho a linha pura dos gregos, imponente na sua elegância, perfeita em sua conformidade com o ideal linear do artista. Imitam-se os traços do corpo humano. Copiam-se as galas e adornos da exuberante natureza. Mas não satisfeita a arte com isso, o artista, como diz Vitor Hugo, retoca a natureza, ajuntando alguma coisa à obra de Deus, umas vezes para bem, outras para mal.

Eis o que foi a Renascença na arte do desenho.

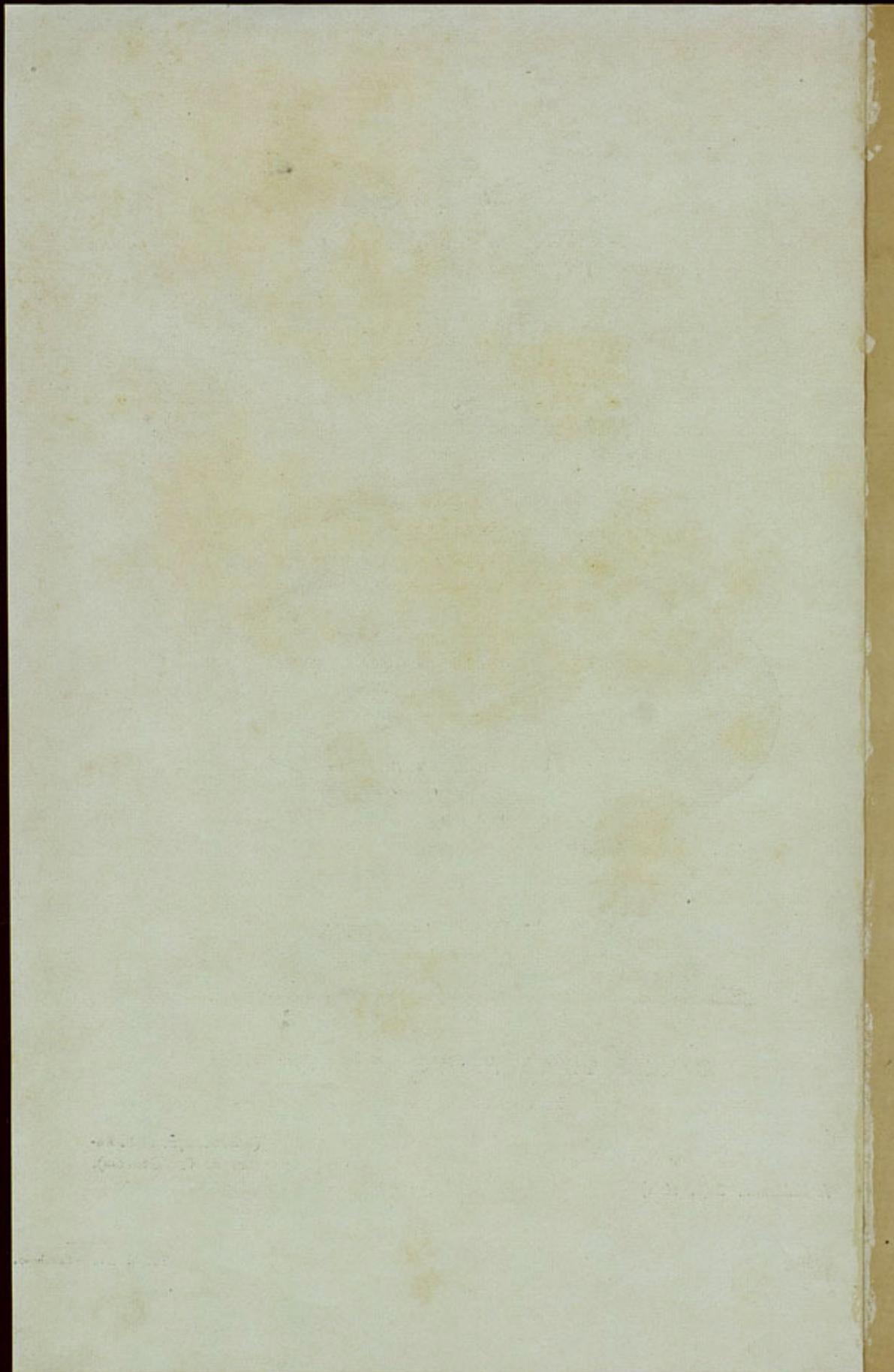


CANECA DO ESTYLO DO RENASCIMENTO

(ORNAMENTAÇÃO PLÁSTICA)

(Reprodução de D. Aurora de C. e Gouveia).

A Galéra, n.º 3 (1.ª série)



SANGUE DE INÊS

Sangue de Inês, Coimbra, é o teu ex-coto.

¿ Quem o crime estranha? a morte chora?
Inês, oh mísera, teu nome evóco
Ao ritos da Paisagem que o memóra.

Em teu perfil de maguada Auzente
Que Coimbra de lágrimas incensa,
Teu sangue, oh mártir, exilou em Poente,
Doou-te o Amor espiritual presença.

Teu infortúnio aos meus lábios timbra
— Sanguínea a golpes na hora do sol pôr! —
Que aos outonaes poentes de Coimbra
O sol é em sacrifício ao teu amor.

E, em teu lago, sismático paúl,
Olho as nuvens do céu côr de martírios!
Anda tua Alma pulúindo o Azul
Dorida luz viática de círios.

E ao que esta luz fatídica delira,
E ao que a paisagem tem de insatisfeito,
Com meus dêdos em febre, as mãos na Lira,
Soluçarei cuidados do teu peito.

Meus ais, Fonte das Lágrimas, ouvide-os:
— Holocaustos da Luz, céos em vitral...
Oh paisagem de místicos suicídios!
Lágrimas — sam amôr em Portugal.

(Da tragédia « Sangue de Inês »)

∴ AFONSO DUARTE ∴

Avè-Maria, gratia plena

(CONTINUAÇÃO)

Fallei n'este celebre quadro e cada vez me convenço mais de que tive razão ao pô-lo em destaque, mórmente se o compararmos com uma das maravilhas do pincel de Sodoma, o *S. Sebastião*. E' facto, eu sei-o bem, que ha quem affirme que a *Morte de Lucrecia* desmente essa firmeza romana que tão habituados estamos a admirar, mas ella traduz manifestamente a serenidade do dever cumprido, embora retrate tambem a dôr humana produzida pelo golpe ferido pelo punhal da morte, que, a seu vêr, a redimiu da mancha do adulterio.

A resolução foi energica e terminante e apenas Lucrecia pediu que a sua vida custasse uma vida. Se o prazer de Sexto Tarquinio lhe ha-de custar a vida a ella, é porque Lucrecia tem em muito apreço a vida. Seria preciso ser sobrehumano para que a força physica não alquebrasse a energia moral. Lucrecia provou estar convencida de que a mulher honesta só lava a mancha do adulterio com a vida. Essa sacrificou-a ella nas aras da Honra, mas, se tinha a dôr muda por haver sido violada, por haver sido ferida na sua honra, igual dôr tinha ao perder a vida.

Na languidez do seu olhar, ia, com o lembrar ao marido e ao pae o juramento por elles feito, o "*exoriare aliquis nostris ex ossibus ultur!*", o tomar os céus por testemunha de que a sua alma estava pura. Na verdade, essa candura da alma de Lucrecia, e o crime miseravel, maior por partir d'algum que era recebido como amigo, de Tarquinio, foi o fim da realza em Roma. A bocca entreaberta solta um suspiro pela Vida e os olhos pedem a Morte.

N'essa *Morte de Lucrecia* e no *S. Sebastião* attende-se extraordinariamente á Fôrma, á volupia da carne, e a alma d'esta tela é tanta que Barrés não duvidou dizer que Bazzi poz mais perturbação no corpo de S. Sebastião do que Vinci poz nas almas.

Sebastião, o martyr, crivado de setas, tem o mesmo olhar, o mesmo gesto de dôr e confiança que Lucrecia, d'essa dôr humana, tão grande e tão lancinante que nem as palmas do martyrio, nem a consciencia do dever cumprido a dominam.

Não obstante, Max Rooses considera o *S. Sebastião*, de Bazzi, "uma das mais bellas figuras de toda a escola italiana".

O extase e fervor divino que se apoderaram do Martyr não tiveram forças para vencer a dôr do Homem, tanto mais que, como se deu com a *Syncope de Santa Catharina*, era preciso deixar o sobrenatural e dar o visível, ao mesmo tempo que tinha de se traduzir o drama intimo da Bondade e da Fé.

Sendo assim, como podia Lucrecia e Sebastião sorrir perante á

a Morte, que elles provocaram, sem que no seu rosto apparecesse a dôr? «Mens agitat molem» «et mentem mortalia tangunt».

Já Leibnitz disse que «o corpo é um espirito momentaneo, devendo os jogos phisionomicos, os gestos e as attitudes dos personagens, traduzindo os seus sentimentos, ser objecto do estudo do Artista e por elle traduzidos nas suas obras, pois que elle deve dar-nos o Homem e o estado da sua Alma, como disse Vinci.

Estudar o Corpo Humano sem lhe estudar a Alma, os sentimentos, é estudar um cadaver, e este, tiradas todas as imagens que nos enchem de pavor, nada é mais do que materia inerte, bruta, que se decompõe nos seus elementos, que se torna estrume.

A resurreição do Corpo só se faz pela Alma, mercê do Espírito!

Como o Artista, para traduzir o estado da Alma Humana, apenas tem os gestos e os movimentos do corpo, só assim Sodoma pôde traduzir a dôr physica e a psyche de Lucrecia e de Sebastianus. Depois, quem ha ali que não saiba que a mesma emoção, a Dôr, varia na sua intensidade, na sua manifestação, com o meio, a idade, o sexo, a profissão, essas mil concorrentes que a nós pedagogistas mais do que a muitos outros importa conhecer? E' a Sciencia ao serviço da Arte, dando-nos os movimentos visiveis, que correspondem aos invisiveis da Alma e a traduzem.

O depoimento de Rooses tem a maior importancia, pois que elle, com uma consciencia superior, compendiou todas as obras primas da Pintura das differentes escolas de 1400 a 1800.

Tomando um personagem da Vida Christã, Sodoma regressou á Arte e Plastica gregas, e assim é que Sebastianus, general romano, ressurge os bellos ephebos da Grecia antiga, a propria imagem da volupia. Bem o mostram os seus braços pedindo caricias, os seus hombros ternos e redondos e as repregas das suas carnes, que mulheres de seducção invejariam.

Em Sebastião e em Lucrecia, o mesmo rictus nos labios!

Em ambos a mesma angustia nos seus olhos de Luz, agora rasos de lagrimas! A ambos a dôr physica mata na idade do Prazer e do Amor.

Esses olhos são a esphinge que a todos se põe; olhos immortaes e mysteriosos, tão mysteriosos e ambiguos como a *Jocunda*. Nos trez quadros os olhos dos personagens teem alguma coisa de indefinido e vago, que nos occulta o amago da sua Alma, por mais que a sonde-mos e perscrutemos!

Se approximarmos estes quadros d'uma outra obra magistral de Sodoma, *Syncope de Santa Catharina*, da Roxane do quadro referido, da *Verdade* e do *Extase de Santa Thereza*, de Bernin, em todos encontramos o mesmo fundo de volupia e de Amor, a mesma ternura ardente no Amor, que é o deus — synthese dos deuses differentes que ellas e ellê adoram, a Verdade, o Bello, o Amor!

Em todos os quadros se encontra sempre a busca da Verdade Humana e não a chamada Verdade Historica (nos meus *Revoltados*, em publicação, digo eu o que é uma e outra e apresento o meu criterio ácerca da Historia e da Crítica Historica), indo buscal-a ao seu proprio coração, motivo porque muitas das figuras d'estes artistas, e tambem de Vinci e outros, se fornaram immortaes, traduzindo profunda e intensamente a Psyché.

Estamos, pois, tratando do Symbolismo na Arte, e na verdade toda a imagem é fundamentalmente um resumo symbolico da ideia formada pelo Artista ácerca do mundo infinito das sensações e das fôrmas. Para bem nos comprehendermos a nós, carecemos de o comprehender a elle, porque, eu disse-o já, o Artista, servindo-se da sua intuição, n'uma linguagem com o seu cunho pessoal, dá-nos as relações que a Sciencia só muito mais tarde conclue, servindo-se da experiencia. Ainda hoje e sempre a Ideia é o que ha de mais util para o Homem.

D'estas considerações se conclue positivamente que só ha Arte onde ha intuição e poder pessoal, cunho proprio, como tambem a utilidade da Ideia se mede pela accumulção das emoções e vontades despertadas, porque prova isso que a fôrma por ella traduzida se adapta á sua funcção, visto o papel da Ideia ser definir essa funcção.

Nós dissemol-o já tambem vezes tantas, só o Amor é a chamma da Vida e só amande-se se vive; faz isto que todos aquelles que sabemos viver, os que tomamos parte na aventura terrestre, sejâmos uma vez Poetas, encerremos em nós "toda a poesia do Mundo". Dizemos Poetas porque elle é o cantor da Arte e canta a Arte porque canta o Amor. Canta o Amor na sua harmonia universal, o proprio Amor Sideral, porque tem no seu coração a Fôrma e a Ideia que o completa; porque o Amor existe no seu coração, e elle procura a Mulher, como esta deseja o Homem, estreitando-se os dois n'uma doce communhão d'Espirito, aperfeiçãoando-se na continuação do seu sangue, dos seus anceios e dos seus beijos.

Este Amor é Deus, porque Deus é o calor que tudo anima, as almas e os corpos, e que vemos no sangue que gira na planta, nos milhões de sêres que povoam a onda que vem espreguiçar-se na areia, tão indolente e tão lascivamente como a mystica Thereza do cinzel de Bernin.

Deixemos a fôrma tentadora da ideia naturalista de Guyau, a moral da piedade de Schopenhauer e as dôres moraes, de Tolstoi, e regressemos á Vida na Arte e pela Arte!

(Continua).

PASTÔR

Ao Ferreira Monteiro.

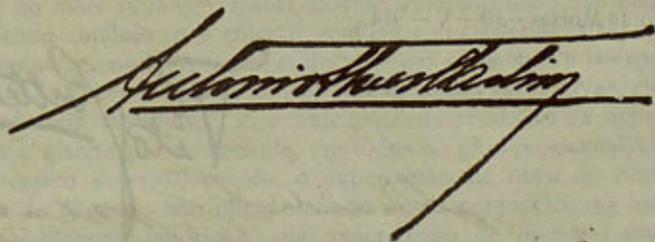
MEU Deus, olha o mysterio dos teus montes!
Meu Deus, eu sou pastor no teu montado!
A minha sombra ensombra os horisontes;
Treme o rebanho ao vêr o meu cajado.

Serras da minha fé, em cujas fronte
Reza o balido agreste do meu gado,
Dão-me nas fragas o cantar das fontes;
Dão-me nas giestas as flores do prado!

Pastor eu sou, basta-me a côr trigueira!
Na minha choça, erguida ao ceo da Beira,
Durmo embrulhado n'umas mantas velhas.

A minha frauta é a voz da minha Raça!
Pastor eu sou! Senhor, na tua graça
Eu vou pró monte,—apascentar ovelhas!

Beira Alta, 1914.



IRONIA AMARGA

(Dos « Abandonos », volume
de versos em preparação)

... **A**i, lá vem o cortejo em curvas sensuaes!...
São mimos d'oiro aos quaes, em gritos torturados,
Estendo os braços nus... São tintas e brocados
No mar alto e azul das horas irreaes...

Descende-me um perfume e cinza nos vitraes...
Na sua cadeirinha, entre pendões alados,
Dona Alma a chorar vem, seus sonhos destroçados...
—Rastro de rôto panno em auras triumphaes...

A minha Vida em luz chega arrastadamente...
O Tédio ao luar, com gestos de doente
Deixa o balcão em flôr, vem á porta bronzçada.

E, bôbo ideal, solta a gargalhada á Vida...
E scisma que Ella assim... mimada, entristecida,
E' como uma mulher depois de violada.

Coimbra — Sub-ripas.
Horas Mortas — 10 — V — 914.

Vitor Bettencourt

Critica de Philosophia e Religiões

(Genese dos phenomenos religiosos em geral)

III

A colaboração anonima e cega de todas as aspirações e desejos que o animal metaphysico—o homem—sente, de todas as impressões que a Psiche humana sofre em face do *surprehendente* e *extraordinario*, o instincto impulsivo, frenético e irresistivel do homem de querer viver a Verdade e o Bem, de explicar e coordenar as diversas manifestações da natureza physica, psychica e moral, acaso terá sido igualmente o geneseico elemento psychologico das religiões occidentaes? Indubitavelmente. O proprio christianismo com todas as suas mais variadas fórmãs, e analysado, não sob as trevas da ignorancia do homem de outras eras, em que todas as religiões, sem divergencia alguma, se apresentavam como um facto divinamente revelado, e todas as Biblias e santas Escripturas eram como que intangiveis depositos do immutavel e infallivel verbo divino, mas, á luz da critica historica que, em todas as manifestações da sua actividade, apenas tem sido determinada por razões scientificas, ou pelo puro e simples desejo de legar á posteridade a noticia das suas glorias e das suas dores, através a cerração mais densa da historia das religiões primitivas, e ainda corroborada pela auctoridade de eminentes criticos de diversas côres, todos porém honestamente sabios, pois, temos por divisa, *prendre son bien partout on le trouve*, o proprio christianismo, repito, assim estudado, é uma resposta, uma satisfação do complexo d'aquellas necessidades.

Passae em revista, sem lentes dogmaticas, todas as suas ideias, todas as suas doutrinas, todas as suas maximas, e, desde o mais absurdo e paradoxal até ao mais sublime e transcendente, em cada texto, em cada pagina e em cada capitulo, ora entre o confuso e o contradictorio, ora entre o lentamente compilado e retocado e o não raras vezes interpolado, consoante as necessidades religiosas das gerações successivas, claramente descobrirei vestigios, traços indeleveis de producto da actividade humana, e gisada profundamente, em todas as phases successivas do seu progressivo desenvolvimento, a imperfeição de obra do coração e cerebro do homem, não ultrapassando o seu conjunto, um mosaico, uma combinação laboriosa, um syncretismo de diversos phe-

nomenos mutaveis, transitorios e contingentes da universal religiosa psychologia humana, através de um grande numero de gerações. E' que todos os systemas religiosos teem uma origem commum, pela razão bem simples, que a genese das religiões é uma realidade social da grande e universal Consciencia humana, um phenomeno natural da historia, um factio regular e constante das leis positivas, identicas em todos os tempos e em todos os povos, como acontece com os outros phenomenos da Natureza.

Perguntae a um physico, por exemplo, como se formam a chuva, a neve, as trovoadas, etc., que elle não hesitará em responder-vos: sempre que a atmospheria se encontrar saturada de vapores d'agua, e em condições determinadas de humidade, temperatura e electricidade, inevitavelmente hão-de verificar-se aquelles phenomenos.

Consultae a historia: na fria, imparcial e eloquente lição dos seus factos, responder-vos-ha, em identica linguagem: todas as vezes que um individuo, uma tribu ou um povo, se encontrar nas condições psychologicas determinadas no artigo immediatamente anterior, fatalmente hão de apparecer as religiões.

N'um e n'outro lado, — sempre o mesmo determinismo fatal das leis da Natureza, o mesmo encadeamento natural dos factos! E' que todas as religiões suppõem igualmente, que o homem alberga nos mais reconditos escaninhos do seu sér, como um dos instinctos primordiales da sua especie, o sentimento religioso, e igualmente correspondem á necessidade mais imperiosa, tanto do homem primitivo, como do homem civilisado.

E, porque as diversas unidades systematicas de religiões christãs são algumas das multiplas expressões, que teem pretendido traduzir esse sentimento e satisfazer aquella necessidade, ellas necessariamente devem seguir as mesmas leis da genese e elaboração das outras religiões, e, como ellas, compartilhar igualmente da sua sorte e destinos.

Quando, pois, ha vinte seculos, o christianismo despontou do grande coração do Nazareno — o Christo do Ocidente, e foi implantado por Paulo, no seio dos povos de raça aryana, estes não fizeram senão substituir, reformar systemas religiosos de origem humana por uma concepção religiosa nova, mas de origem igualmente humana, e cujos antecedentes, mythos e legendas podem examinar-se e descobrir-se em diversas religiões anteriores, como demonstraremos a seu tempo, quando houvermos de fazer uma exegese serena, acurada, minuciosa e independente, de todas as fontes escriptas e oraes do christianismo e da sua ulterior fórmula mais transcendente — o catholicismo —, e parallelamente o *contrôle* da lei da evolução, em materia religiosa.

De accordo, que as religiões christãs são manifestações religiosas com symbols e ritos diferentes e que, se, *prima facie*, cotejarmos as características que distinguem a religiosidade nos degraus mais infimos

da cultura humana com a dos mais elevados, parecerá não poder estabelecer-se alguma transição entre estes dois extremos. N'um lado, encontraremos a noção d'uma presciencia divina revelando-se pela verificação das leis no mundo moral e physico; no outro, a crença n'um arbitrário e absoluto dictador dos poderes sobre-humanos. N'esta religião, constatar-se-ha a convicção sempre progressiva, que o unico meio de satisfazer as divindades, é servir a Humanidade; n'aquella, descobrir-se-ha a lucta incessante do homem por aplacar as iras dos deuses e implorar-lhes as mercês. N'este povo, prevalecerá o mais nobre e generoso altruismo, a mais desinteressada abnegação, tornando-se a religião um freio, um correctivo dos appetites desordenados; n'aquella, reinará o mais ignobil e miseravel egoismo, o mais ganancioso lucro e interesse, sendo a religião uma arma na lucta pela vida ou pela gloria e ambição do poder. Aqui, as pueris extravagancias da *necrolatria* cafre, da *zoolatria* americana, do *naturismo* hottentote, do *felichismo* negro, a perpetuarem, através os seculos, as superstições incoherentes do selvagem prehistorico; além, a religião do Amor e do Dever, prégada por um Jesus, por um Budha, por um Socrates, etc., a proclamarem ás gerações posleras, a elevada idealisação religiosa dos seus genios reformadores. Compreende-se pois, que, vis-à-vis d'este flagrante contraste, muitos espiritos, recusando o titulo de religião a phenomenos que julgam indignos, reivindiquem para as mais altas expressões da espiritualisação religiosa, uma origem e natureza especiaes. Mas, analysando mais de perto os factos, poderemos afirmar com Newman, que nenhuma religião é falsa por maiores erros que contenha, e que, em todas as superstições, ainda as mais grosseiras, se descobre um germen de verdade — *a soul of truth* —, como conclue Herbert Spencer.

Como as religiões christãs, portanto, que se adaptam e correspondem mais perfeitamente ás aspirações e tendencias finissimas, delicadas e transcendentales da alma mystica dos povos do Occidente, tambem os systemas religiosos mais rudes das tribus nomadas teem o mesmo character, a mesma razão de ser, porque estão associados ás mesmas necessidades, identico é o fim e a função é a mesma. Todas as divergencias de culto e *credo*, ás vezes profundas e radicaes, que, n'este caso, demonstram efficaçmente o relativismo religioso, a contingencia das crenças, da realidade da sua vida, isto é, da necessidade da sua morte, são consequencias dos mesmos principios que, adaptados a um novo ambiente, encorporados a uma diversa raça e a um corpo novo, consubstanciados n'um espirito dominado por novos conhecimentos, costumes e diversas instituições, vivendo n'um outro mundo e com um novo sol quiçá a alumial-o, produzem, aqui e além, fôrmas religiosas differenciadas. E' que o *modus quo* de evolução não é fixo nem determinado, porque é impossivel prever as fôrmas que o seu rithmo adoptará, as multiplas circumstancias fortuitas, *hic et nunc*, que, na

verdade, escapam a toda a fórmula e no entanto exercem uma poderosa influencia determinante na elaboração de todas as religiões. Em todos os casos, porém, é sempre a mesma consciencia e vida religiosa da humanidade, que, evolucionando d'uma concepção religiosa para outra, pelas mesmas vias e razões, vive e braceja, por toda a parte, por variegadas maneiras, esforçando-se como o Prometheu da fabula, por desvendar os Céus e as Divindades.

A este proposito, é bella a imagem, que Barrow empregou no 1.º Congresso das Religiões, celebrado em Chicago, em 1893: "As diversas religiões são pulsações d'um *mesmo* coração, que palpita sob ritos differentes e costumes sacerdotaes os mais excentricos".

N'este *mare magnum* de systemas religiosos, o que é instavel, é o conceito do Absoluto, do Incomprehensivel, que na phrase de Seailles, ora se eleva, ora se abaixa, ora cresce, ora diminue, á mercê das diversas cambiantes da consciencia e phantasia humanas, que por seu proprio esforço e actividade crearam aquele Ideal. Assim os proprios deuses, objecto do culto da humanidade, são fórmulas diversas, mais ou menos imperfeitas, com que os differentes povos revestem os phenomenos religiosos: as religiões são a linguagem, um epiphonema com o qual procuram exprimir, satisfazer e comprehender essas religiosas realidades phenomenicas, o reflexo, uma modalidade mais ou menos complexa da sua mystica animalidade que, de gerações em gerações, incarna imagens differentes, que, por sua vez, n'um futuro talvez não longinquo, com uma historia mais ou menos repleta de subtilezas doutrinarias e, portanto, de numerosos e variados recursos para a experiencia critica,— eis um dos privilegios das fórmulas religiosas christãs—, se sumirão na voragem do Tempo, ficando sempre vivo, sem perder a coragem no meio d'estas ruinas, o sentimento religioso que, incansavelmente, com as mesmas pedras do derruido edificio mas com cimentos novos, fabricará outros deuses, creará novas crenças, e tudo isto, repelindo-se talvez n'uma série indefinida, até que o homem deixe de ser homem, porque será n'essa hora suprema, que cessará de sonhar a consoladora chimera da Verdade e do Bem eterno e immutavel.

Eis porque, criteriosamente, escreveu Benjamin Constant, ácerca da unidade genesisica de todas as religiões, intrinsecamente alliada á unidade do espirito humano em materia religiosa: "Não é nos symbolos nem nas doutrinas que deve procurar-se a unidade religiosa, mas na natureza humana, pois que só ella é a unica fonte de todas as religiões, o germen de todas as modificações que soffrem."

(Continua).

⊙ J. MATHIAS LOPES ⊙

QUADRO DE AMOR

Ó Luz branca do meu dia,
Senhora da minha Guia,
Vem sentar-te ao pé de mim...
O' minha Hostia de aurora,
Recosta-te um pouco agora
E fita os olhos em mim.

Tornemos a desuni-las,
(Olha-me bem nas pupilas!)
Para as tornarmos a unir;
Agora mais forte um pouco...
Cautela, fazes-me louco,
Louco de tanto sentir!...

Sonhemos... que graça a tua!...
Parece que a branca lua
Te anda no rosto a boiar;
Os teus olhos nos meus olhos...
Dizem os teus aos meus olhos
O que Deus 'stá p'ra nos dar.

Os teus braços nos meus braços...
Dá-me beijos e abraços
Na graça d'esse teu modo!
Beija-me mais, mais ainda...
Nos teus braços, Pomba linda,
Quero enlouquecer de todo...

Os lábios... devagarinho...
De modo que o teu carinho
Me embriague mansamente...
A tua bôca na minha,
Uma á outra colladinha,
Teem um ar tão contente!...

Labios com labios unidos,
Braços nos braços flêtidos,
Os olhos nos olhos postos...
Uma penumbra macia
Languidamente esbatia,
Envolvendo os nossos rostos.

Antonio Teixeira Monteiro

Critica

A' Banca

Registam-se todas as publicações recebidas. Das obras de que sejam recebidos dois exemplares, dar-se-ha noticia critica.

Comptes-rendus sur les livres paraissants soit en langue portugaise, soit en tout autre langue, pourvu que deux exemplaires en soient envoyés à la redaction.

NOS BRAÇOS DA CRUZ, versos de Garcia Pulido — Edição da «Livreria França Amado» — Coimbra.

Sob a nossa severa toga de critico pomos sempre de parte amizades e sympathias.

E' o que fazemos, preferindo sermos justos a louvaminheiros.

O livro de Garcia Pulido viéra trazer-nos aquelle alvoroço em que ficamos quando nos cae na banca a extraordinaria nova de que houve quem desse á nossa litteratura, obra de mór valia.

Foi de manhã.

A' noite, lemos o livro com enthusiasmo.

As cento e tal paginas de que se compõe *Nos Braços da Cruz*, modestas e formosas, são a peregrinação de uma mente magnifica que tem lido mais no livro aberto da existencia do que nos volumes arrumados com enfado nas estantes das bibliothecas e que tem aquella amarga certeza de que a Vida não são aneddotas.

Nos Braços da Cruz, ao contrario do que muitos julgaram, é toda a poesia logica de uma sensibilidade que vergastou uma sociedade cheia de ridiculos e de miserias.

E', quasi só, o grito de amor de um uberrimo coração; a oração cheia de «nuances», sinceras quasi sempre; emfim, a ancia invencivel de isolamento

na qual o sarcastico Pulido da prosa castigante esquecida, enternecida, abandonadamente reza á Familia, ao Lar, á Terra que o viu nascer, ao Nada, ao Tudo n'uma ascensão para o Além, n'um, como Elle diz, *já não sentir d'alguem que já sentiu, na derrocada da sua alma*, onde Elle diz existirem como habitantes aquelles ventos de abandono tão nossos conhecidos

Nos Braços da Cruz é um livro quasi inteiro de amor, mas quasi nada banal, que se lê de um folego, deixando-nos o espirito cariciosamente impressionado.

«Quando duas boccas se juntam para apprenderem a eternidade na cegueira de um desejo, a ironia, occultamente, contorce o rosto dos amantes», disse-o algures um amigo nosso e ex-condiscipulo que entre nós teve fama de intelligente e que hoje se não acha por certo feliz em ser doutor como toda a gente.

N'este livro não poderia o nosso doutor encontrar base para a sua affirmativa, aliás acertada.

As boccas juntam-se, é certo; porém, a ironia não apparece a contorcer os rostos.

E' que a cobre o véu de uma arte quasi na posse suprema de si propria.

O artista encastôa nos seus versos duas almas robustecidas tristemente na desgraça uma da outra, e fa-lo sob o palôr do luar bemdito da memoria do Pae morto e do sol dos beijos da Mãe viva e desolada, ao calor de um certo olhar azul que o unge doce e enternecedoramente.

Os seus nervos correm livres e o coração fala embaladoramente a dar a *Imagem reflectida* n'um desespero cheio de suavidades de lago de aguas mortas e espelhentas.

E então, pelas paginas que foram branquissimas, prepassam de braço dado a Observação, a Meditação e a Descrição levando ao diante a Inspiração alimentada doentemente de ternura e intimidade, saudade, duvida e muita tristeza.

E não é a emotividade exterior que impressiona, é a sua dôr, é o coração do poeta que se nos comunica a dizer-nos que *não é mentiroso* e que *por mais que diga não consegue dar o que sente*.

Mesmo na terceira parte do livro em que Elle evoca e faz viver o seu baixo-Alemtejo, com os seus montados, as suas planícies razas, os seus eccos do passado e da moirama, com a ama velha, as romarias com cantos alegres de dôr e os seus descampados; mesmo ahí, a emotividade é interior.

E ficamos com a impressão de que a sua alma não é a alma do descampado, mas que a d'este é, pelo contrario, a do descampado da sua alma e que aquella romaria vae errando, como Elle diz, *nas tristezas do limbo triste da sua alma*.

E é tal a emoção, que os olhos acríciam e os sentidos perdem-se-nos a ouvir a voz que vamos dizer do nosso proprio coração a esparrinhar tudo o que o poeta quiz nos seus *destrambelamentos*, e a que não falta elevação, delicadeza e originalidade...

De embebedos que iam caminhando suavemente atrás da magia triste com azas de claridade ia-nos passando despercebida a fôrma, quasi sempre exemplar e vasada em moldes onde cabe á larga e condignamente no vigor e na harmonia da elaboração intellectual.

Com effeito, Garcia Pulido poucas vezes não attinge uma fôrma admiravel de correção, de elasticidade, de harmonia e de verdade.

Não cuidem que exaggeramos.

Basta lermos os primores da *Cheia de Graça*, do *Mysterio da Planície*, das *Almas penadas*, da *Carta*, da *Ronda de Fantasmas*, do *Olhando Deus*, e para exemplo, os d'estes versos da *Maria* que abarcam a tristeza, a lassidão da chimera acariciada e esbandalhada que corre por todo o livro e que só Elle sente com toda a justeza porque *a nossa dôr ninguém a sente como nós, ninguém... e porque por mais que sintamos a dôr da outra gente apenas nos enche a dôr que em nossa alma temos*.

Escutamos:

«Não pôde ser alegre a nossa vida
Por mais que queira os olhos enganar,
Quando te vê sempre a seu lado erguida
Minha alma, sem querer, põe-se a chorar.

Porqué não sei. Vá lá saber a gente
Porque se chora sem saber porqué!
Isto que sinto toda a gente o sente

Etc. Uma linguagem d'uma limpidez perfeita, de uma naturalidade que encanta.

Synthese: Garcia Pulido é poeta; Garcia Pulido triumphará; Garcia Pulido pôde crear, antes, avigorar uma arte sua, filha do seu temperamento de eleito que o faz um poeta simples, verdadeiramente humano e original afóra da decadencia manifesta da rotina que cria diariamente tantissima ninharia.

Para isso precisa salvar-se de uns pequenos deslises facéis de remediar e em que, ora a prisão á fôrma prejudica a ideia, ora esta prejudica aquella; precisa libertar-se de, felizmente, pequenas influencias exaggeradas de fôrma facilmente reconheciveis e ainda, fixar-se definitivamente e não andar sempre a mudar como confessa no seu *Poema Nevrotico*, de uma meditação originalissima.

E' de notar que, com esta nossa observação, só queremos affirmar a mudança no curso ideologico que no livro se dá a dentro da ultima parte, deixando-nos um sabor de irregularidade e incerteza, uma falta de homogeneidade que, a nosso vêr, deve ser essencial a toda a perfeita obra de arte e nunca aquella logica menos verdadeira de volume para volume que, como já provamos, não existe na obra de Pulido que segue mathematicamente a curva eliptica do seu temperamento de combatente que vibra *na dôr que todo o munda sente, na dôr immensa de viver*.

Quero com isto dizer, e para sermos mais claros, que o livro *Nos Braços da Cruz* deveria terminar no *Meu Lar* e quando muito, no *Tempo* e que portanto as *Ossadas*, *Vertigem do Nada*, *Allucinado na Noite*, *Eterna Dôr*, e finalmente, o *Poema Nevrotico* deveria

o poeta bani-los do volume onde pelo seu cunho accentuadamente philosophico estão a destoar do pessoalissimo lyrismo das outras composições.

De resto, nada teria perdido Pulido se assim o tivesse feito, porque se por um lado estas composições, concebidas na mais febril agitação interior, são bellas, por acaso, são também aquellas onde a fórmula é menos pessoal.

Bem vemos: não fomos benevolentes.

Não o costumamos ser em critica e mórmente quando se nos apresenta um estreante de envergadura, quasi na plena posse da sua arte.

Se mais adjectivos acerados não podemos arrancar para os brandir contra o poeta, como uma autentica lamina de Tolêdo, foi porque não podemos.

Seria pelo que vimos através um prisma que nos dá a illusão de luminoso?

Talvez.

E agora, que todos os parvos se recostem agradavelmente em conversadeiras, que leiam o poeta e o comprehendam para não dizerem barbaridades na sua parvo-critica-mania.

Com isto, ó imbecis a quem cabe a carapuça, sómente tereis a ganhar, porque o livro que desejaríamos menos triste não é de uma tristeza piégas, antes, é a lição de alma que nos dá, uma das figuras menos características da moderna geração coimbrã, que nos prelecciona, um rapaz de rosto insinuante, illuminado pela viva luz de um olhar intelligente e bom, um rapaz de fronte ampla e cabeça erguida onde a Vida peneirou já neve e que de longe em longe surge na Luza dos estudantes, querido dos Mestres e dos companheiros, corcovado, sonhador, domador de certas bestias, figura bizarra e errante das alamedas do «Botanico» nos dias de sol.

MISSAL DE TROVAS, de Antonio Ferro e Augusto Cunha — Edição da «Livraria Ferreira, Lt.ª» — Lisboa.

Livro bem impresso a que uma capa exquisita dá um arsinho patusco.

De resto, dizermos que o miolo tem um grande relevo e está cheio de lin-

das imagens, etc. seria cavalgarmos o Elogio pela Estrada da Mentira.

Ainda que no genero popular, o livreco é falho de inspiração.

Da sua leitura ficou-nos a impressão de uma pouca de terra onde serão muitas as flôres, mas onde a maior parte estão a pedir muita agua.

No livro, em que todavia ha quadras interessantes, destaco as do Snr. Cunha porque do outro auctor que conheço, o Snr. Antonio Ferro—poeta de sentimento, esperava muito mais.

Para terminar: de ambos ainda novos e animosos, ficamos aguardando obra mais pensada.

Que, meus amigos: mesmo dar á luz quadras populares, não é só, como muitos julgam, enfeixar pieguices eivadas de suspiros parvinhos ou de prentensa piada!

Quando o povo lança uma quadra, eu sei, dois versos são disparate, mas os outros dois teem genio.

NUMA DROZ, *Manual de Instrucção Civica* (versão portugueza). — Edição da «Livraria Aillaud, Alves & C.ª», Lisboa.

E' uma edição economica mas ajeitada de um livro «bello e sadio», como diz João de Barros, o auctor da conscienciosa versão, o admiravel espirito que ha bem pouco nos deu o «*Ode á Belgica*», um dos mais inspirados trabalhos da nossa moderna litteratura e edição primorosa da mesma casa editora.

Emfim, um volume barato e que muito precisa ser lido em Portugal.

CANTARES, de Joaquim Correia da Costa. Edição muito elegante da «Livraria Ferreira, Lt.ª», Lisboa.

Versos dos 17 e 18 annos precedidos de um d'esses rosarios de opiniões com que agora soe ser triste moda abrir todos os livros e que antes o moço, como diz e muito bem, o poeta que assigna uma das opiniões deveria guardar para si como uma oração de sensibilidade.

Porém, seria injustiça o não dizer-

mos que se esta estreia, como tal, não é, nem pôde deixar de ser, uma obra impecavel, revela ainda assim, da parte do novo poeta, dotes apreciaveis, que o estudo ha-de aperfeiçoar.

O livrinho, que uma grande simplicidade caracteriza, por vezes, torna-se palpitante de affectuosos sentimentos e doces emoções.

CONCESSÕES DE SERVIÇOS PUBLICOS (sua natureza juridica), de *João M. Tello de Magalhães Collaço*. Coimbra, «Imprensa da Universidade».

N'este seu magnifico estudo não desmente o sr. Magalhães Collaço o conceito que d'Elle temos de creatura que tem defeitos como toda a gente, mas que é intelligente e tem methodo no que escreve como os que sabem escrever.

A sua dissertação está lucidamente deduzida e escripta com serenidade, em termos claros, e concisos e firmes, dando-nos sempre uma linguagem tilintante e requintada por vezes, que na sua belleza e harmonia faz ressaltar, através do ingrato do objectivo, sempre observado, o estylista primoroso que de ha muito conhecemos e ao qual nos ligam, não obstante, recordações de boa camaradagem.

CAMILLO DE PERFIL, de *Antonio Cabral*. Edição da «Livraria Aillaud, Alves & C.ª», Lisboa.

Não nos enganamos no juizo resultante de uma leitura a correr. Agora, que lêmos o livro com attenção, só temos a acrescentar que se o estylo do sr. Antonio Cabral lhe dá uma prosa fulgurante, em paginas de rara emoção na sua grande e constante admiração pelo Mestre, esta, nem sempre, como o ven' provando o nosso amigo dr. Teixeira de Carvalho, foi d'aquella rigorosidade historica que era para desejar n'um trabalho que se lê com muito agrado, como livro admiravelmente escripto em bom portuguez e revelador de uma superior mentalidade que á erudição allia os

dotes de um escriptor de alta envergadura e que sabe amar a sua terra.

A ARTE MUSICAL (Revista quinzenal de musica e theatros). Lisboa —Praça dos Restauradores.

E' uma revista superiormente ridigida ha seis annos pela competencia indiscutivel de *Michel' Angelo Lambertini*.

Recebido o n.º 384 do 6.º anno, com um curiosissimo e bem elaborado artigo que promete continuar, sujeito ao suggestivo titulo: *A Esthetica do Som*.



De Fauteuil

A COMPANHIA CARAMBA, no *Theatro Avenida*.

Pondo de parte, com a devida vénia, o catonismo de certos creaturos que achincalham a opereta dizendo-a pequenissima de mais e um genero de arte inferior, toda de artificio e interessando-os sómente pelas combinações scenographicas e finaes de effeito e que portanto, não admittem que sejam necessarias aos libretistas e aos compositores muitas faculdades de technica e de espirito; accentuando que a opereta já não é alheia á verdadeira Arte do theatro, que dada a grande evolução por ella soffrida nos ultimos tempos é necessario ser-se *alguem* que merece attenção, muito *alguem* até, para produzir uma opereta que *marque*, diremos que de todas as *troupes* que nos teem visitado esta, com o seu escolhido repertorio em que entram operas comicas de responsabilidade, se avantajou pela igualdade do seu conjuncto, sua esplendida apresentação, magnifico desempenho e boa musica.

Fez bem a arrojada empreza do «Theatro Avenida» contractando esta companhia que, diga-se de passagem, viramos em Lisboa com mais elementos.

Comtudo, não se poupando aos gastos que trazem sempre taes emprehendimentos, é de louvar a empresa que, felizmente, vae fazendo presidir aos espectaculos que organisa, muito esmero e consciencia artistica.

Que o publico sabe corresponder a estes esforços prova-o a assistencia que vimos n'estas recitas, numerosissima e bastante selecta, enchendo totalmente os camarotes e fauteuils.

Mas vamos ás notas que tomamos das audições da bellissima companhia, que nas primeiras noites não respondeu aos reclamos, mas que depois, podemos affirmar-o, se salvou por completo:

Eva, de Franz Lehar:

Opera comica muito conhecida. Scenas interessantes, algumas com um certo *tic* dramatico. Musica inspirada. Interpetração boa, em que se salientaram as Snr.^{as} Ivanisi — interessantissima e uma bella voz de soprano, e Csillag — creaturinha cheia de graça e vivacidade, e o Snr. Eurico Valle — um bellissimo comico.

Scenario bom, valorisado pelos effeitos de luz electrica. *Mise-en-scène* conscienciosa, principalmente no 2.^o acto. Córos um pouco desafinados. Orchestra, correta.

Bella Rissette, de Léo Fall:

Pretexto para a estrutura da peça uma lenda interessantissima. Obra musical cheia de phantasia de compositor, melodias, valsas e paginas de hilaridade.

Guarda-roupa luxuoso e apropriado. Desempenho superior, principalmente da parte da Snr.^a Stefi Csillag «Princesa Margot», e dos Snrs. Gonsalvo e Eurico Valle.

Scenario soberbo de detalhes e colorido, admiravelmente concebido a que davam realce as cambiantes de luz.

Linda, a granja do 2.^o acto e o parque real. *Mise-en-scène*, optima no 3.^o acto. Orchestra, bem.

Melbruk, de Leoncavallo:

Comedia lyrica com laivos de farsa, architectada sobre um interessante canto medieval.

Musica a dizer com justeza todo o humorismo que perpassa pelo libreto

que, se não estamos em erro, é do Snr. Angelo Nessi. Desempenho notavel da massa coral, orchestra e dos interpetres, mórmente o da Snr.^a Ivanisi, Italia del Lago, baritono Tessari e Luigi Gonsalvo.

Scenarios primorosos pelo bello da perspectiva: no 2.^o acto o jardim do Castello de Melbruk e no 3.^o o vestibulo do mesmo.

Amor de Ziagaró, de Franz Lehar:

É uma opera comica de textura caprichosa e felicissima, já conhecida em portuguez.

A acção é diluida mas interessante.

Tem grandes responsabilidades esta opera, mas ellas foram facilmente vencidas pela Companhia «Caramba».

Salientaram-se na interpretação a Snr.^a Maria Ivanisi que nos dá uma «Zorica» cheia de belleza e plastica, a Snr.^a Coillay na «Ilona», castellã hungara, a Snr.^a del Lago e ainda uma outra artista de que nos não lembra o nome.

Da parte masculina destacamos os Snrs. Pasquini, um actor de raro merecimento, e Ernesto Treves e Borghe-se, que deram relevo aos seus papeis.

Mise-en-scène e scenario deslumbrantes. Guarda-roupa faustoso e de bom gosto. Córos e orchestra muito bem, principalmente nos concertantes finaes.

A filha da Snr.^a Anzot, de Lecocq:

Linda opera-comica já conhecida nossa, em portuguez, dos saudosos tempos da «Trindade», em Lisboa.

Musica bonita e ligeira. Interpretação feliz das snr.^{as} Maria Stellina, Cenemi e Italia del Lago, e dos srs. Pasquini muito bem no «Pitou», Micheluzzi e Luigi Gonsalvo.

Guarda roupa, rigoroso. Córos e orchestra, afinados. Scenario e *mise-en-scène*, esplendidos.

Para terminar salientamos ainda o sr. Eurico Valle, como director de scena que conhece theatro, e o sr. Bellezza, que é uma batuta intelligentissima, suggestiva e dominadora.

Emfim, felicitações á empresa pelas noites d'Arte que nos proporcionou, e desejos de que não desanime e continue na sua magnifica orientação.

EXPEDIENTE

- ⌘ Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção.
- ⌘ Toda a collaboração é solicitada.
- ⌘ É respeitada a orthographia dos auclores.
- ⌘ Obfida a collaboração do distincto artista Gabriel Tinoco.
- ⌘ No proximo numero versos de Sá Carneiro, Alfredo Guisado, e Moffa Guedes, e prosa de Fidelino Figueiredo, Teixeira de Carvalho e Carlos Candido.
- ⌘ No ultimo numero, o segundo de "A Galera", por descuido, no 3.º verso de o "Barbaro" sahiu uma gralha importante: Em vez de: *Mina a luxuria o nu—Salomé asiatica...*, era: *Mina a luxuria a nua—Salomé asiatica*. Que o poeta admirado que é Mario de Sá Carneiro, nos desculpe o facto que bastante nos desgostou.
- ⌘ Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz e no estrangeiro.

EM BREVES DIAS

REVOLTADOS

1 vol. (Desbravando terreno)

por J. E. da Costa Cabral.

F. FRANÇA & ARMENIO

LIVREIROS EDITORES

Livros nacionaes e estrangeiros. Assignaturas para todas as revistas e jornaes do mundo

Arco d'Almedina, 2 — COIMBRA

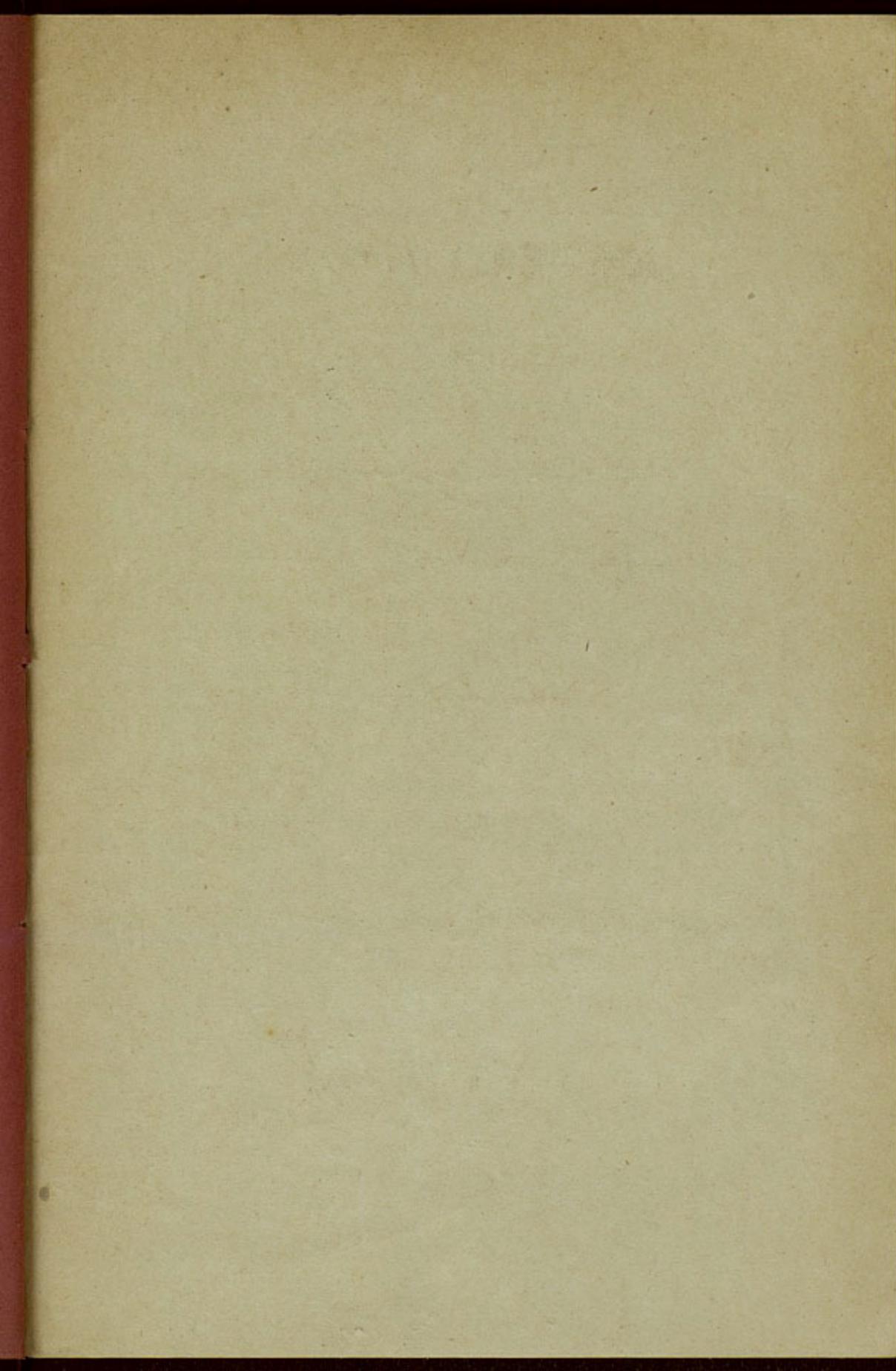
F. FRANÇA AMADO

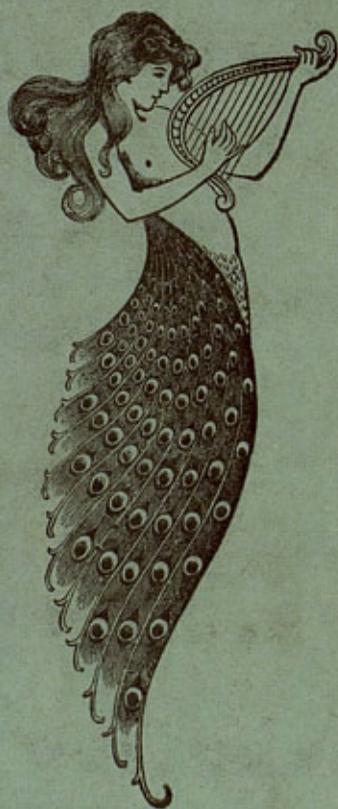
LIVREIRO-EDITOR

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

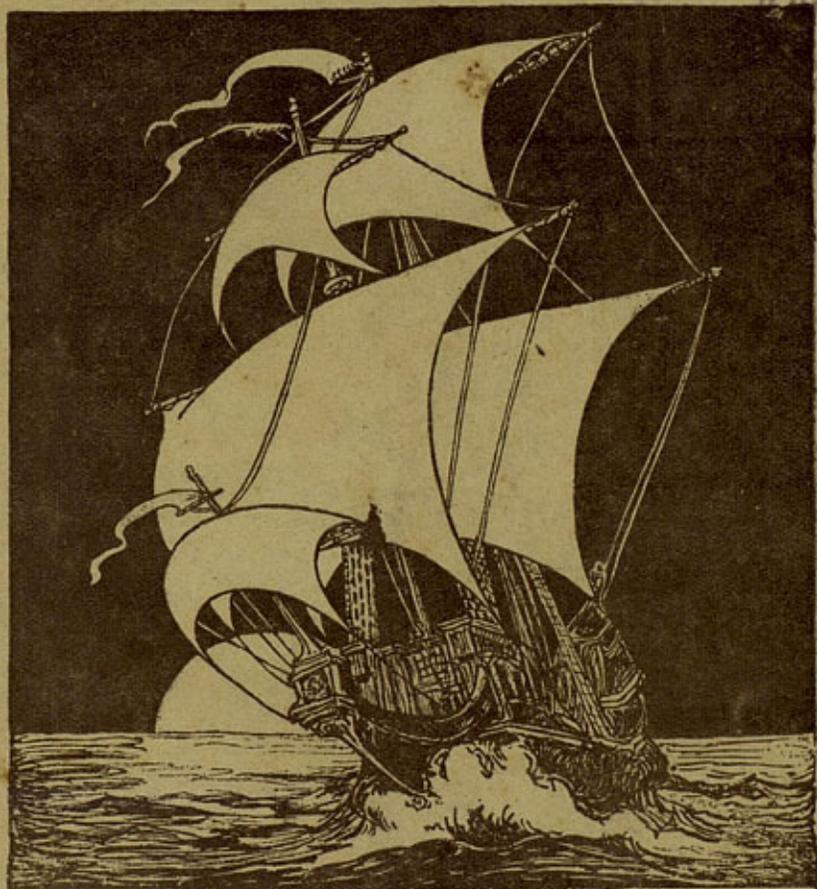
Correspondencia directa com os principaes centros litterarios

VAGO





A: GALÉRA



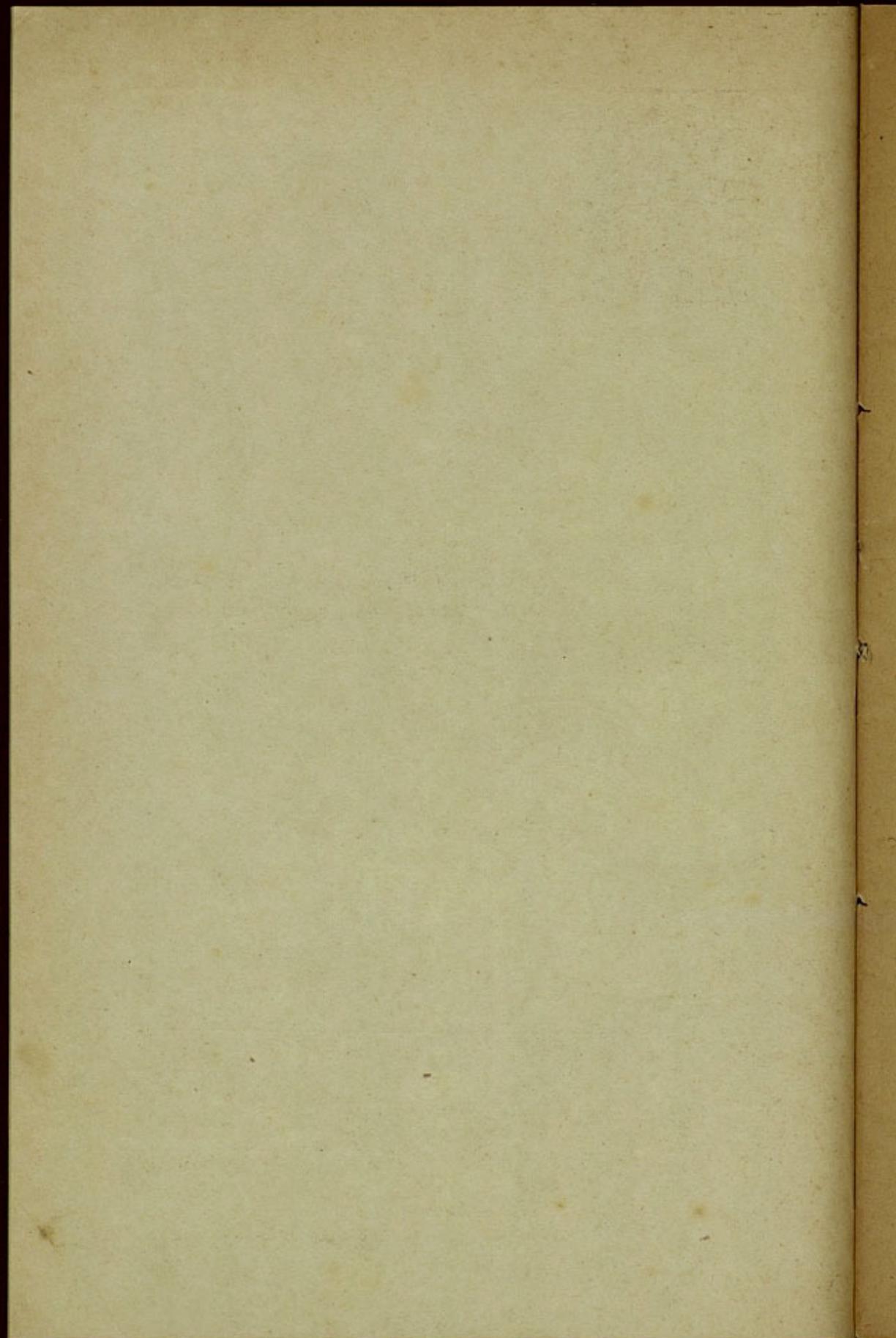
REVISTA DE LETRAS-ARTE-E-SCIENCIA

W. G. ...

REVISTA
DA
UNIVERSIDADE
DE
COIMBRA

1.º ANNO — N.º 4

1 DE FEVEREIRO DE 1915





⌘ Suave mari magno praeteriti
Est procedere ad futurum ⌘⌘

A GALÉRA

Revista quinzenal de Letras, Arte e Sciencia. Direcção e propriedade de: Alves Martins, Costa Cabral, Ferreira Monteiro, Nicolau Sobrinho e Joaquim Mathias Lopes. Secretario da redacção: José Henriques Barata. Editor: José E. da Costa Cabral.

Redacção e administração: Rua Fernandes Thomaz, 85-1.º, Coimbra.
Composição e impressão: Typ. «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, Avenida Barão da Trovisqueira, V. N. de Famalicão.

SUMMARIO DO N.º 4 (1.ª série)

— 1 de Fevereiro de 1915:

CAMILO EM COIMBRA (continuação), *Teixeira de Carvalho*; O RESGATE, *M. Sá Carneiro*; GARCIA PULIDO «NOS BRAÇOS DA CRUZ», *Seves de Oliveira*; A VOZ DAS PAISAGENS, *A. Alves Martins*; SANGUE RUIM (Fragmento), *Roque Martins*; VIDENTE, *A. Cortez Pinto*; GLEBA IDEAL, *Theophilo Carneiro*; CRITICA DE PHILOSOPHIA E RELIGIÕES — Genese dos phenomenos religiosos em geral, *J. Mathias Lopes*.

Condições d'assignatura:

Portugal e Colonias

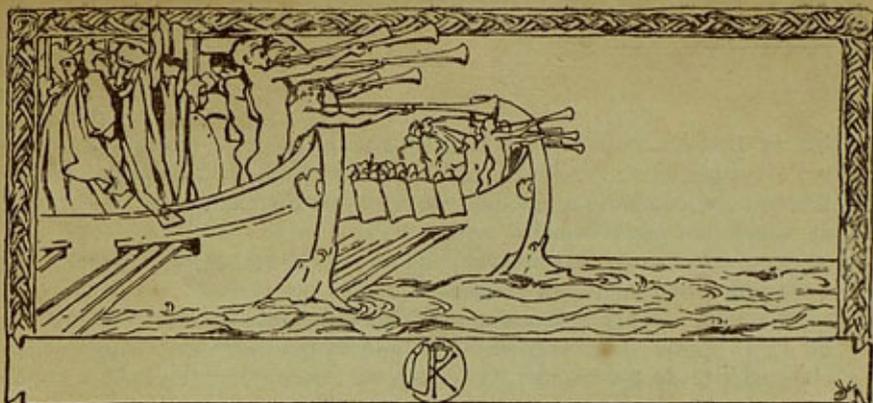
<i>Série de 24 numeros (1 anno)</i>	1\$60
" " 12 " (6 mezes)	\$85
" " 6 " (3 ")	\$46
<i>Numero avulso</i>	\$08

Brasil

<i>Série de 24 numeros (1 anno)</i>	10\$000
" " 12 " (6 mezes)	6\$000
<i>Numero avulso</i>	\$500

PAGAMENTO ADIANTADO

ANNUNCIOS: Contracto especial



Camilo em Coimbra

II



AMILLO, quando esteve em Coimbra, não era ainda conhecido como humorista.

A mim, admirava-me que ninguém tivesse encontrado n'ele o espirito que me ensinára a rir.

Em Coimbra, os humoristas portugueses, então lidos e comentados, eram Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. O nosso evangelho eram as *Farpas*. Por elas juravamos, por elas combatíamos.

Eça de Queiroz era o mais querido dos dois. Coisa, que nos não agradasse n'*As Farpas* era sempre do Ramalho Ortigão. O espirito de Eça de Queiroz era o nosso, o dos livros que liamos, o claro e clássico espirito latino. Ramalho Ortigão não agradava tanto.

Eça de Queiroz era para nós um companheiro de estudo, um veterano, alguém que passára por Coimbra e aqui deixára a sua mocidade, como se desfolham e rasgam tristemente as flôres nos espinhos das plantas que a primavera não escondeu ainda com os rebentos terros das folhas verdes.

Aqui vivêra a sua mocidade, cheia de revoltas como todas as mocidades, atribuindo à tristeza das árvores sem folhas e às paredes velhas a ançiedade que lhe torturava a carne, fecunda de futuras energias, levantando a voz num queixume dolorido porque a *árvore do ponto* tardava em florir, só vendo notas trágicas de sangue nas flôres de que ela se cobria para vir anunciar o fim do ano, bradando anátemas cor-

tra as paredes frias da velha alcáçova universitária que só o pôr do sol consegue aquecer, iluminando-a do rubôr fugidio d'um rosto de mulher amada, deixando-a, ao tocar do sino, na tristeza que só mais tarde, às vezes, consegue levantar o luar.

Eça de Queiroz era natural e humano. O seu espirito poderia ser o de outro país, mas era tambem o d'ele.

Ramalho Ortigão não era para nós bem uma tradução do espirito do Eça, apesar de correr então a opinião que fazia do illustre romanista alfôbre de galicismos, na ideia e na fôrma. Era tão forte a lingua em que escrevia Ramalho Ortigão...

Não, Ramalho Ortigão não era uma tradução literal do Eça.

Ramalho Ortigão parecia-nos uma tradução do Eça, feita por um homem de talento, que, por absoluta admiração por o original, o deformava, fundindo-o em molde seu.

O espirito de Ramalho não era o espirito gaulês, leve, subtil, caustico sem provocar gritos, limpando, deixando a descoberto, em todo o brilho, a prata e o ouro sem os morder.

Ramalho era para mim o Eça, como o Molière das traduções de Castilho,— uma curiosa adaptação do espirito francês á sociedade e á literatura portuguesa do seu tempo.

Para mim, que tenho por Eça uma das mais longas e ininterrompidas admirações da minha vida, Ramalho Ortigão não me parecia nem português, nem francês; era qualquer coisa de irreal e de existência literária apenas, capricho de fantasia d'artista.

O Ramalho Ortigão das *Farpas* parecia-me a criação literária de um outro Ramalho Ortigão, que algumas anedotas descreviam então, e admirava-me muito de achar mais valor á criação literária do que ao próprio artista.

Tem-me acontecido muitas vezes isso depois. Eu era então muito novo...

O espirito de Camilo Castelo Branco fôra uma das primeiras surpresas alegres da minha aprendizagem literária.

O que eu até então admirára em Camilo haviam sido os seus tipos irreais de Crime ou de Virtude absoluta. Fôra a sua extraordinária galeria de Santos e Réprobos que dominára completamente o meu espirito.

Depois, pouco a pouco, a bela lingua, em que ele escrevia e que eu sentia tão minha, tanto do meu sangue, encheu-me os ouvidos de harmonia, de ritmos sempre novos, e, quando via Camilo justificar um modo raro de dizer pelo falar do povo, alegrava-me e compreendia por que eu adorava os plebeísmos e lhes achava inconscientemente força e graça.

Desde então fiquei amigo de Camilo, mas só mais tarde é que eu compreendi o seu espirito, a sua graça tão portuguesa, e todavia de um recorte tão delicado e tão fino.

Por isso, quando a mim me vinham falar na graça do Eça e do

Ramalho, eu respondia ingenuamente: mas eu acho muita graça eo Camilo Castelo Branco. É um dia...

Um dia, que eu repelia mais uma vez o dito a um amigo meu que já então fazia versos, e que depois deixou de os fazer, sem eu nem ninguem lh'o levarmos a mal, ele respondeu-me muito sentenciosamente:—tambem um copo de vinho carrascão alegre e embebeda!

E eu fiquei sem saber que responder-lhe, a olhar para ele que deixava descer, vagarosamente, os lábios de desgosto.

A mim o carrascão dava-me volta ao estômago.

Era assim a opinião do meu tempo. Quem corrigia os costumes com o *ridendo* clássico eram *As Farpas*. A graça de Camilo era grosseira, diziam eles...

Eu admirava Camilo, mas ia começando uma colecção de *As Farpas* que tenho ainda hoje por concluir.

Da sua estada em Coimbra, conta o snr. António Cabral, num livro que por muito vivido tem páginas de grande beleza literária, um dos ditos de espirito que define bem Camilo.

Sendo muito dado a arqueologias literárias, escreve o snr. António Cabral, Camilo tambem convivia muito com o velho liberal e jornalista do *Conimbricense*, Joaquim Marins de Carvalho, que eu perfeitamente conheci. Uma vez, alguém que os viu juntos disse depois ao grande romancista que Martins de Carvalho tinha começado a vida como official de laticeiro, e por isso os estudantes lhe chamavam *Lord Latas*. —“Deve ser assim, porque a literatura d'ele é de funil...”, respondeu Camilo, sorrindo.

Ora é de notar que Camilo Castelo Branco entrelinha relações literárias estreitas com Joaquim Martins de Carvalho, o visitava e se correspondia com ele, consultando-o sobre antigualhas históricas, oferecendo-lhe até livros e manuscritos.

Camilo Castelo Branco nunca perdeu ocasião de colocar um dito de espirito. Era de um humorismo inexgotavel, que nem sempre tinha a delicadeza do que alegre as páginas dos seus romances.

Nos últimos anos da sua vida, o espirito que a doença azedára e pervertêra, era por vezes de uma crueldade inexplicavel.

O mais cruel dito de espirito seu, que conhecemos, d'esse tempo é o passado com uma criança, filha d'um homem politico que morrêra com fama de ladrão.

Contaram-me assim o facto:

Camilo estava doente. Via ainda. Exasperavam-o as crianças. Umás senhoras que foram visitá-lo leveram com elas a filha do tal homem politico, recomendando-lhe que se não mexesse, que não falasse...

Assim fez a pobre criança. De vez em quando, Camilo voltava para ela o olhar azêdo. As senhoras olhavam logo anciosas para a criança que baixava os olhos e encolhia o corpo para tremer.

Quando as senhoras se levantaram para se despedir, a pobre menina levantou-se também e escondeu-se por detrás d'elas na direcção da porta.

— Vá dar um beijo ao snr. visconde, disseram as senhoras agarrando-a.

Ela foi receosa.

Camilo segurou-a pela mão, e, quando ela ia a retirar-se, depois de a ter beijado, disse-lhe, batendo-lhe na face com dois dedos frios e rígidos:

— Vá, minha menina, vá!... É Deus a faça tão honradinha como seu pai...

Só a doença pôde explicar dito de tanta crueldade.

Em Coimbra, encontrára Camilo no dr. Adelino das Neves e Melo um amigo com quem folgava de conversar tranquilamente, na sua casa, no meio dos seus livros, na intimidade de D. Ana Plácido que o doutor Neves e Melo aprendêra a admirar e a respeitar.

De seu avô, lente de Botânica na Universidade, herdára o snr. Neves e Melo a paixão pelas sciências naturais.

De seu pai, coleccionador apaixonado de quadros, livros e móveis raros, o culto da arte.

Foram dias de verdadeira felicidade os que Camilo viveu na intimidade do dr. Neves e Melo, cujo olhar doce parecia espiar-lhe as vontades para as realizar, cuja voz se abaixava para o não irritar, achando medo de sumir, ainda mais, o seu corpo esguio para ele o não vêr e scriá-lo apenas vigilante e perto.

A casa do dr. Adelino das Neves e Melo estava cheia de velhos móveis, custosas raridades históricas que Camilo examinava paciente-mente. Havia sobre tudo os contadores, que haviam sido dos chamados *Meninos de Palhavã*, os bastardos de D. João V, criados no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, sobre que ele gostava de falar, dando largas à sua ironia diante dos móveis monumentais de laca vermelha pintada a ouro, cerimoniaes como cardeais.

Ria-se dos grandes perfumadores de porcelana, descobrindo mistérios d'alcôva, contando anedotas de uma história que só ele conhecia, e que por vezes era tão sua, que parecia que ele a inventava.

Esta suspeita nunca se me desfez de todo.

Quando o dr. Adelino das Neves e Melo conseguia acompanhar Camilo n'um dos passeios que dava a pé pelos arredores, o ilustre romancista chegava sempre a casa de melhor humôr.

Adelino das Neves e Melo era coleccionador de moluscos terrestres. A todo o tempo ia a parar e voltava contente quando conseguia descobrir algum, cuja vida e costumes punha logo ali ao sol com tanta alegria que por fim Camilo se deixava interessar também e, a rir, procurava particularidades secretas, comparando com poucas-vergonhas, muito conhecidas, do homem e concluindo pela superioridade dos outros animais.

Dizia Camilo que aquilo lhe fazia bem para aquietar os nervos irritados com as deploraveis quasiúnculas e explorações d'alta literatura que nos levam o melhor do cérebro e nos fazem morrer na ignorância das belas coisas que tem a existência comparada dos outros animais, a quem eu dou o direito de nos chamarem irracionais.

O que foi esse período na vida de Camilo Castelo Branco di-lo a encantadora carta para Neves e Melo, com que fechamos este artigo, e que é cheia de enternecimento e amizade. A carta é inédita, apenas foram publicados d'ela alguns periodos.

Meu presado amigo

Alegrem-me as suas tão raras q^{to} estimadas cartas. Ao passo que vou resvalando ao góolpho eterno, tudo q me la fica ao longe me vem seguindo com uma lagrima ou um sorriso de saudade.

As nossas relações, meu amigo, parece-me que já foram contrahidas ha m^{to} e em epoca m^{to} feliz comparativam^{te} a esta.

Desde q morreu o Manuel, ha 7 mezes, nunca mais entrou um raio de luz nas almas desta fam.^a D Anna está acabada e refractaria a consolaçoens banaes. O tempo nada tem feito. Eu, em presença deste sempre triste espectáculo, sem distraçoens, nem incentivo a procural-as, estou como esperando q ella fêche os olhos se Deus me condemna a sobreviver-lhe.

*A enfermidad^e aggravou-se-me n'este incessante inverno. Mandam-me ir a ares de Braga, e tomar strychnina. Emprega a sciencia em mim a theoria com que as camaras municipaes matam os cães. Vamos la ver como eu correspondo á confiança destes Cagliostroes que saltam do citrato de magnezia p.^a a noz vomica, tudo *in anima vile*.*

Não sei se dêva dar-lhe os parabens por se eximir de capitanear a policia da volteira e turbulenta Coimbra.

Acho q sim, e q devo dar-lhos m^{to} sinceros. Acinja-se, meu amigo, q^{to} possa, á felicid^e quieta e monstona da familia. Ahi tem de portas a dentro duas formas de paraizo que o ceu dos christãos decerto lhe não dará mais perfectas: esposa e filho. Entre elles irá serenam^{te} caminho de outra existencia, q eu lhe concedo como hypothese: se, porem, se metter m^{to} nos tremedoes da vida exterior, terá m^{tas} occasioens de arrepentim^{to}, e raras de satisfacção.

Acceite com um apertado abraço a m^a gratidão e os m^s profundos sentim^{tos} de alegria com a sua felicidade.

De V. Ex.^a

Am^o m^{to} grato e adm^{or}

Camillo C. Branco.

Seide
20-5-78.

(Continúa).

⊕ TEIXEIRA DE CARVALHO ⊕



O RESGATE

A última ilusão foi partir os espelhos—
E nas salas ducaes, os frisos de esculturas
Desfizeram-se em pó... Todas as bordaduras
Caíram de repente aos reposteiros velhos:

Atônito, parei na grande escadaria
Olhando as destroçadas, imp'riais riquezas...
Dos lustres de cristal—as velas d'ouro, acesas,
Quebravam-se também sobre a tapeçaria...

Rasgavam-se setins, abatiam-se escudos;
Estalavam de côr os grifos dos ornatos.
Pelas molduras de honra, os lendarios retratos
Sumiam-se de medo, a roçar veludos.

Doido! Trazer ali os meus desdens crispados!...
Tectos e frescos, pouco a pouco, ennegreciam;
Panos de Arrás do que não-Fui emurcheciam—
Velavam-se braços subitamente errados...

Então eu mesmo fui trancar todas as portas;
Fechei-me a bronze eterno em meus salões ruídos...
—Se arranho o meu despeito entre vidros partidos,
Estilisei em Mim as douraduras mortas!

Camarate—Quinta da Vitória.
Outubro de 1914.

⊙ MARIO DE SÁ CARNEIRO ⊙

Garcia Pulido — “Nos Braços da Cruz”

... Comigo tambem succedeu isso, pouco mais ou menos ...

Quando recebi o livro do Pulido — numa noite geada, de luar vago e azul — olhando para as letras vermelhas da edição — que por sinal não é feia —, lembrei-me muito d'esse Pulido que nós conhecemos — fez em Novembro dois anos.

Vi-o na rua da Moeda, afadigado, *rompendo o fogo* ... das babo-seiras literarias que então se disseram, rodeado de *diabos caguinhas* que lhe arreganhavam os dentes *batecusando de susto*: vi-o na rua Larga, á porta do Neves — o Neves inda é o mesmo? ... — a morder palavras asperas como praganas e crueis como o restolho, com a vista em braza, apontando-nos o *Maltez* — que, segundo então se disse, mereceu elogios dos consagrados de Coimbra, — de pê sobre a colina, ainda todo lambusado de *ranhos verdoengos*, sacola ao ombro, olhar de tigre, avermelhado p'los clarões do incendio, terrivel como a Vingança, sereno como a Fatalidade, gozando cinicamente no fundo da sua alma de fera batida as desêesperadas agonias das searas que se debatiam num mar de fogo, sem talvez nesse instante rogar pragas contra quem lhe amaldiçoára a vida p'lo muito que se sentia de grande e de forte na infernal beleza que o seu desespero realizára; vi-o no jardim da Universidade, encostado ás colunas da Biblioteca, a *casca-lhar* a apologia do Cinismo, pondo assim em desordem a cabeça do Afonso Duarte que, impressionado, afficto, olhar titubiante, nos dizia baixinho: — “Rapazes!, este Diabo faz mal á gente!...” —; vi-o em casa do Lebre, em noites de bom humor, de parceria com o Nuno, falando-nos, com paciencia, do paladar e do cheiro do *chocolate* d'um sôr Lopes que dera em andar bem vestido, — d'aquelle sôr Lopes alegre e bom rapaz, que se não fartava nunca de roubar *coisas* e de dizer *coisas* p'r'á gente se distrair e que vocês — seus ingratos! — já esqueceram; ouvi-lhe lêr as ironias á Eça e a psicologia á Eça das paginas do inedito *Triunfo*: vi-o, em dias de sol, a passear p'la mão do Mestre Fialho, dentro d'um casacão forrado de baieta aos quartos, chapéu posto á moda d'ele, a falar-nos da selvageria das suas *Brenhas*, afirmando-nos, ao mesmo tempo, que se sentia bem senhor de si na muita vontade com que ria de todos os parvos d'este mundo; vi-o, enfim, por toda a parte, com a sua alma de alemtejano, soberba e forte como a d'um sobreiro, cheia do fogo das Queimadas, das pragas dos malte-

zes, dos tons crus e faiscantes da palha ao sol de Julho, do sabor das migas e do gaspacho, da dureza do asinho e dos espinhos dos pilriteiros de que nos fala o Fialho...—de todo esse Alemtjeo objectivo onde se vive sem alma e onde se morre tismado debaixo do grande sol dos *Ceifeiros*.

Assim, lembrando-me d'um Pulido que até na paisagem coimbrã queria ver os sobr'olhos vincados, os tons ruivos e os cerdosos cabelos dos tipos *lã dos raivais*, fiquei, como vocês, um pouco surpreendido quando, abrindo o seu Livro, o encontrei—livido em vez de escurrado, verdadeiro vulto d'outonal crepusculo, já feito camarada dos Choupous, absolvido pelas oliveiras de Coimbra,—todo entregue ao santificado e perdido ritmo do desalento das folhas a cair, abandonando-se á languidez dolorida do Esgotamento a sorrir côres de cirio, implorando perdões a sangrar perdões, rogando a Deus a benção da Tristeza:

Outono de ilusões. Folhas caindo!
— São lágrimas das arvores em reza —
O crepusculo as nevoas vem urgindo
Com suas mãos de mística tristeza . . .

Faz-me bem a tristeza, sinto n'alma
Não sei que unção estranha d'alegria
E vivo bem nessa tristeza calma:
— Olhar de Deus que me deslumbra o dia.

Nesta hora de perdão, que Deus me valha
Para que até ao fim da minha vida
A tristeza me sirva de mortalha,
Pois que a tristeza é vida renascida.

Mas depois — n'um passeio ao sol, por brancas estradas, sentindo nas paisagens o ultimo adeus outonal — recordei de repente o que o Pulido me pareceu em certo domingo do Outono de ha dois anos.— Vocês não se lembram?

Passeavamos todos em frente dos Arcos . . . O Pulido esperava um companheiro de casa, o Laranjeira —aquele rapaz alto e moreno — que afinal não chegou . . . Do Jardim Botânico, num grande silencio, vinham aromas humidios, cheios de passado, emocionantes como muros d'hera . . . A fonte que fica perto de Santana, muito musgosa, chorava romances antigos . . . Amarelecidas, tombavam das arvores as ultimas folhas . . . Havia um sol triste, muito doente . . . Pairavam as melancolias d'uma grande lenda delicada e nobre . . . A gente via, por toda a parte, lindas damas, em balausteadas, d'olhos perdidos, arfando amores, á luz tristissima, doirada, d'aquela sol doente de fins d'outono . . .

E o Pulido, muito serio, dentro de si, como nós nunca o viramos, talvez emocionado pelo recolhimento outonal d'aquella paisagem de sonho e de tristeza, abandonando-se, deixava que a sua alma fosse livre

e sincera, e falasse com enternecimento de si e do que em si reflectia. Mostrou-nos o seu querido Alemtejo em palavras vagas e saudosas, que se perdiam, diluidas, em longes de planicies sem fim, onde apenas errava o luar nostálgico de lembranças mouras... — Eu nada via nele que pudesse recordar-me o Autor do *Maltez*... — Era um Pulido comovido, todo espirito de tristeza evocativa, libertado do materialismo das côres pagãs da sua *fôrma* á Fialho, que a preocupação *realista* de quando em vez gangrenava. Pela primeira vez ele nos dizia frases doloridas e mansas, cheias da genuína bondade portuguesa que o Camilo, nos seus livros, a imensas personagens dá. Vivia livremente o sofrimento, em extasis cristãos, sem querer, como de costume, anavalhar-se, anavalhando os outros... Recitou-nos versos seus, escritos havia anos, coloridos e ritmados por uma infancia longinqua, ingenuos e meigos, como eu nunca esperara ouvir-lhe. E, parado, á entrada do Jardim Botânico, — vocês ainda não se recordam? — estou a vê-lo! — olhando, ao acaso, o cair das folhas, até nos falou da amizade que tinha a uma sua Irmã... A principio escutamolo calados, esquecidos dos seus cabelos hirtos, admirados de lhe não vermos a boca esticada em risos de sarcasmo. Pouco a pouco, porém, foi-nos envolvendo a sua consoladora tristeza evocativa e começamos a sentir e a falar como ele. — Nem agora se lembram da mudança que, com rapidez e espanto nosso, no Pulido se operou? — Como se, ao contrario do que era vulgar esperarmos, visse, nas nossas palavras, de comições iguais ás suas, humilhações para si, — talvez obedecendo ao egoismo allivo duma intellectual tristeza que, para viver a contemplar-se com torturado encanto, não quizesse vêr-se reflectida nos outros, — começou de novo a falar nos da vida, das torturas e dos parvos que tinham lagrimas... — *cascalhando* alto os seus habituais desprezos. E assim nos reapareceu, a rir torturas, a querer *sem* talvez querer que a gente acreditasse na sua felicidade de cinico, muito mais desgraçado — embora então tal não pensassemos — do que quando, abandonado á tristeza, nos falava da alma nostálgica do seu Alemtejo — onde se presentira o *Deus Alá a desdobrar-se no céu*, — da sua infancia e de sua Irmã, em palavras d'uma saudade tão familiar e tão santa como o fumo branco de casais distentes, visto á íntima e religiosa hora do "lusco-fusco"...

Compreendidas, portanto, todas as evocações em que o Pulido se nos mostra diverso, não devemos ter espantos ao vê-lo, esquecido das suas gargalhadas sátiras, nos braços d'uma cruz d'amor, de tristeza, de saudade, de perdão, de bondade, de desalento, de anciedade e de duvida, — sofrendo, torturado, as diferentes emoções que nos dão certas "*cabeças fulvas como o sol doirado*", os sussurros dos pinheiros em vales de nevoeiros, as calmas noites de transcendencia e luar, as cristianissimas côres do sol-poente, os tons comevedores e vagos d'uma

paisagem d'oliveiras diluida p'la luz d'um suave crepúsculo, os *de profundis* da chuva em dias de penumbra, e as tragicas noites de treva e vento...

Todos ou quasi todos os Novos que caracterizam a geração d'agora — mergulhados no Desalento, na Duvida e numa Anciedade intensa e sem fim — vivem agitando-se forte e incertamente num desvairado desejo de viver, ou abandonando-se á sorte, gosam em si, na comprehendida inacção, torturando-se, a Desgraça e o Aniquilamento. Não teem vontade. São consciente e desesperadamente uns negalivos, uns cobardes. Mostram, por toda a parte, as suas hesitações, os seus receios, — a sua cobardia, — e correrão ás bofetadas o primeiro que se atreva a afirmar-lhes que os acredita, embora todo o empenho d'elles vá no quere:rem ver-se acreditados. Em horas de sofrimento saudoso e calmo, sem já terem em si dó que baste á sua desventura humilde, imploram, — um momento iludidos, mas com alma — nos seus livros, a piedade dos outros — e rirão gargalhadas d'orgulho ferido e até talvez de desespero e d'odio na presença do bom estúpido que os humilhe com as suas puras lagrimas de compaixão. Do conhecimento intimo d'estas contradições de doido martirio, surgem neles outras torturas de novas anciedades, de novas incertezas, do novos desalentos, estiolantes, paralisantes — as mais das vezes perfeitamente inuteis. Ao sentirem que em si apenas, tragicamente, a Inutilidade fala nos seus gritos terriveis de torturados, desvairam; criam nesses desvairos novas dôres; odeiam-se; desejam ferozmente castigar-se, esfacelando-se lentamente, para gosarem, de instante para instante, o aumento fantástico do seu desesperado sofrimento; e, num momento, reconhecendo que são os carrascos d'elles proprios, querem fugir de si e fogem... Mas nem então serenam, nem então deixam de sofrer, porque voltam a abraçar-se e a morder-se, atraídos pela grandesa do sofrimento que elles, a um tempo, vivem em desespero, e contemplam encantados.

.....
 — «Esqueço-me de mim, em mim desperto»

.....
 «Não quero ouvir-me e ouço-me, encantado!»

— diz o Mario Beirão no *Ultimo Lusitana*.

Assim elles procuram a todo o instante, independentemente da sua vontade, viver maiores tormentos, para constantemente se amarem no odio que por si sentem e se admirarem no desprezo com que se olham... Por isso a dôr que grita nos Livros dos Novos — de grande que é, vinda do desalentado desejo de *não ser*, da alucinada ancia de *querer ser tudo* e da paralisante duvida de *ser*... — só numa admiração, *sem favor*, inteligente e carinhosa, poderá encontrar algum con-

forço. Para receberem essa nobre e algumas vezes legítima consolação, é que Eles tentam descrever-nos ou cantar-nos, em fórmulas belas, tudo o que na sua alma em torturas vive; é para ver se podem acreditar-se e para receberem o balsamo da admiração carinhosa de si e dos outros que *vivem e se mostram a viver* — em silencio, a blasfemar, a chorar ou a rir, sofrendo sempre — todas as vidas.

Ora o Pulido, como ha poucos dias lhe disse numa carta, é sobre tudo um novo.

Vejam vocês como, na *Vertigem do Nada*, soube viver e dar forma perfeita á grande Duvida que nos crucifica em vagos e incertos braços de desalento e de dôr, sem nos deixar, ao menos, a certeza de ser sangue o sangue que, das nossas mãos, vemos cair :

.....
 Na vertigem do nada alucinado,
 Meus nervos fervem vendo a escuridão
 E á beira dela fico acobardado . . .

.....
 Talvez que seja tudo uma ilusão
 De quem julga pensar sem ter pensado
 E o nada seja a voz do coração ! . . .

Vejam como ele sabe que :

.....
 Muitos passam na nossa vida a esmo,
 Somos *outro* momento para momento . . .

vivendo assim em constantes saudades :

.....
 •Atraz dumas outras vem,
 Nesta vida tudo foge,
 Saudades, inda hei-de te!-as
 Das minhas saudades d'hoje . . .

.....
 Como todos os Novos vê a Morte como sendo a unica *vida* de redentora Belesa :

.....
 E, todavia, eu vejo-me doente,
 Do corpo vac-me a *vida* libertar,
 E ela irá nos clarões do sol poente
 Buscar a côr que eu lhe não soube dar.

Em noites de insônia, vendo a sua vida preguiçosa e estéril, sentiu o fantasma *Tempo* galopando-lhe destruições dentro da torturada cabeça; apavorou-se; delirou como doido; desesperou-se por não saber *viver o Presente*; e, num momento, compreendendo o seu estado d'alma, discordando com d'Annunzio, concebe estes grandiosos tercetos:

.....
O tempo dura apenas um momento.
Mal chega, logo morre, é luz perdida.
Amanhã — não existe. Vão tormento

Traz a esperança em sonho adormecida.
Quem espera ha-de ter o desalento
De ver a morte sem ter visto a vida!...

E, ainda como nós todos—quando na aldeia, em tardes de penumbra mansa e azulada, vemos recolher os Gados e caminhar p'r'as Fontes...—vive, na *Romaria*, em perfeitas quadras de simplicidade e de tristeza, a verdadeira alma popular...— a alma popular que, uma vez ao menos, com muito amor dentro de nós sentimos...

... De maneira que — vocês bem vêem, embora o que eu tenho dito seja incompleto, fragmentado — não ha razões para acharem mudanças no Pulido... nem tão pouco para estranharem que ele, ainda crucificado *Nos braços da Cruz*, prometa mostrar-nos, em breve, muitos *tipos e muitas coisas* — tudo decerto muito interessante — sobre a palhinha nova do *Canapé da Europa*...

E' simplesmente coerente, dentro das suas contradições!...

Beira Alta — Dezembro — 1914.

SEVES D'OLIVEIRA.



A VOZ DAS PAISAGENS

Ao Afonso Duarte.

Abre tu'alma neste abrir do dia:
— Grita, de longe, a voz de quanto vejo!
Que a luz do Sol a afogue d'harmonia
E que ela seja a voz do teu desejo!

Que o fazeres versos, nesta hora calma,
— A qualquer bençam que floresça em leiva —
E' dares, aos troncos, a beber tu'alma,
Para te darem a beber a seiva!

Vem dar teu sangue ao sangue das Paisagens:
— Que maravilha ha-de gritar em côr!...
Tu ouvirás, nos córos das aragens,
Rogos da Serra, para seres pastor!

Cego de Deus, tu has-de vê-lo em nós,
A derramar milagres de beleza!
Ter sêde é apenas presentir-lhe a voz,
A cantar alto em aguas de represa!

Que bem que canta a voz de Deus na agua!
— Poeta e moço, vem ouvi-la, vem!
Dizes que agua é espirito de fragua:
Alma de Deus, diremos nós tambem!

Abre tu'alma, que a tu'alma aberta
Recebe Sol,—que é Deus que se ilumina!
Terás assim na tua alma incerta
O que em nós ha da inspiração divina!...

E com os teus olhos postos sobre as côres
—Aonde o Sol melhor as soube dar!—
Mais alto subirão os teus louvores,
Melhor a tua voz ha-de cantar!

Vem cantar, hoje, o teu amor á Serra
Que se avermelha em tintas d'arrebol.
Ao vir do Sol, todo o cantor da Terra,
E' um vulto pintado pelo Sol!...

Coimbra — 1915.

António Augusto

SANGUE RUIM

(FRAGMENTO)

MARTHA, quando o seu pae morreu, contava uns dezesseis annos, florindo esperanças no seu corpo, a recortar-se em curvas fundas. Corrêra-lhe a vida langorosa, com serenidade, como se fosse augurio do destino aromatizar-lhe a alma e formar-lhe o corpo té á adolescencia, para que a sua rudeza mais voluptuosamente lhe dissecasse a carne e lhe fanasse as illusões.

Era branda e irritante a sua alma, como se o contacto dos estofos, onde sonhava futuros, lhe filtrasse no corpo, pelo atrito das suas mãos nervosas, os seus brilhos doces de penumbra e a lanugem embaçadora e lubrica de pelle felina.

Os sorrisos de seus paes, té ahi felizes, davam-lhe a confiança em que o seu espirito, pleno de vida, descansava com a serenidade d'uma estatua de patricia.

Madrugadora, pelo alvorecer da lufa-lufa dos campos de trabalho, a sua admiração levava-a quasi todas as manhãs ás propriedades da casa, onde os seus olhos pousavam nos corpos masculos dos camponeses, tismados de rubro-negro e nos matizes esfumados das paisagens. Irradiava-lhe o olhar uma suavidade cansada, um rito panteista, pelo contacto leve das coisas rudes e simples; e a sua alma a florescer linha excentricidades infantis na contemplação das fórmãs. Era como que uma intuição artistica, olhando os aspectos, ressentida por uma ascendencia em cuja energia tufava a seiva da terra e a nostalgia das charnecas. Sentia vagamente uma nômade tristeza a chromatisar-lhe reminiscencias quasi mortas, impellindo-a a correr estradas desertas.

Logo de manhã, o Soares, o cocheiro da casa, esperava Martha no eido, ao fundo das largas escadas paceiras, refreando o Sultão, impaciente, já atrelado ao *dog-cart* que a costumava levar. O Sultão era o seu cavallo favorito, negro, de pêlo luzidio e vivo, reaccendendo e esmaecendo em nuances, em arripios electricos, sacudidos, a cada caricia dos dedos de Martha, que o costumava assim festejar.

Muito franzina, as suas *toilettes* de campo mais accentuavam o seu corpo de rapazito, onde só as ancas davam o aspecto feminino, bo-leando-se n'um distender fecundo. Mal se recortavam os seios a soerguerem-se sob as pregas lassas da sua alvissima blusa de cassa, rematando ao cimo n'um esgarçar de rendas tufando no pescoço niveo. Cahiam-lhe nos frontaes canudinhos de cabellos negros que se abriam em espiraes luzidias ao seu andar curto. E a cobrir-lhe a nuca abria em leque n'um dos lados um chapéu de palhinha, fechando a outra aba no remate vermelho d'uma rosa fresca que todas as manhãs colhia no jardim.

Descia as escadas e d'um salto, muito agil, sentava-se no vehiculo, de correame luzidio e metaes rebrilhantes, a espelharem; e fechando a portinhola onde rematavam em duas fivelas brancas duas firas de coiro

↳ A GALÉRA ↴

brunido fechado em X, incitava o Sultão n'uma corrida cega, nervosa, impaciente.

Então, só, guiando o *dog-cart*, torcicolava os campos vastos das propriedades solarengas. Sorvia a grandes lufadas o ar fresco da manhã e a sua vista collava-se aos matizes variadissimos da vegetação, onde focos rembrantescos de luz apenumbravam bocados, para onde a imaginação fugia, a embalar-se no ritmo da ramagem.

Distantes, eram leivas revolvidas, rubras como superficies sangrentas marchetadas do amarello das videiras. Nas encostas cerravam-se pinhaes onde focos de luz, como que de globos electricos, cahiam do alto a fazer uma ilha luminosa rodeada pela sombra triste do verde-negro dos pinheiros. Zig-zagueando, d'um lado para o outro, recortavam-se dois palmos de passagem, aos socalcos, barrenta, quebrando em linhas caprichosas, onde de longe em longe se curvava graciosamente o geito macio que tufa nos seios miniaturas d'uma mulher, como o arreganho espherico d'uma onda a levantar-se, e desce rasteiro, aconchegando-se como para formar um salto sobre o ventre e d'ahi morrer sobre as coxas n'um esmaecimento de cansaço.

Em baixo pastavam gados no socego panteista dos campos onde brilhavam irradiações doiradas dos folhelhos das espigas e se alevantavam n'um arreganho mau de forca os paus tombados das cegonhas.

Pelo campo do trabalho se esquecia n'um enlevo todo encantado pelos matizes da vegetação e da fecundia das seivas. Passavam-lhe pelos olhos extasis de vida colorida e eram leivas tufadas, ao longe, de tapetes verdes prendendo a pupila na illusão de *ezteri* brilhante e macio; bocados mais viçosos, luzidios, recordavam o marmore cipolino cujas ondulações brancas esmaeciam e reaccendiam no agitar flexivel dos malmequeres.

Apagava-se de momento o viço do seu corpo pelas sensações fortes dos scenarios e a sua carne vergava ao peso da volupia do seu espirito.

Em frente d'essa mudá bacchanal de criação em que a terra esparge raizes de vida, tumidas de forca e alegres de chromatismos, a sua carne despertava n'um desejo quebrado e lasso de iniciação, velando-se-lhe os olhos como ensombrados dos can-cans creadores dos corpos, a berrarem eternidades.

Então, religiosamente, sorvia a largos haustos o fartum aromatico da maturação dos fructos e da verdura.

Vincavam-se-lhe no rosto contracções nervosas e a sua phisionomia tornava-se rude e violenta de sensualidade, pelas arestas bruscas dos musculos distendidos.

Vista apagada como se quizesse reviver na penumbra, mais nitidas, as visões do seu desejo, ficava-se no contacto dos homens do campo, maltezes bravos, herculeos e fisnados, de estatuaria rude e aspera, braços distendidos no altear duro dos musculos.

Horas sumidas de penumbra, sob o esfumar da luz e na mistura triste das côres vivas do dia, o angelus tangia n'uma capella branca a perder-se ao longe, fazendo do campo de trabalho a illusão d'um campo santo onde simulava cruces a imobilidade beatifica dos corpos, rezando avê-marias. Era a estas horas de religiosa evocação á vida que muitas vezes Martha recolhia a casa.

Um dia surpreendeu-se presa nas proporções hieraticas d'um adolescente rustico. Foi sob a lassitude narcotica do ar em que as côres teem arrepios de sombra como desmaios lubricos em marmorea carne. N'uma hora de tons esvahidos em que, longe, vaccas pachorrentas se distendiam em fôrmas exacerbadas, elasticas de sombra.

N'um recolhimento, sobre o folhelho secco das descamisadas, Martha pulou sobre os hombros duros do moço, desvairada; sobre a bocca do rustico, n'uma adherencia rubra de calda, os seus labios desmaiados e contractis, pousaram soffregos, apremados, n'um sorver doido de vida. As pupilas nictitantes, distenderam-se no crescendo do desejo; e no aperto marroquino dos seus braços, pendurada, suppoz a breve instante um contacto impuro de cadaver, onde um frio de tumba lhe murchou a tenção vibratil do seu corpo, repellindo o moço qual funebre apparição.

E fugiu. N'essa tarde, depois da crise, sentiu-se socegada, n'um embalar de imagens que se moviam no crepusculo da sua consciencia enublada. A sua imaginação como que narcotizada de haschich, fazia-a gosar n'uma moleza de carne unvida de apparições deleitosas, harmonicas de côres e fôrmas, como vaporisações corporeas. Eram incoherencias em que as suas mãos leves e brancas pousavam e distendiam em fôrmas masculinas, excetricas, maleaveis, com a elasticidade artistica com que as mãos do oleiro espalmam o barro das suas creações.

Ao cahir da noite, no seu quarto, sentada n'um escabello, os braços cahidos sobre as hastes remiges como azas recurvadas, dava-se, n'uma estesia d'optica, n'uma lucidez de febre, a corpos apolineos de linhas hermaphroditas, cupulando sombras n'um frenezim fecundo.

Ao lado, n'uma penumbra doce, delinquente, erguia a cama de pau santo, alta como um palanquim, o seu quadrado de colonelos espiralados de florões de lascivos arabescos. Desava pelos cantos uma severidade antiga de antepassados.

O tecto de castanho entalhado em relevos mysticos, erguia-se em rampa a cavar ao centro um nicho em cornija, d'onde uma cadeia de ferro, de elos cinzelados, cahia a enganchar no grampo adunco do lustre de crystal e bronze. Findava á volta em chanfradura a morrer na sanca quadrada do quarto forrada de azulejos, espelhando o azul vitreo das pinturas, representando pequenos retabulos mythologicos. Cahia do lustre uma luz morta ebanizando os claros e envernizando de cunhos rembrantescos as arestas da mobilia Imperio.

Desejaria gritar, erguer-se n'uma furia divina e berrar o seu desejo, correr em velocidades cosmicas, tê apagar no seu corpo a percepção do movimento; e na sua frente, n'uma hiper-visão, passavam centauros tentadores, cabeças morenas, aureoladas de sorrisos que Martha desejava apagar, diluir em beijos.

Sobre uma mesa de mogno, pousando no dorso de duas aguias, havia artisticos *bibelots* de figurinhas, cujos corpos, em attitudes viris, eram instantaneidades de vida altissima eternisada na immobilidade da pedra; jocundos gestos electricos de corpos masculinos retesados em assomos de creação. Ella filtrava-se nas figurinhas exacerbando-as n'um crescendo de fórmias; trazendo á superficie os musculos, alteando a carne com movimentos presos de embolo. O seu corpo frangia-se n'um acolhimento de humildade. Na confusão optica do seu olhar cansado, passavam os *bibelots* n'uma promiscuidade de sexos em que requebravam, lubricos de gestos.

Reminiscencias vaporisadas abalavam-lhe a somnolencia de odalisca, amassando-lhe as linhas do corpo. Começou despindo-se como se a maciez coceguenta dos vestidos lhe irritasse a pelle sensibilissima.

Cahi-lhe sobre o tapete d'Aubusson a camisa leve, transparente, amarfanhada, n'um fechar abandonado de azas a pousar. A' luz morfiça do lustre a sua carne branca quebrou n'um tom mais pallido, fluente, a desmaiar. Os seios tufavam, boleados em miniaturas rigidadas e ela contemplava, n'uma somnolencia, o distender suave das suas ancas, recurvando ao alto, a baixar nas coxas de estátua grega, n'uma volupia lassa. Sobresahia no brilho escuro do pau-santo o seu corpo a pedir uberes abandonos e toda ciosa do seu talhe, deante das estatuinhas orgulhosas, ella mais erguia a sua altivez de virgem.

De sobre a meza pegou n'um *bibelot*, representando um athleta adolescente da Grecia antiga. Os seus musculos ressaltavam, duros, d'uma pureza de linhas em que se lhe adivinhava uma agilidade felina. Tão perfeitas as porporções das partes que o corpo lomava fórmula, crescendo, a sorrir n'uma adolescencia de pura raça olympica. Os olhos de Martha começaram a cerrar-se, n'uma revelação de vida que a cansava despertando-lhe na carne uma volupia vampirica.

A sua nudez perfeita, contornada, tinha estremeções rapidos, epilepticos, e foi n'uma loucura de movimento, esquecendo o rithmo, estrangulando um grito, que rolando com as pernas tensas um almadrague antigo, junto ao roda-pé da cama, para ella pulou, açapando-se n'um desejo de frangir-se, em proporções iguaes ás do satyro, para que a posse fosse perfeita.

Brilhava na estatueta gelida, talhada em marmore, um riso olympico de triumpho.

VIDENTE

PROFUNDO bem o olhar dentro de mim,
E vejo que em minha alma ha um Sol posto...
O presente despede-se de mim,
N'um intimo desgosto...

O meu estado de alma, é uma imagem
D'aquela estado de alma da paizagem,
Ao pôr do Sol, durante o mês de Agosto...

Afogo o rosto,
E boto o meu olhar ao Sol que morre...

E como a terra vendo o Sol já corre
Buscando a sombra,
E quando a noite chega
Cansada de ser cega
Corre de novo em busca do Sol nado,
Eu penso no futuro, e vou pensando
Nas saudades que eu hei-de sentir quando
O meu futuro seja já passado...

E unge-me de luz a luz do Sol...
E fita-me o olhar num desafio
A' luz do meu olhar...

E' quasi Outomno,
— O' Padre Santo da estação do Estio,
Eu sinto-me hypnotisar!...

E a minha carne sente somno, somno...
Meus seis sentidos sinto-os despertar...

Prepassam-me ao olhar velhas edades,
Eu sinto a alma cheia de saudades...

E eu oiço fallas, ditos nunca ouvidos,
Que eu tenho bem áleria os seis sentidos...

Eu ergo o pensamento, e já debuxo
Com tintas de Sol-posto um Além puro,
E ás vezes chego a crer que sou um bruxo
A adivinhar as coisas do futuro...

E jí eu vejo coisas que não via,
Entendo coisas que não entendia,

E o ar mysterioso da paizagem
Perde os mysterios todos para mim...

E o Sol vae de longada...
Uma viagem
Que não teve principio e não tem fim...

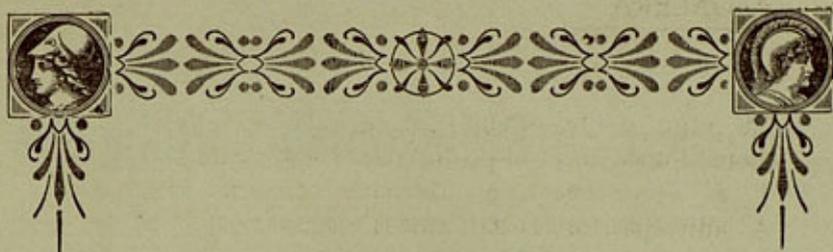
E já se afoga o Sol nos horisontes
Ungindo em labaredas esses montes...

O' Sol! pára um bocado,
—Graça de Josué, a mim, a mim...—
Não vás tão apressado,
Não fujas tanto, assim...
O' Sol! pára um bocado...
Despede-te de mim...

E lá se foi embora...
O' minha amada, vem, depressa, agora,
O' minha amada, vem... *Salvè Rainha,*
Mãe de misericordia,
Vida, doçura, esperança minha...
Fita os meus olhos bem, sem me fallar,
Assim... olha-me bem... profundamente...

—Que eu quero ver ainda o Sol poente,
Olhando para mim no teu olhar...

⊗ A. CORTEZ PINTO ⊗



GLEBA IDEAL

LAVRO com ela a terra do Senhor,
Somos os dois sòsinhos a lavrá-la...
Vêde que graça tem o meu amor
De enxada ao hombro, quando vai cavá-la!...

Desde manhã cedinho até sol-pôr,
De olhos em Deus, lá vamos cultivá-la:
Eu tam honesto como um lavrador,
Ela, modesta e linda, qual zagala...

A nossa terra é terra de grangeio,
Tem um casal, ao centro, côr de rosa
E, a toda a volta, vinha com esteio...

Que a minha amada seja venturosa!...
— Cantando a terra ardente que arroteio,
Eu canto Alguem que faço minha esposa!...

⊗ TEOFILO CARNEIRO ⊗

Critica de Philosophia e Religiões

(Genese dos phenomenos religiosos em geral)

(CONTINUAÇÃO)

IV

SENDO as religiões um grande facto historico e constante, cuja necessidade, genese, equivalencia e evolução devem procurar-se na psychologia humana, concomitantemente deverá ser um outro facto, não menos constante e verificavel á luz da historia e dependente dos sentimentos e instinctos do homem, a tendencia das religiões a prevaricar. A constatar-se tal facto, elle fornecer-nos-ia como que uma contraprova do que expuzemos no artigo anterior. Verificando a existencia dos factos, comparando-os, e deduzindo d'elles as mais legitimas consequencias, a historia com o seu eloquente e irrespondivel testemunho, diz-nos, que todas as religiões resentem e soffrem necessariamente as influencias do meio ambiente, do clima psychologico, intellectual, em que nascem e se elaboram, e, á mercê d'elle, são capazes das mais extranhas aberrações, sancionando, não raras vezes, os mais curiosos excessos. Ainda que se constituam e desenvolvam n'uma atmosfera social sã e de relativo progredimento, se, acaso, conquistam os fóros das mais amplas liberdades ou, sobretudo, se são dirigidas por poderosas e solidas jerarchias, e d'ellas dispõem, facilmente se tornam intolerantes, despoticas, arbitrarías e intransigentes, sendo os seus crédos, ora occasião de profundos abalos sociacs, ora instrumento de terror e de despotismo moral.

Ascendendo ás culminancias do poder e da riqueza, convertem-se em instituições de politica, contrahindo d'ella todas as intrigas, paixões facciosas e mesquinhos interesses, que são a antithese flagrante do espirito religioso, tornando-se uma arma de ambições ou um objectivo de exploração e servilismos politicos. Estes abusos, perseguições e outras funestissimas consequencias das grandes convulsões e tremendas luctas religiosas, são o reverso da medalha de merito, que a historia lhes attribue e offerta pelos alevantados ideaes e nobres sentimentos que tem despertado, pela prestadia influencia e valiosa protecção ao renascimento da actividade litteraria e artistica, pela fonte inexaurível de sonhos e paradisiacas esperanças com que acalentam e confortam os homens e as sociedades que as professam. Eis porque, a meu vêr, sendo as religiões um producto da actividade humana, ao homem compete igualmente a responsabilidade pela applicação das suas normas de conducta moral, dos effectos e consequencias praticas dos systemas

religiosos. Quero dizer com isto que, apenas nascem as religiões, parallelamente nasce para as sociedades a obrigação moral de fiscalisar-as, dirigi-las, não só para que jámais excedam os limites da esphera da sua acção, perturbem a politica ou invadam o campo da sciencia, como tambem para mantê-las ao nivel sempre instavel das exigencias e necessidades das diversas epocas, afim de corresponderem sempre e melhor satisfazerem aos seus elevados e impreteriveis fins. Todas as sociedades que obliteram estes deveres, sujeitam-se, ou ás contingencias de grosseiras e protervas concepções supersticiosas, ou ao despótico e fradesco jugo duma tyrannia sacerdotal, *ultima ratio*, porque as sociedades são responsaveis pelas suas religiões, do mesmo modo que estas com as suas instituições, o são pelas sociedades a que presidem e informam.

O rompimento d'esta mutua reciprocidade de direitos provoca fe-cundos damnos e cataclismos sociaes, que os hodiernos movimentos simultaneos, não só contra as religiões, como tambem contra os mais sãos principios e legitimos representantes da auctoridade, patria, familia e propriedade, nos deixam entrevêr, chegando a proclamar-se, d'um lado, a bancarrota das crenças religiosas e do outro, a decadencia moral dos aggregados sociaes. Em these, não me parece que o problema seja difficil de resolução. Como dissemos, a duas se resumem as prevaricações das grandes confissões religiosas: a intervenção na politica, convertendo-se n'um instrumento de paixões e luctas de partido, e a invasão do campo da sciencia, sendo um obstaculo á sua liberdade e progresso. Quanto á primeira, as condições do mundo moderno, com as suas amplas e sempre progressivas liberdades e os seus regimens essencialmente democraticos, teem debelado efficazmente qualquer acção perniciosa que as religiões poderiam tentar seguindo aquella directriz; pelo que concerne á segunda, parece-me que nenhuma apprehensão seja menos justificada do que esta, que arrasta a sciencia a desconfiar das religiões. Póde essa rainha soberana—a Razão, continuar óvante na investigação e estudo da Natureza, com os seus maravilhosos progressos e deducções nas diversas e distanciadadas provincias do saber humano, aqui vencendo erros e domando preconceitos, além decifrando os infinitos enigmas das causas secundarias, phisicas e moraes, que outro campo—o da metaphysica, o mundo do Invisivel e Indemonstravel—, constitue o terreno proprio e adequado dos systemas religiosos.

Quanto á questão *de facto*, qualquer que seja a solução que os destinos preparam e reservam a essas duas maiores forças vivas de que dispõe a humanidade—a Sciencia e as Religiões—, creio *conditio sine qua non*, afim de evitar-se a conflagração d'esses dois grandes elementos da Vida humana, sob a alternativa de luctas infecundas e perigosas para a existencia das modernas sociedades,— que a Sciencia,

com os seus corypheus, reconheça, por seu turno, a necessidade e a intrinseca razão de ser das fórmulas religiosas, com a condição, porém, que estas dentro dos limites, que a actividade humana lhes traçou e do campo que lhes foi destinado, progredam parallelamente, para melhor se adaptarem ás diversas e prementes necessidades metaphysicas, affectivas e moraes da humanidade e sempre corresponderem aos seus elevados fins, adentro das condições do meio ambiente, que as modernas sociedades apresentam. Em presença do *Mysterio* que envolve tudo o que diz respeito ás energias invisiveis que movem e dirigem a maravilhosa e complexa machina do Universo, em face da funcção que as religiões exercem, como órgão indispensavel á vida individual e collectiva do homem, á existencia, grandeza e prosperidade das sociedades, todas estas lições incontestaveis e magistraes da historia, não podem impunemente ser ignoradas pelos homens publicos, que teem a seu cargo a direcção moral e intellectual dos povos, e que, de preferencia ás elucubrações abstractas e theoreticas, devem interessar-se pelos problemas de resultados eminentemente praticos. Pelas mesmas razões, os mentores, os *qui præsunt* das grandes unidades systematicas de confissões religiosas, devem persuadir-se que nenhum principio é mais pernicioso aos seus systemas da Fé, que a absoluta immobilidade das crenças. Nascidas das necessidades vitaes da psychologia humana, viver e morrer ao capricho d'ellas é sua lei inexoravelmente fatal! Pensar em fugir-lhe ou evita-la, é presagiar-lhes uma morte desastrosa e precóce.

Só com este pacto, com o advento d'esta mystica alliança, reputo possivel, quanto á questão *de facto*, repito, restabelecer-se a convivencia da Sciencia com as Religiões, a harmonia entre a Razão e a Fé, e, concomitantemente, soar a hora bendita para a humanidade, do começo d'uma nova vida, *initium novæ vitæ*, como escreveu um illustre escriptor francez, — presagio consolador d'aquellas eras em que se realisará a esperanza do grande Apostolo, que já entrevia em sonhos a Paz da insatisfeita consciencia humana, que tão importante papel desempenha para a Ordem, Progresso e Felicidade sociaes de todos os povos.

Ficamos hoje por aqui, reservando para o proximo numero, como complemento e conclusão d'este capitulo, a critica da *hypothese* d'uma revelação primitiva, rigorosamente sobrenatural, como fonte primordial, embryonaria, dos phenomenos religiosos e dos systemas de religião. Embora no seu conjuncto, promettemos fazel-a com toda a probidade scientifica, com a mais escrupulosa circumspecção e á luz dos rigorosos methodos da critica historico-religiosa, tão fecundos de resultados praticos na decifração dos obscuros e delicados problemas da historia das religiões primitivas.

(Continua).

⊙ J. MATHIAS LOPES ⊙

EXPEDIENTE

⌘ Os n.ºs 5 e 6 são distribuidos no dia 20, dia da festa d'Arte em homenagem a Antonio Nobre, os quaes serão collaborados por alguns dos mais distinctos escriptores portuguezes. Termina assim a 1.ª série (1.º trimestre de "A Galéra").

⌘ Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção.

⌘ Toda a collaboração é solicitada.

⌘ É respeitada a orthographia dos auctores.

⌘ Aceitam-se correspondentes em todas as terras do paiz e no estrangeiro.

EM BREVES DIAS

REVOLTADOS

1 vol. (Desbravando terreno)

por J. E. da Costa Cabral.

F. FRANÇA & ARMENIO

LIVREIROS EDITORES

Livros nacionaes e estrangeiros. Assignaturas para todas as revistas e jornaes do mundo

Arco d'Almedina, 2 — COIMBRA

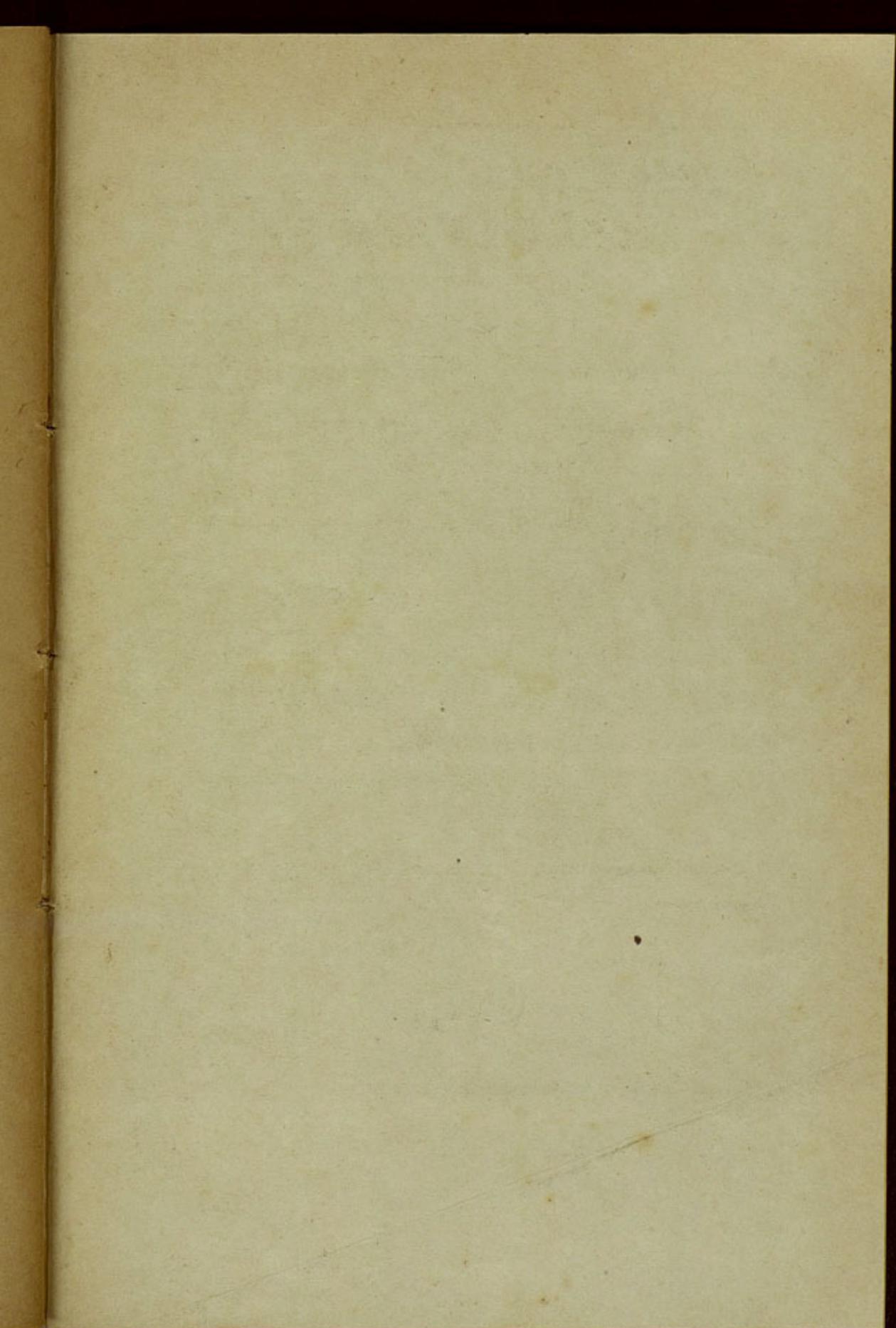
F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO-EDITOR

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Correspondencia directa com os principaes centros litterarios

VAGO

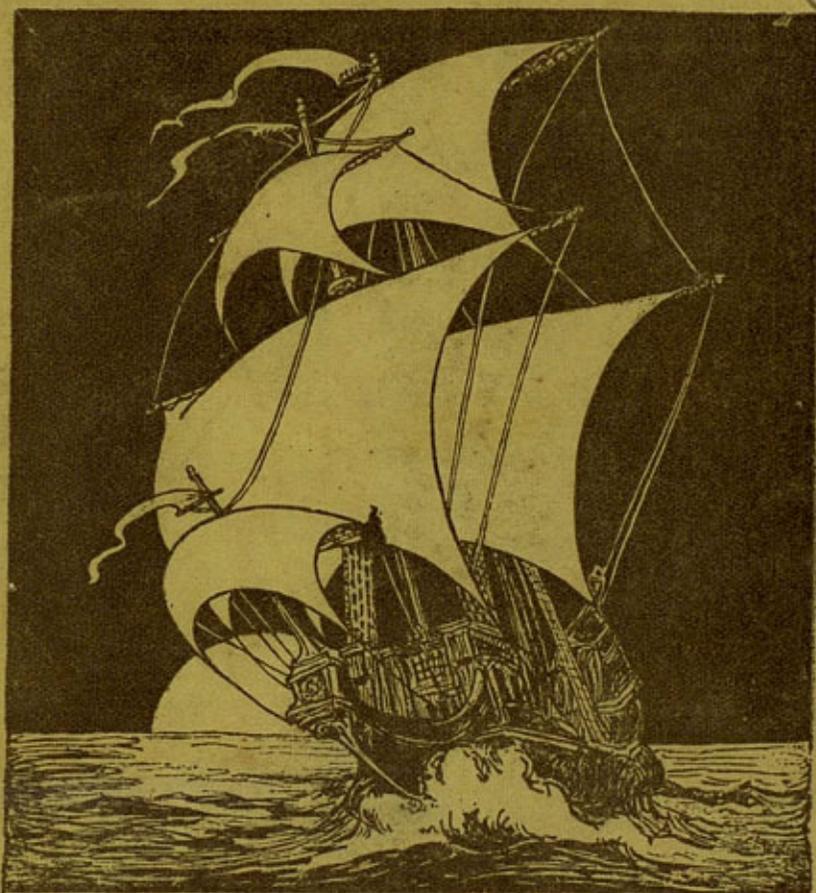




Revista da Universidade

A: GALÉRA

REVISTA
DA
UNIVERSIDADE
DE
COIMBRA

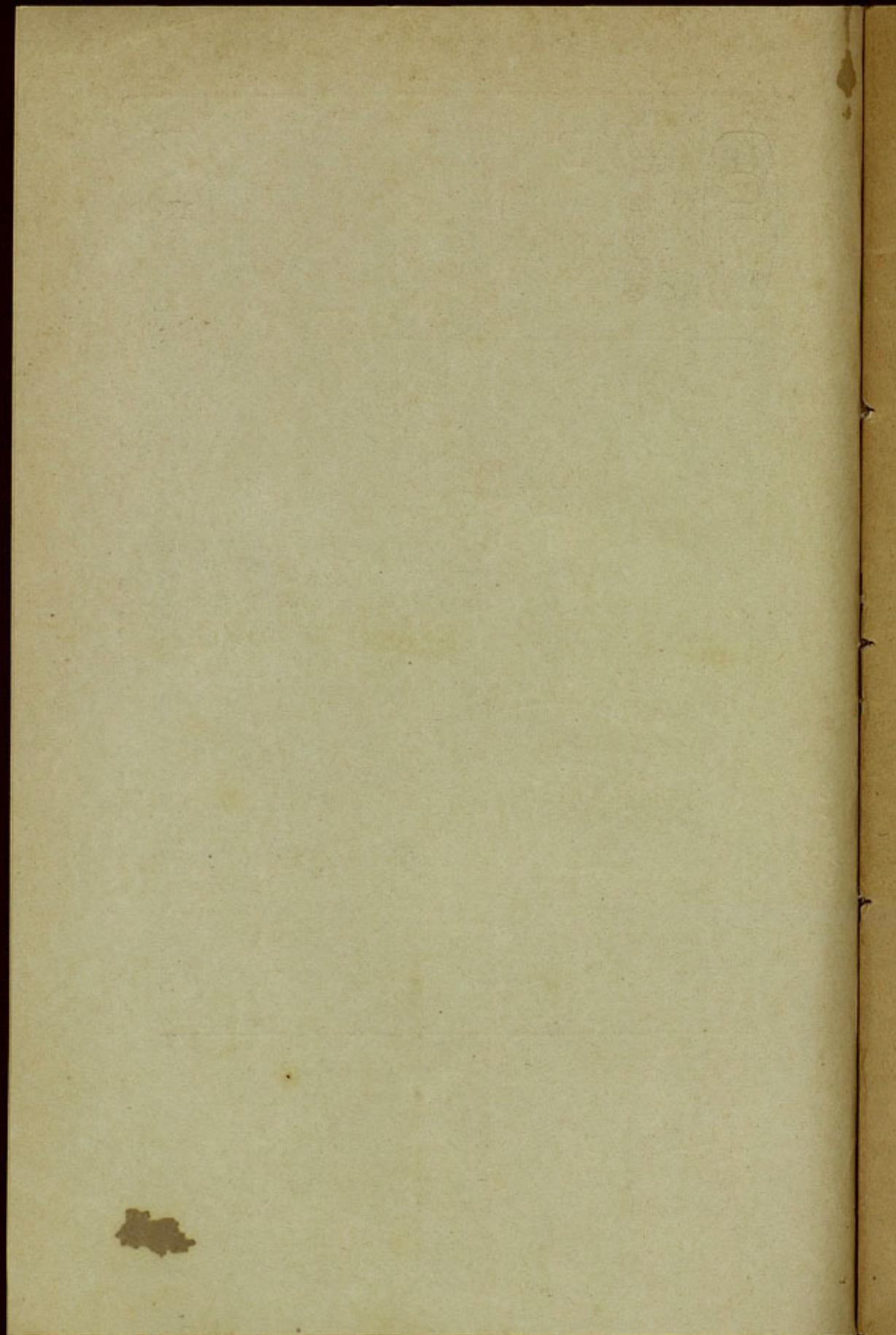


REVISTA DE LETTRAS-ARTE-E-SCIENCIA

W. G. ...

1.º ANNO — N.ºs 5 e 6

25 DE FEVEREIRO DE 1915





⌘ Suave mari magno praeteriti
Est procedere ad futurum ⌘⌘

A GALÉRA

Révista quinzenal de Letras, Arte e Sciencia. Direcção e propriedade de: Alves Martins, Costa Cabral, Ferreira Monteiro, Nicolau Sobrinho e Joaquim Mathias Lopes. Secretario da redacção: José Henriques Barata. Editor: José E. da Costa Cabral.

Redacção e administração: Rua Fernandes Thomaz, 85-1.º, Coimbra.
Composição e impressão: Typ. «Minerva» de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, Avenida Barão de Trovisqueira, V. N. de Famalicão.

SUMMARIO DOS N.ºs 5 e 6 (1.ª série)

— 25 de Fevereiro de 1915:

ANTO E A MORTE, *Alves dos Santos*; ANTO, *Mario de Sá Carneiro*; BALADA TRISTE DA ALMA LOUCA, *Tito Bettencourt*; ANTO, *Antonio Ferreira Monteiro*; «SÓ», *Alfredo Pedro Guisado*; O POETA (A' memoria do poeta Antonio Nobre), *Maria Emilia*; A HORA DE ANTO, *Alfredo Guimarães*; O MYSTERIO DA «TORRE» (illustrado), *J. E. da Costa Cabral*; ANTONIO NOBRE EM PARIS, *Xavier de Carvalho*; SONHO DE ANTONIO NOBRE, *Alfredo Pimenta*; ANTONIO NOBRE NO ESTRANGEIRO, *Henrique de Campos Ferreira Lima*; ANTONIO NOBRE, *Castro Alves*; ANTONIO NOBRE (illustrado), *Antero de Figueiredo*; ANTONIO NOBRE, *Antonio Alves Martins*; «SÓ», *Martinho Nobre de Mello*; NOVENA NAS URSULINAS, *Severo Portela*; SAUDADE DE ANTO, *Antonio Valente de Almeida*; PARA A MEMORIA DE ANTONIO NOBRE, *Fernando Pessoa*; FALA-SÓS, *Affonso Lopes Vieira*; DELIRIO DO MEU DESEJO, *Ruy Gomes*; NA TORRE D'ANTO, *Alfredo da Cunha*; VIDA ETERNA, *Cruz Magalhães*; ANTONIO NOBRE (illustrado), *Alberto de Oliveira*.

Condições d'assignatura:

Portugal e Colonias

Série de 24 numeros (1 anno)	1\$60
" " 12 " (6 mezes)	\$85
" " 6 " (3 ")	\$46
Numero avulso	\$08

Brasil

Série de 24 numeros (1 anno)	10\$000
" " 12 " (6 mezes)	6\$000
Numero avulso	\$500

PAGAMENTO ADIANTADO

ANNUNCIOS: Contracto especial



Anto e a Morte!

EU nunca vi Anto, e tarde o conheci; mas ouvi falar do *egocentrismo* de Anto, como duma *obsessão*, e da sua *autolatria*, como a dum *môrbo*...

Môrbo... de alma; *psicastenia*, já se vê; *loucura*!...

Mas, para certos, Lucrécio também passou por *doido*; e Sócrates, por *degenerado*!

Os fulgores do *Pensamento* gerados... pela *bilis negra*!...

Bem dita *bilis*, então, que tais portentos cria...

Sim; sim...

Quem sabe, na vida de Nietzsche, onde acaba o *equilíbrio*, e onde começa a *loucura*?...

Esse, em Engadine, apertava o crânio, com as mãos, de medo que lhe estoirasse!...

Vão lá meter o *gênio*, dentro dum buraco!...

Anto, todavia, não expirou louco, como Nietzsche; mas *foi-se* roído pela *física*, como Guyau, e na mesma idade...

Loucura, a *inspiração* do «Só»?!

Coitados!...

Figurai *carneiros de Panúrgio*, a olhar para as estrelas da *Via láctea*!...

O *mistério* de Anto, como o de *Hamlet*, oscila entre dois pólos: o do *ser*, e o do *não ser*.

Mas, para Anto, esses dois pólos fundem-se num só pólo, porque a *idea da morte* é a *vida mesma de Anto!*

Não nasceu Anto para *sofrer* e para *morrer*, nesta "*Costa d'Africa da Vida*", arrastado pelas "*azinhagas do Tédio*"?...

O que é entrar na *Vida*? É descer a uma *cova*; é penetrar num *pôço*!...

•Nasci: e entrei com outros peccadores
N'um balde immenso, tragico, profundo!
Porque esta Vida é um poço
Que a gente desce até tocar no fundo!•

Por isso, Anto, para *viver*, sentia a *necessidade de morrer*, ansiando, quasi desde menino, por atingir o *máximo da vida*, isto é, o *fundo do pôço!*

Olhai para esta súplica de Anto, à hora ainda escassa da *puberdade*:

•Outomno. Cêdo.
Descanço... Enfim!
Mar! Arvoredo!
Orae por mim!•

•A lua é nova.
E eu vou, enfim
Dormir na cova...
Orae por mim.•

E quereis vêr *vinte e um anos*, esmagados, como que se fossem *cem*, pelo "*Ódio e pelo Tédio*"? Ouví:

•Ao Mundo vim, mas enganado
Sinto-me farto de viver:
Vi o que elle era, estou massado,
Não batas mais! vamos morrer...•

Morrer! Morrer! Que *sofreguidão!*... O *culto da cova!* A *liturgia da tréva!*...

•Ah, nem figres, nem aguias, nem condores,
Abrem as campas, lugubres cavernas:
O coveiro é o melhor dos constructores!
As suas covas são cazas eternas.•

Porquê esta *obsessão dos túmulos*; esta *paixão do antro*, onde a *podridão* reina, para *reloço dos guzanos*?...

Impulsão mórbida dum *arcaboço*, em ruínas prematuras; ou *filosofia* de quem vê nas *misérias da Morte* a *única realidade da Vida*?

Gyau experimentava a *vertigem do suicídio*, porque se lhe afigurava que a *Morte* desvendaria o *segredo da Imortalidade*:

•Mourir . . . c'est connaître,
Si je voulais, pourtant? . . . L'au-delà, le peut-être,
Tout l'immense inconnu que je pressens par fois,
Ne pourrais-je, en pressant ce fer du bout des doigts,
Le conquérir? . . . •

Anto também sofre a tortura do *Ignoto* :

• . . . a tortura do *Além*, e quem lá mora! •

Mas semelhante *tortura* não resulta da *necessidade de conhecer*;
mas apenas da *ância de descansar* . . .

• Dormir . . . dormir . . . •

• Ai quem me dera entrar n'esse convento
Que ha além da Morte e que se chama a Paz! •

E' porque **Anto** aprendeu, cêdo, a lêr no *livro da Vida*, onde nunca
encontrou senão *quiméras e ilusões*! . . .

• E a Vida foi, e é assim, e não melhora.
Esforço inutil. Tudo é illusão. •

E os *males* de **Anto**, como serpentes, que, desde menino, se lhe
enroscaram à *Alma*, fôram o *Odio* e o *Tédio* :

• Molestias d'Alma para as quais não ha remédio. •

Que admira, pois, que *Ele*, num *ritus* de trágica ironia, desprezando
vaidades, desfazendo *sonhos*, apontando *prejuizos*, livesse ido, em
plena mocidade, encomendar ao *algibebe da Morte* o *fato de pau*, para
vestir, no dia do seu enterro?!

Ah! Que profunda *filosofia* não envolve o amargo pessimismo
desta trágica pergunta de **Anto** ao coveiro :

• Olá, bom velho! é aqui o *Hotel da Cova*,
Tens algum quarto ainda para alugar? •

O *pensamento sempre presente da Morte*, como *única esperança*
de Paz; e uma *Paz* que, equivalendo ao *Nirvana*, é a *única certeza*
de todas as *incertezas do destino humano*! . . .

Coimbra, nas *Festas de Anto*, MDCCCCXV.

∴ ALVES DOS SANTOS ∴

ANTO

CAPRICHOS de lilaz, febres esguias,
Enlevos de Ópio—Iris-abandono...
Saudades de luar, timbre de Outono,
Cristal de essencias langues, fugidías...

O págem débil das ternuras de setim,
O friorento das carícias magoadas;
O principe das Ilhas transtornadas—
Senhor feudal das Tôrres de marfim...

Lisboa, 1915—Fevereiro 14.

∴ MARIO DE SÁ CARNEIRO ∴

Ballada triste da alma louca

Na consagração de «ANTO»

O' poeta triste, ó alma louca!
Lyra de sêda é teu thesoiro.
Solta os lyríos da tua bocca:
— Doira-me, vá! dá-me o teu oiro...

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma louca,
O' meu irmão!

Sol amarello e de saudade...
...Passam ao longe os gaviões!...
E o meu olhar, em magestade,
Voga na paz das illusões...

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma moça,
O' meu irmão!

Se leio o «Só» só vejo flôres...
— Ponho-me a vêr velhos jardins:
Jardins d'amor! jardins de dôr!
Jardins de sol e de jasmins!

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma velha,
O' meu irmão!

Tarde finda... tarde doirada...
Aromas mil chegam do rio...
A minha vida é já passada
— Rir dolente com que me rio.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma gasta,
O' meu irmão!

Numa manhã: livida Hora!
A Lua foi rosa poente...
Na ruína... palida Aurora,
Sem que o visses, pôs-te doente.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma triste,
O' meu irmão!

Coração com azas, meu Triste!
Foi no Outôno e com luar
Que nos fugiste e te partiste
Deixando-nos o teu cantar.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma d'ancia,
O' meu irmão!

No livro branco — as *Despedidas*,
Teus labíos bons, oh, que magia!
Depozeram, tristes, cahidas
Rosas bravas da côr do dia.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma boa,
O' meu irmão!

Todo em Lenda, em fuga perdida
Sempre estarás na esguia Torre:
De lá olhas sorrindo á Vida,
Que alminha assim nunca mais morre!

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma-Lenda,
O' meu irmão!

~ A GALÉRA ~

Branca Lua, dá-me uma Hora
Cheia de luz e perdição!
— Mostra-me que és doidinha agora
Como estrella sem benção.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma cega,
O' meu irmão!

Erra o luar nos arvoredos
E de sonho veste-se todo...
Releio o «Só», nos seus bruxedos:
Brancuras só, nada de lôdo.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma branca,
O' meu irmão!

Oh, que loucura a dos teus hymnos
Vejo-a louca, lá vae ao vento!...
— Nos teus cantos p'ra pequeninos!
E' a lyra do sentimento.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma louca,
O' meu irmão!

Versos do sangue e solidão,
Tão saudosos, são versos feitos
De vento e sombra e devoção,
Sob teus olhos grandes, perfeitos.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma crente,
O' meu irmão!

Canticos são, oh, que fragancia!
Sinto a alma bem portuguesa.
Cantae-os vós, cantae infancia,
P'ra redobrar minha tristêsa.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma luza,
O' meu irmão!

Poeta triste e ó alma louca!
Todo musica enchi-me d'oiro:
Tive os lyrios da tua bocca,
Entregáste-me o teu thesoiro.

Vem-m'a tristêsa
Ao coração...
O' alma só,
O' meu irmão!

Coimbra — Subripas.
XIV — 11 — MCMXV.

Vitor Beltracourt

ANTO

VIVEU aqui, em Coimbra,

** Cidade triste agasalhada entre choupaes **

em Sub-Ribas, na *Torre d'Anto*, como ele lhe chamava, e cuja graça lhe ficou.

Anto de nome, três fadas moiras o fadaram *Principe*, ao nascer, *debaixo d'um signo molino, pela lua nova*, lá por Trás-os-Montes, em *Terras de Borba*...

Mas, nado o Poeta, e chegado o Outono, sua mãe lhe morreu,

*Oh mães de Poetas! sorrindo em seu quarto
Que sois virgens antes e depois do parto!*

e, pouco depois, seu pae... E Anto ficou *Só!*...

Anto era o *poeta nato, o Lua, o santo, a cobra!*... Tinha um *coração de menina*, e, logo ao nascer, *matarem-lhe os ideaes*.

E, Anto ficou *Só!*...

Passou o menino uma infancia livre e salutar, *ouvindo as prelecções que faz diariamente o Proff. Oceano*... e, já tinha dado todo o *coração humano, faltava-lhe um ano só para acabar seu curso de psicologia com o Mar*, quando, abandonando a *Escola Livre da Natureza*, veio *matricular-se aí, n'essa Universidade*...

Mas o menino era palido, era enfezadito, e, para mais, o menino era Poeta. Enchia-o de tédio esta

*Vida claustral, bacharelatica, funesta
Numa cidade assim, cheirando essa indecente,
Por toda a parte, desde a Alta à Baixa, a lente!*

Fugindo, por isso, aos doutores e às leis, entregou-se encantado, em extasis religiosos, á paisagem de Coimbra, *essa paisagem lunar que é a mais doce da terra!* Amou

*as suas extraordinarias e medlevas raparigas,
Caras de leite, olhos de luar, tranças de estrigas...*

↳ A GALÉRA

É doente, e poeta, e orgulhoso que ele era, teve poucos amigos; conviveu além, em palacio, na Torre d'Anto, as suas horas tristes com os seus versos.

Enojado com as injustiças e as miserias d'este manicómio do Planeta, contemplativo e nostálgico, não cantou os ideaes, as chimeras humanas.

Encontrando o mundo muito industrializado, muito utilitarisado, muito banal e interesseiro, ele, que não sabia reagir, não alimentou esperanças nem edificou planos dum mundo melhor, mais belo e mais harmonico com o seu temperamento delicado e diafano. Não quiz nem podia ser um lutador, um apóstolo. Viu que os seus semelhantes eram avessos á sua maneira de ser, ronceiros, mesquinhos, atolados em interesses... e desejou parecer-se com eles o menos possivel.

Divino creador de Beleza, não quiz ser mais nada do que isso.

*Je veux que mon corps, vierge ainsi qu'un diamant,
A jamais comme lui, soit splendide et stérile—*

disse Albert Samin. Pois Anto tambem pensava assim.

Olhou-se, e reconheceu que era lindo e triste. Depois poisou a vista em derredor e viu a Vida, feita de horror e fealdade.

*Ó meu amor! é para ver tantos abrolhos,
Ó flor sem eles! que tu tens tão lindos olhos!
Ó meu amor! antes fosses cequinha...*

Não se misturou por isso á Vida. Fugiu dela, fugiu para dentro de si proprio, e, Só, desolado e fraco, viu-se a braços com as suas torturas... Deu-as em verso. Mas o martirio não parava.

Havia uma dôr maior do que as dôres do mundo; era a sua dôr, a dôr da sua anciedade—

*Toda a dôr pode suportar-se, toda!...
Mas uma não: é a dôr do pensamento!*

É leve a revelação da desgraça irremediavel que era ser Poeta. Lá o diz na Memoria:

*(E abria o menino seus olhos tão doces):
Serás um Príncipe! mas antes... não fosses.*

Desejava não ter nascido:

*Nunca me houvesse dado á luz, Senhora!
Fôra melhor não ter nascido...*

E, agora, com o pavor de contemplar-se, de encontrar-se com a sua alma, amargurado, parte, vae para França buscar na febre do prazer, um meio de desterrar-se de si mesmo.

*Vou sobre o Oceano (o luar de lindo enleva!)
Por este mar de Gloria, em plena paz.
Terras da Pátria somem-se na treva,
Aguas de Portugal ficam atraz.*

*Paquete, meu Paquete, anda ligeiro,
Sobe depressa á gavia, Marinheiro,
E grita, França! pelo amor de Deus!*

Dizem que foi a Paris com o fim de fízar o curso de Sciencias Politicas, mas isto seria unicamente um pretexto; o verdadeiro motivo deve estar no que apontamos...

Em Paris engolfou-se numa lubricidade desenfreada e estonteante. Era a sua *Febre Vermelha*, que já anteriormente havia posto em quadras:

*Dae-me do vosso sangue, ó flores! entornae-o
Nas veias do meu corpo estregado e sem côr.
Que vida negra! Foi escripto, á luz do raio,
O triste fado que me deu Nosso Senhor.*

Sempre inquieto e sequioso, revive agora pela Saudade o *seu paiz de romarias e procissões*...

Maravilhada de evocação, a sua estesia compõe esse painel fl-grante de luz e côr — *Lusitania no Bairro Latino* —

*Qu'è dos pintores do meu paiz estranho
Onde estão eles que não vêm pintar?*

Não logrando esquecer-se das suas nevroses, arranca do peito a tragedia formidanda — *Males de Anto* — a sangrar angustia em crispções de loucura!!...

Um Dante-menino, com livores de tocha, revelando ao seculo o Inferno da Alma.

Que, o mal que havia de fina-lo, andava já com ele...

*E ao ouvir-lhe a tosse seca e fino,
Eu julgo ouvir numa officina
Taboas do seu caixão pregar!*

... E, lá, em Paris, fírou o curso de Sciencias Politicas... Aparecêra o Só.

Agora voltamos a encontra-lo, de 1895 em diante, nas *Despedidas*, que viram a luz da publicidade em 1902, dois anos depois da sua

morte. Anda por terras estranhas, de viagem, chorando maguas e resando esclancias... Vae sobre o Oceano, o bom companheiro da sua infancia.

*Ó meu amigo Mar, meu companheiro
Recordas-te de mim, do Anto trigueiro?...*

Invade-o o desalento. Inda tem às vezes um sorriso veladamente malicioso.

*Senhora! assim comigo em beato dais,
Faço-me frade e vou para um convento...
E adeus! que lá se vae o casamento!*

Mas a fisica vae-o minando devagar. Tem horas de suplicio em que vê na Morte a salvação.

*Ai dos que ainda temos que viver...
Assim irei dormir com as creanças,
Quasi como elas, quasi sem peccados...
E acabarão enfim os meus cuidados.*

Na sua desesperança lembra-se de Portugal e de Coimbra. Encanta-se na Saudade:

Fogueirinhas de Tentugal, passos lentos!...

A Saudade cansa-o

*Tombar quizera eu, só p'ra esquecer. Saudade,
Irmão, não a terei também, lá pela cova?...*

Na Madeira uma criança feliz lhe enleia os dias... Unge-a de Graça em sonetos de amor ingenuo e santo, onde a trata por Constança.

Sentia-se melhor, mas... o sofrer regressa e a fisica continua a mina-lo devagar...

Agora é mais melindroso o seu estado, e vae á Suissa buscar melhoras e illusões. Não foi de todo em vão

*Bemditos sejaes vós, ó Alpes cheios de neve!
Bemditos sejaes vós, que me salvaste a vida!
Bem dita sejas tu entre as nações, bem dita!*

As illusões esvaem-se. A fisica diafanisa-lhe mais a sensibilidade. Fala só pelos nervos. Sofre. Tem horror aos livros e olha enternecido a Natureza. Canta:

*Santos da minha devoção!
Padres choupos! ó castanheiros!
Basta de livros, basta de livreiros!
Sinto-me farto de civilização!*

*Sol de Junho queima as minhas estantes
Poupa-me a Bíblia, Antero... e pouco mais!*

... De novo em Portugal. Traz em elaboração *O Desejado*, o poema da Pátria sebastianista passando na sua alma de menino doente.

*Ó D. Sebastião a ti comparo,
El-Rey de Portugal a minha sorte...*

Vae-se transfigurando. E' sombra...

São folhas a cair que é já Outono...

Não concluiu o poema. Sumiu-se vae para tres lustres (fa-los em 18 de Março) com 33 anos de idade...

Era Poeta e *Principe*; Menino e Triste...

Mimae-lhe a Alma, ó Virgens, na candura dos seus versos.

Antonio Teixeira Monteiro

“SÓ”

A' memória de António Nobre.

V EJO-o passar no desmaiar do Dia...
Mantos azuis arrasta na alameda...
E a suas mãos crismadas de agonia
Desce um silêncio adormecendo seda...

Seus versos o ruído de seus passos
Sôbre lagedos Alma adormecidos,
Um entreabrir de reposteiros lassos
Em galerias de palácios idos...

Dansa em redor o seu olhar doente.
Pastoreia os seus versos no Poente.
Sinto-o passar... E' um pastor cansado...

Veste Saüdade ante um dormir de espelhos.
Pagem de luto entre noivados velhos,
Passa de noite em salas de brocado.

⊗ ALFREDO PEDRO GUIADO ⊗

(À memória do poeta António Nobre)

O POETA

¿SABEIS vós outros, os que não tendes a alma afinada para as ténues vaporizações do sentimento, que transcendência sublime palpita na palavra poeta? ¡A ternura, a candidez, o saber, as fortes idealizações do Bem, tudo que é nobre, grande, delicado e belo a alma do poeta representa!

Coração altívolo, integrado no sentimento universal, êle canta, chora e ri e sofre com a Humanidade. Interiorizado na sua própria dôr, ¡que prodigiosa afirmação da Natureza, que intérprete fiel da sua sensibilidade! Moduladôr do Ideal, no seu aneio de conciliação entre o real e o imaginário, êle aceita a verdade numa maravilhosa serenidade, com um desejo potente, indômito de a adoçar, de a magnificar até à perfeição, como o cinzel busca firme o aperfeiçoamento do seu pensamento...

Cantando a pátria, tantas vezes inconsciente mal sabendo agradecer-lhe, na eterização do gênio, êle é sempre heroico, sempre sofrente. ¡A alma do poeta é branca como a espuma, ingénua como a infância, como o éter subtil, bela como a própria beleza!

Dizei ao poeta que toda a elaboração do seu sêr é vã pelo seu predominar fantasista, que toda a sua poesia restará nula com o avançar da Ciência e o poeta altivo, heroico, responder-vos-ha, que enquanto subsistir o género humano, subsistirá no fundo de cada sêr, a par do tanto maldigno, êsse divino manancial, êsse poderoso purificador.

Eis porque o poeta se diferencia dos outros homens, eis porque o poeta é o intermediário do homem e do Deus-Natureza.

¡Colocou-o esta na terra para A amar e a mim para amar os poetas! Que os adoro nas suas substantificações como nas suas abstrações.

Só êles sabem sentir a vida duma flôr ou duma pátria; nasceram para o seu ouvido as exquisitas modulações de Eólo, os gemidos ci-ciantes dos ribeirinhos, o insondável falar do Silêncio quando as luzi-

nhas aéreas iluminam a larga estrada do Infinito transmitindo aos seres e às coisas essa volátil, melancólica paz inatingível. . .

Nasceram para os seus olhos embevecidos as grandiosas manifestações da Fôrma e da Côr; os altaneiros montes albugíneos como as intangíveis profundezas dos báratros.

A Ciência própria estreita-o em seus braços, pois que êle participa grandemente do seu sêr.

¿Que espirito que não seja de cientista ou poeta, poderá embevecer-se ante o fantástico, maravilhoso fenómeno da antêlia? Perscrutai bem e vereis que no íntimo de cada cientista, se afunde um quantitativo de poeta.

¡Poetas, astros que iluminais com scintilações ideais a órbita da Vida, eu vos bemdigo! Que santifiqueis a humanidade, que eleveis a pátria, que aerizeis a mulher, sois sempre o ente superior, talvez por esta razão, o ente mais inditoso que o sol olha na terra. . . pois raro sucede que não seja "O seu louro o sacrificio, A consagração, a morte".

12—II—1915.

: MARIA EMILIA :



A HORA DE ANTO

OLHAI Coimbra, nave do espanto,
vitral de uma hora!
A tarde é braza, e o vulto de Anto
trespassa agora!...

— «Adeus, ó rio!...» A grande capa!
Que negridão!...
Agora as nuvens cobrem a Lapa,
n'uma oração.

É Anto! É Anto! Vêde a figura!...
Vêde o olhar!
Vulto sorrindo da própria altura,
do proprio voar!

Coimbra canta-o. Como se encanta
do ar que o impele!
Tem o Mondego, a Rainha-Santa,
e tem-no a Ele!

Ó grandes olhos! Ó olhos fundos!...
Bate á Trindade...
Vão lá no céu, doces, dois mundos
de saudade!...

Coimbra, sofre... De instante a instante
que evocações!...

Anto: a vergôntea do estudante
que foi Camões.

E vejo o rio, para a Portela,
côr de violeta,
da alma de oiro e a doida estrela
do seu Poeta.

Vejo o Espirito, a um tempo lindo
e ardente e em magua,
com a figura da terra abrindo
n'um veio d'agua.

E scismo!... Coimbra, nave do espanto,
vitral de uma hora.
A noite avança... E a alma de Anto
viaja agora!...

⊗ ALFREDO GUIMARÃES ⊗



O Mysterio da "Torre"

HA tempos, discutindo com um velho e talentoso amigo meu acerca do Impressionismo, do Naturalismo e do Romantismo, disse eu que Zola, o grande auctor do *Germinal*, da *Nana* e da *Lourdes*, para não citar outras obras suas, não foi um Artista, não obstante haver sido o mais lyrico dos Naturalistas. Riram alvarmente e a lua continuou o seu giro, continuando um cão a ladrar junto do lago.

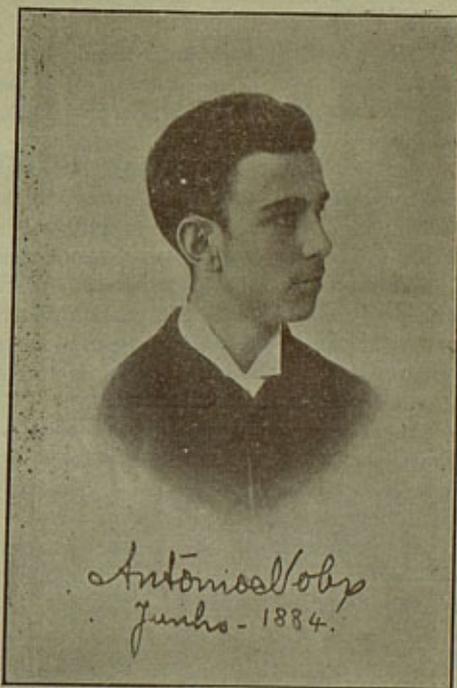
Zola não fez Arte, mas sim Sociologia, Theoria, conformando-se com a concepção positivista, jámais sendo um creador esthetico, mas assimilando os objectos, que elle, pelo contrario, deforma, engrandecendo-os ou diminuindo-os, modificando assim o plano segundo a importancia do effeito que elle quer tirar.

Zola dá-nos a vida, mas não nos dá a sua synthetisação relativamente a uma finalidade d'Esthesia.

E' que Zola, dando-nos a vida, a sociedade, o nosso meio, como elle é, estuda as fórmias varias, os *dechets*, o envolucro das ideias, o que não é fazer Arte, não nos ensinando a sentir, não sentindo elle mesmo.

Em Zola ha comparações, tomando a materia intacta, e o Artista usa as allusões, transformando o sentimento em um mediador plastico, estabelecendo assim a harmonia entre o sujeito e o objecto, que é a propria expressão da Esthetica. Isto só o sabe fazer o Poeta e é por isso que elle constitue um marco milliarario na marcha da Humanidade.

Ao contrario do que ahi fica, tomando tambem as coisas triviaes da vida, o que nos apparece dia a dia, sem que, ao contrario de tantos outros, fizesse dos seus versos uma lingua cifrada, hieroglyphica, *calçada d'esmeraldas* ou *irisada de carbunculos*, ou usasse a pastiche, Anto falla-nos do sangue das flores e do raio que lhe allumiou o destino, sendo da torre ideal a voz que lhe segredava que um poeta morre e que esse poeta é elle.



Até n'isto está uma superioridade de Anto, porque a ornamentação da sua phrase é sobria e dá valor ás palavras de que se serve. É mais do que uma superioridade, porque é um segredo.

Tambem n'isto elle se nos mostrou um mestre, fazendo-nos lembrar Manet a Flaubert, porque tambem elle pouco usou os adjectivos. Antonio Nobre era todo elle sensibilidade e é a Sensibilidade que cria o estylo, como pela cabeça se distingue o Jonio do Dorico, o Grego do estylo Renascença. *L'art ne fail que des vers; le cœur sent est Poëte.*

Servindo-se d'essa linguagem, Anto não quiz fazer litteratura, mas fez sentir, o que é, dissemol-o já, o papel e a missão do Poeta. Fazendo como Flaubert e Mallarmé, distanciou-se extraordinariamente de Gautier.

Antonio Nobre faz-nos vir aos labios Baudelaire ou Edgar Poe, recordar os *Bienfaits de la Lune* ou o *Silence*, e, por um milagre extraordinario, até os profanos da Arte entram na região do Sonho, levados por estes Mestres da Sensibilidade.

A Alma de Anto transparece em cada um dos seus versos, o que bem prova que a obra e a pessoa não passam d'uma e a mesma coisa; melhor ainda, o Bem é sempre o mesmo, na Obra e na pessoa. A conclusão a tirar é que a Arte não se pôde dissociar da Ethica. Não ha Esthetica, mas sim Esthethica.

Quando Anto escrevia os seus versos, era com o seu sangue, pondo em cada phrase um pedaço do seu todo. Escrevendo, Anto reflecte-se, tal como Narciso e como a Proserpina das formosas e sentimentalissimas lendas gregas.

Tal como Jesus que, tomando o Pão e o Vinho (restos da alliança do Iacho e Proserpina sob a influencia dos Orphicos), nos dava as sensibilidades do mundo exterior, assim tambem Anto, tomando as coisas mais simples, nos deu a sua Carne e o seu Sangue, autocontemplando-se os dois, levando-nos, por uma especie de suggestão que podemos chamar mimetismo, ao Bello e ao Bem, á admiração da Natureza.

Como o Narciso da lenda, Anto aprecia a embriaguez de Existir e contempla-se na sua consciencia, reflectindo-se nos seus versos.

Inclinado sobre a Vida, vê as suas fluctuações e as suas verligens. Querendo viver, amando o seu eu, Anto conhece que elle é uma Ideia incarnada, que o seu corpo tem um Fim superior e, conhecendo a crda eternamente moribunda, reconhece em si proprio o sonho do mundo, Ama e sonha; entristece-se e define-se cada vez mais.

Ama a Vida e conhece que no seu envolucro fizeram ninto as larvas e era ver como os lyrios se abriem nos seus olhos á medida que as rosas se murchavam no seu rosto.

Resta-lhe a illusão da Vida e canta, canta sempre, influenciado por

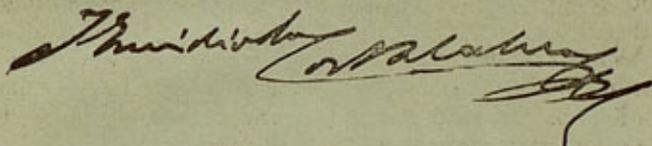
esse príncipe do coração que se chama o instincto vital e que elle aperta com exaltação.

Mendacia, começam a apparecer as flores para cobrir o leito de Anto e as aves começam a trinar docemente.

Eumolpides vêem marchando e eu ouço já as lyras que se desferem, mas ao mesmo tempo na Torre d'Anto, onde elle vivêra em Coimbra, percebem-se avisos terriveis, ha um silencio que se não comprehende, os objectos tomam outras fórmãs na sombra, halitos frios quando se abre o Só, mil coisas que se não comprehendem.

E' o sopro da Morte! E' o Mysterio!

Anto morreu!



Antonio Nobre em Paris

SAUDOSO *souvenir* do poeta sublime d'emoção que nós principiámos a admirar no Porto, ha uns bons trinta annos e que, depois em Paris, foi o nosso companheiro nas *brasseries* do Bairro Latino e nas conferencias da Sorbonne e do collegio de França.

Fomos nós quem o apresentamos uma tarde ao genial Paul Verlaine e ao suggestivo Jean Moreas, na *terrasse* tumultuosamente litteraria de *Source*, n'estas regiões de *Boul'miche* que Murger immortalizou nas paginas da sua *Vida de Bohemia*.

Com o nosso querido Antonio Nobre, realisamos um passeio a *Bruges la morte* que hoje conspurca o germano invasor e bandido.

Com o poeta do "Só" organisamos no *Café Riche* de Paris a festiva lyrica de João de Deus e ainda nos recorda bem a emoção provocada n'essa reunião *d'élite* pelas estrophes enternecidas d'esse Cantor do Mysterio e da Dor.

Por isso, nos associamos espiritualmente á Commemoração da Mocidade de Coimbra á memoria eternamente adorada d'Antonio Nobre!

Paris — 1915.

: XAVIER DE CARVALHO :

Sonho de Antonio Nobre

PASSAM virgens de branco á luz do sol poente,
Olhos frios de estátua, olhando o espaço vago...
— Gôndolas a ondular tranquila e levemente,
Ha azues a boiar na limpidez de um lago.

Ao longe, diluídas,
Sombras vagas de choupos desfolhados...
Almas errantes de suicidas,
Almas penadas de condemnados!

Perfumes de jasmíns e de açucenas.
Vozes de orgão profundas, religiosas...

E passam, á tardinha, p'r'as novenas,
Todas as vírgens, brancas e morenas,
Tuberculosas!

Repicam sinos no ar lavado...
Finos sinos, ligeiros, argentinos,
Tocando a baptisado,
Encanto de meninas e meninos...

E límpida, a sorrir, no Ceo distante,
Com sua face pálida de morta,
Ergue-se a lua cheia, angelisante,
Ergue-se a lua absorta!

E fica a terra inteira a palpitar
Nêsse momento único e divino,
Sob os beijos macios do luar
Que traz consigo as sugestoens e um hymno.

Magrinho, e de tão magro, transparente,
Mais fluido que uma sombra, e triste que um espanto,
Em ondas de luar, nos passa de repente,
A imagem de Anto...

Tolda-se logo o Ceo...
Nuvens negras, espessas e pesadas
Enchem de lado a lado todo o Ceo,
Apagando as estrelas desmaiadas...

E em silencio se abafa toda a vida.
E em silencio se extingue toda a morte...
Ao longe, a sombra de Anto, diluída,
Lá vai levada nos tufuens da Sorte...

Silencio.

E pelas agoas lugubres de um rio,
Boiando, abandonado á força da corrente,
Branco da lua, d'olhos vítreos, frio,
Passa o corpo de Ophelia piamente...

9-2-1915

∴ ALFREDO PIMENTA ∴

Antonio Nobre no estrangeiro

NÃO é só em Portugal que a individualidade altíssima d'este illustre poeta portuense, tem sido devidamente apreciada e estimada. Também fóra da nossa Patria, alguns escritôres lusofilos se tem referido com o maior louvôr á obra primorosa de Antonio Nobre, infelizmente pouco avultada.

Assim o conhecido escritor catalão Ribera i Rovira (!) diz-nos a seu respeito :

• Antonio Nobre, autor de l'admirable poema *Só*, en el qual s'evidencia l'ânima d'un artista eximi d'exceptional grandesa. »

Em Italia occupou-se d'ele, o lusofilo, igualmente bem conhecido, Antonio Padula (?), do qual transcrevemos o seguinte juizo que, apesar d'algumas observações pouco justas que contém, mostra, em todo o caso, o grande conceito que fórma do nosso poeta :

• Anche Antonio Nobre, un ingegno singolare, non appartienè alla scuola simbolica dell'autore di *Oaristos*, da cui anzi differisce essendo piú poeta che artista. E' strano però che in alcuni bráni del *Só* (libro di elegie dell'esule) si riscontrino vive reminiscenze dei *Simples* di Guerra Junqueiro, da quanto lo stesso autore lascia scorgere nella sua *Nota finale*, e la ballata *O João* abbia terzine tolte di peso alla *Casa do coração* di Anthero de Quental.

Senza dubbio é questo un plagio inconsciente, perché il Nobre ha qualità straordinarie e fra tutti gli scrittori della giovane scuola portoghese, se non il primo per ordine cronologico, possiede una facoltà speciale di esprimere il dolore nella maniera piú pessimista.

Egli poi non é un letterato superficiale, assimila invece le cose, infondendo vita ai suoi scritti.

Lo stesso Eugenio de Castro non ha potuto nella *Balkiss* raggiungere quella espressione poetica di alcune pagine di Antonio Nobre, piene di un pittoresco seducente. »

Göran Björkman (?) traduziu, em sueco, dois sonetos confidos no *Só* e aos quaes deu os seguintes titulos: *Fafāngan* e *Stoicism*.

Certamente outros escritôres estrangeiros se referiram ao nosso poeta, mas na nossa livraria apenas possuímos estes tres, cuja citação, porém, julgamos sufficiente para demonstrar que Antonio Nobre também é conhecido e considerado para além das nossas fronteiras.

Seria interessante e útil a organização da bibliografia, o mais completa possível, referente a Antonio Nobre. Para ela conçoemos com estes modestos subsídios, associando-nos assim a esta justa e simpática homenagem á memoria do auctor do *Só* e das *Despedidas*.

Lisboa, 7 de fevereiro de 1915.

⊙ HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA ⊙

CAPITÃO D'ARTILHARIA

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) — RIBERA I ROVIRA — *Portugal literari — Resum d'unes conferencies donades sobre aquest tema a l'Ateneu Barcelonès.* — Barcelona — Biblioteca popular de l'Avenç — 1912.

No verso do rosto: — Tipografia l'Avenç: Rambla de Catalunya, 24. — 1 vol. in-8.º de 251 — 3 inn. pag. com retratos. — A pag. 87.

(2) — *I, nuovi poeti — portoghesi — studio — di — ANTONIO PADULA — (Edizione fuori commercio) — Napoli — Stab. Tip. Piero e Veraldi — Nell'istituto Cesanova — 1896.* — 1 vol. in-4.º gr. de 8 inn. — 62 — 1 in. (de errores) — 1 hr. pag. — A pag. 58 e 59.

(3) — *Ur — Portugals — Samtida diktning — Andra Samlingen — poetiska öfersättningar — af — GÖRAN BJÖRKMAN — Upsala — Lundequistka Bokhandeln. — s. 4. — 1 vol. in-8.º de 83 — 3 inn. pag. — A pag. 64.*

— *Ur — Portugals — Samtida diktning — poetiska öfersättningar — af — GÖRAN BJÖRKMAN — Upsala — Lundequistka Bokhandeln — s. d. (1894). — 1 vol. in-4.º gr. de 96 — 1 hr. pag. — A pag. 67.*

(4) — O sr. Rovira, já citado na 1.ª nota, traduziu poesias de Antonio Nobre em catalão, no seu livro: — *Atlantiques — Antologie de poetas portugueses* — Biblioteca popular de l'Avenç de Barcelona — 1913.

ANTONIO NOBRE

(em 1895)

Sobre a Ponte romana vai passando
sósinho moço, palido e formoso,
ao murmurio do Vento segredando
falas d'um Pensamento doloroso.

A capa negra aos hombros drapejando
reveste d'um encanto misterioso
o Principe, o Martir inditoso
de côr perdida... a face amarelando...

Parou ali. O rio vai correndo
para o Mar plangitivo, atribulado,
um diluvio de maguas parecendo...

O' paisagem do Mar do seu condado;
lanchas dos Póveirinhos que estou vendo:
quem, como Ele, a sofrer vos ha cantado!

⊙ CASTRO ALVES ⊙

Porto — 1915

(Do livro inédito: *A beira do Mar.*)

Antônio Nobre

QUANDO Antônio Nobre conversava, com voz afeiçãoada, vinda de um outro mundo, a boca levemente torcida, a bailar nela um subtil sorriso de ironia e orgulho, marcava muito as palavras, lento, sublinhando-as, como a penetrar-nos do poético sentido que os termos continham, do qual êle se enamorara construindo sua arte. Se eram vocábulos antigos, a inflexão toava-se de ausência e de remoto, e com o poeta seguíamos para tempos recuados e para terras distantes de aquêem e de além mar...; se eram expressões de hoje e populares, aflorava-lhe aos lábios a candura das coisas mansas, e já os termos que, alé ali, nos pareciam mudos, se pronunciavam, e os vulgares modos de dizer, por quem passamos sem reparar, se iluminavam de um significado ainda não colhido. E de tal



ANTÔNIO NOBRE

arte era êste revelar vozes raras em vozes comuns, que parecia que Antônio Nobre nos falava numa lingua diferente... Na verdade, a linguagem era outra: — era a da íntima emoção, tecida no íntimo de cada coisa, e que só a alma dos poetas desfia, para nos sobresaltar com belezas comovidas, como o falar e o olhar absorto dos pastores nos enche de infinito, ao explicar-nos, no absoluto silêncio da noite, ante o Céu estrelado, a marcha, os amôres, a vida das constelações... Na

— a palavra fácil, lia-ê a palavra profunda; como na vida, singela interpretava a vida eterna; e, mais que ninguém, era a natureza quem o ensinava a cogitar, como era o povo quem lhe dizia as maiores verdades, sob a mais clara das fôrmas. As falas dos velhos creados humildes e leais; as dos pescadores, com a cara e a alma curtidas pelas altempsteades do mar alto; as dos serranos de olhos profundos; as dos coâstirps, percorrendo àcêrca de colheitas e gados, formulayam-lhe toda a sciência da vida, nos dizeres atilados dos seus corações adivinhos, e nos das suas almas experimentadas. Igualmente lhes comunicavam com oceitos e beleza o Oceano, a Lua cheia, por sôbre as serras, o carreiro da água azul, esperta e trabalhadeira, a regar hortas e prados, oufeiros nesmaltados de luz amarela e poente, tiras de Sol em chãos de carvalhidos, ermidas brancas olhando o mar... Afinal, a natureza era espetáculo grande e simples. Os sábios é que, com suas pesquisas imo prudentes, suas exigências excessivas a desserviam, como quem, debruçado sôbre uma poça de agua tranqüila e limpida, não se contentando com a imagem pura que ela espelha, agita as águas e revolve o fundo, buscando a alma das linhas e das côres, que ninguém, felizmente, atinge. É como essas palavras, que andam nas bôças de todos, tudo dizem! Não são palavras, são expressões. ¿Que melhor escrita que a das maneiras chãs, que todos entendem, com a poesia que os artistas nelas vêem e sentem?! ¿Para quê rebuscas de dizetes cultos, se os termos naturais se exprimem melhor que os sábios?! ¿Para quê literaturas sobrepostas noutras literaturas, quando o melhor letrado é aquele que menos letras tiver?! Se o sentimento é forte e belo, (pensava Antônimo Nobre), não há senão alirá-lo para o papel, que êle lá, cria beleza sua e fôrma própria. Porisso, nas suas falas, silabando as palavras — seres vivos — o poeta do «Só» exauria ante nós, toda a emoção que elas continham, e seus versos, fáceis como conversas fáceis, foram postos numa lingua lhana e franca, simples como a erva e a água, entendida por pescadores e moleiros, moças dos campos e mendigos das estradas. ¿Ao que se háde rezar? Ao que é bom. ¿O que se háde cantar? O que é bonito e nosso. E é tão linda a terra portugüesa, com seus rios, montes e aldeias brancas, tão belos os seus heróis, ardidados na guerra e senhores do mar, tão amorosas as suas cantigas, tão eternas as suas violas, tão meigas as suas tradições campesinas e marítimas, com lendas de santos e de poetas!

Porém o mórbido temperamento dêste sonhador e a sua ingênita melancolia, como se êle livesse nascido com cem anos contados, ou saudoso do tempo que noutra avatar vivêra, ensombream todas as lin-

tas da natureza, todas as alegrias da vida, picando-as com o comentário de um sorriso amargoso de protesto contra a época em que existiu, e em que não desejaria ter existido. E' então que na alma de António Nobre, que tinha por íntimo amigo o outono, caíram dois grandes males que a sua emoção transformou em beleza: a nostalgia da terra pátria, por seu fado o fazer ir parar ao «*Paiz de França*», e a marcha lenta de uma espectral doença em que os pulmões uivam, a face empalidece no pavor da cova, o corpo se dobra magro e vencido, as orcellas se despegam como sêcas folhas outonais, se estreitam as mãos transparentes, e os olhos, de luto, se enchem de um langor demorado e romântico, que anuvia tudo — tudo até o azul do Céu e o oiro do Sol!

O afastamento da terra onde brincou e a desesperança em encontrar na vida a esquiua ventura, a cada da qual corrêra, males que ambos se resumem na dôr da ausência da felicidade premeditada, criam nêle a saudade funda e suspirosa, que esvazia o peito e o olhar, e o pessimismo negro — dois cadáveres que para sempre lhe atravancarão seu coração de poeta solitário e malavindo.

O «*Sô*», escrito em Paris, num antigo convento do *Quartier de l'Est*, filho da ausência e do tédio, foi creado pela saudade e mamou o leite da dôr. Portugal, visto do Bairro Latino, era para o poeta um quadrozinho de fresca tinta, sua amiga, além, muito além, com abades prazenteiros, pescadores tagarelas, moleiros enfarinhados, lavadeiras e ceifeiras, cantando e bailando — gente de pouca monta e sem qualidade, mas estimada e bondosa. Paris, em que êle pôsava seus pés estrangeiros, e por onde o seu orgulho passeava seu desdém, era um espesso negrume de egoismos e de estranhezas, que lhe enchiam de frio a alma desejosa, a suspirar pelas areias de oiro das praias, onde meditara, pelas tardinhas meigas, pelos poentes suaves, pelas ermidas caídas, que se vêem do oceano largo, e a que se apegam as corações de fé dos que moirejam a vida por sobre as águas do mar. Quantas saudades! E a «*lendária Coimbra*», moira e caída, com seu romântico rio, seus choupos friorentos, seus luares coalhando em leite o silêncio das noites, seus poentes a poetar, suas fontes a carpir, suas raparigas airosas e dedicadas, seus descantes de amor; a torre da freguesia onde o poeta nasceu; romarias minhotas; procissões; bibe-piques de sino ao noivado; ciras ao luar; histórias à lareira; violas gemendo o fado; sol branco; toiradas vermelhas; e barcos de pesca, a sairem pela barra fóra, com as ilhargas pintalgadas de côres vivas, com signos misteriosos e cândidos nomes de santo! Quantas saudades! E a infância e o lar — tão distantes! Ah, recordar a alegria é mais triste que recordar a tristeza... Então, seus versos afligem-se e choram. É a saudade portuguesa que êle canta — êsse sentimento que enche a alma de macerada luz roxa e a perfuma do deleite de recordar. Êsse pungimento que se agradece como o sal das lágrimas, que nos

abafam e consolam. É a nostalgia de todos nós, lusos mareantes, quando, atirando-nos para o mar, com os olhos febris de aventuras, lá ao longe, ao olharmos, doridos, para a terra que perdemos de vista, nos apetece desistir de tudo—da riqueza e do amor—e voltar para trás a viver vida simples em plena bondade.

Em Paris, na Ilha da Madeira, no mar da América do Norte, em Alemanha, nas tempestades da Biscóia e da Mancha, nas montanhas e nos lagos da Suíça—vivia longe, sempre longe, quem sonhara viver na sua terra e

«morar, mui simples, nalguma casa
toda caiada, defronte o mar...»:

vivia só, sempre só, quem sonhara agazalhar-se com

«... mulherzinha
loira e alegre.»

A solidão fôra para êle, tedioso, aquêle mesmo fraternal espectro, vestido de negro, que na vida, por toda a parte, acompanhou a alma de Musset, que passara pelo mundo amando, pensando, cantando...

No espírito de António Nobre redemoínham mil pequenos contratempos que a sua sensibilidade subtil exagerava e avolumava em altas ondas de mar bravo, na demora da volúpia doentia de escardilhar na própria dôr, o que é ainda um devaneio. Mágoas, tédios, ânsias, pesadelos, desilusões, orgulhos, ódios, despeitos, amarguras, tristezas mudas, adversidades pungentes e angústias, que estrangulam, o tomaram todo e o acabrunharam numa abulia absoluta. É o poeta, esmorecido e vencido, cantou então as suas dôres, que no fundo, são o regresso ao melancólico mal romântico de se não encontrar na vida o idealismo entresenhado, ou, melhor, a doença de exigir que a humanidade seja, não como ela é, mas como cada um, contemplativamente, fantasiou que fosse. Analisou-se, robusteceu-se, esquadrinhou-se, e tudo nos disse, numa confissão geral esterlorosa, nos solavancos da paixão e na lingua comum do infortúnio que não escolhe palavras, mas também na lingua rara da poesia que luarisa e rilima todas as misérias postas em canto e arte. O «Só», que é um poema da desgraça, con-

sola os desgraçados; e muito se é lido por quem "na tristeza busque remédios de tristezas", pois sempre a "tristeza foi alívio de tristes".

Antônio Nobre viveu numa época transitória de protesto contra os excessos do naturalismo, num período de reacção idealista, individual e independente, em pleno "decadismo" e "simbolismo", engenhosamente sugestivos, cheios de inéditas belezas formais com novos metros, novas rimas e exigentes aliterações plasticando o som e a luz, pondo, ao lado de muito exotismo sincero, muito bizarrismo artificioso, e tudo envolvido em subtil scepticismo gaulês e em pessimismo germânico, compacto e sombrio. Nas letras de há vinte e três anos, numa ânsia de ideal novo, cada um trouxe para a rua a estésia das suas sensações raras, ou o documento da sua dôr pessoal, seguindo aquele dizer de Goethe: "faze da tua dôr um poema", tomado tão excessivamente à letra, que ninguém cogitou em que só são literariamente belas as dôres das belas almas que a arte divinisa. O excepcional, no sentimento ou na expressão, não conta em arte durável. Nas letras, preciosismos formais, ainda os mais belos, quando só beleza exterior, passam como passam as modas. Complexidades e subtilezas, fóra da integridade dos sentimentos universais, são anormalidade e deformação que não resistem ao tempo. O pessoalismo só vale, quando contiver humanismo; e toda a forma, por mais estranha que seja, é legítima, com a condição expressa de que a impulsione um original temperamento, forte e sadio, a visionar o universo por maneira assinalada e grande, mas concepção que tenha raízes fundas nos sentimentos eternos, temas de eterna beleza, sobre que se edifica a arte, sempre idealista, pois ela, que "começa onde a vida acaba", vive para além da vida, num mundo próprio que para si creou, onde é outra a luz, outros os sons, as tintas, as linhas. . . As formas são tantas quantos os temperamentos; mas uma única regra de arte pura as liga: a máxima expressão na mínima composição, como quem diz, o perfeito estilizar, nítido e preciso, no completo expressar, comunicativo e vigoroso.

Antônio Nobre, com a sua forma espontânea (solidária com o coração), é um poeta intensamente pessoal e, ao mesmo tempo, extensamente humano. Pela ampla interpretação dos grandes sentimentos, une a sua voz individual ao clamor colectivo. Supondo confessar somente os segredos do seu coração, patenteia os de todos. Ele é o mago que adivinha a dôr dos outros na sua dôr; o poeta que põe em emoção o sofrer de tantos; a creatura fadada para as letras, que fixa, em formas belas, o pensar e o sentir de muitos que sabem sentir, mas não expressar, e ainda menos cantar, o que pensam e sentem. As suas dôres são o reflexo da Dôr; e na sua alma cabem todos os que sofreram desilusões.

Quando o poeta recorda os dias leves de menino—as suas "quimeras de moço"—todos, com êle, e em idêntico estado de saudade,

recordam os seus; e quando canta seus "males" magoam-se de o ouvir os namorados, empana-se a cantiga das raparigas que lavam nas poças; comovem-se os velhos de ver alguém padecer ainda na flôr dos anos, mas consolam-se—porque o entendem—os poetas, os tristes e os doentes que, física e moralmente, penam semelhantes desgraças.

E' esta humanidade, no poeta da saúde e da dôr, cuja tristeza e pessimismo não eram literários, mas o seu próprio sangue, que torna grande António Nobre e o fará, como outros poetas românticos, sempre querido da alma sentimental portuguesa—do "Lusiada coitado!".

A mocidade literária da Coimbra de hoje, celebrando-o, realiza a profecia, lançada, há vinte e dois anos, pelo primoroso prosador Alberto de Oliveira, no seu belo livro *Palavras loucas*, onde afirmou que as gerações futuras haviam de compreender e admirar, em toda a extensão, cada uma das belezas do "Só". Ai estão as actuais homenagens a António Nobre a confirmar as previsões do arguto crítico, feitas quando o nome do poeta era menos admirado pelos que, afeitos a outra arte, lhe não aceitavam a sinceridade nem lhe entendiam a originalidade, apoucado pelos émulos, e mordido pela inveja dos impotentes. Isso passou; e mais uma vez, o tempo—único crítico imparcial—pôs tudo no seu lugar.

⊗ ANTERO DE FIGUEIREDO ⊗

ANTONIO NOBRE

Quando ella passa á minha porta

Magra, livida, quasi morta

E vae até á beira-mar...

Do «SÓ».

DERAM-ME a lêr o «SÓ» na minha Infancia;
Tudo o que eu li minha memoria invade!
Ao crescente luar d'uma Saudade
Eis-me a rezar o drama d'uma Estancia!

Passa um perfil d'Outomno e de Distancia

Em meu olhar sagrado de Anciedade!

Eis que Antò regressa á Humanidade:

— Releio o «SÓ» — a sua Dôr-fragancia!

Livro d'Amor, d'Ausencia e de Desgraça;

A trindade lusiada da Raça

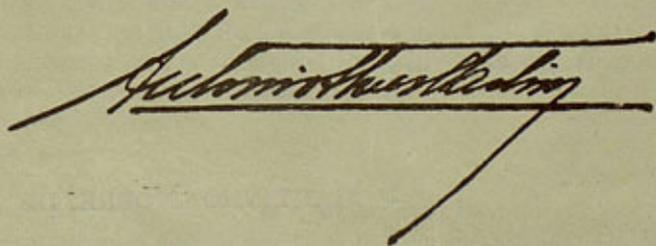
Abriu-se ante os seus olhos de outomnal!

Em tí, Coimbra, o seu perfil sombrio!

Dá-lhe a benção dos Choupos e do Rio

Que a sua Lyra,— é a de Portugal!...

Coimbra, 1915.



“SÓ”

DE joelhos, abro este missal de dôr.
Em cada verso, que murmuro, escuto
uma inscrição de isolamento e luto,
uma plangente evocação d'amôr...

“SÓ”!—crismou o Poeta este missal.
Porque tão pálido, amoroso e triste,
iluminado a pranto, não existe
assim como este, um outro, em Portugal!

Oh ANTO! as virgens loiras que ao sol-poente
passam cantando, envoltas de oiro e pó,
levam nos lábios o teu ritmo doente,

e vão dizendo, em verso, tristemente,
que em nossa terra as páginas do “SÓ”
vivem no coração de toda a gente...

Lisboa, 11 de Fevereiro de 1915.

: MARTINHO NOBRE DE MELLO :

NOVENA NAS URSULINAS

TODAS as que ele amou, grandes olhos espirituaes de virgens que adolecem, perfis góticos de madonas que soluçam, mãos de alabastro que se erguem exálticas para o azul religioso, franças de oiro que o vento esmåncha na deveza merencoria, se erguem do tumulo, toucadas de rosas, afestoadas de lirios. A tarde é roxa ao efflorecer atonito das olaias nos jardins silentes, os choupos em fileira monges orando pelos longes de meditação, o rio, a estrada argentea por onde do mar-alto vae regressar o Poeta, envolto na sua clamide de lua cheia.

Nas Ursulinas os sinos tangem chamando á novena. Beatriz, Maria, Leonor, Clarisse, a teoria sonambula das amorosas que na fimbria da mortalha arrastam as magnolias com que se aëingiram para o noivado do sepulcro, soerguem-se na tarde de encantamento e, como outr'ora, eil-as perpassam para o recolhimento onde o crepitar das tochas é enxame de abelhas trêdas, os canticos fremilos de amor, as rosas brancas o perfume dos labios a primeira vez beijados. E o Poeta não tarda, olhos scismaticos de mareante, envolto na sua clamide de lua cheia, a par que a tarde é mais cõr de olaia nos desmaios saudosos da arvoredos . . .

E, eil-as, ahi vão perpassando como antigamente, pobres andorinhas da morte no encaço duma efemera primavera de amor. Noivas do Poeta, Beatriz, Maria, Izabel, Leonor, elas se erguem do tumulo, toucadas de rosas, assentoadas de lirios a irem enconral-o na novena mistica, bõca vermelha, rosto de arcanjo. Uma a uma, cada qual tem a sua legenda tecida de esperança e saudade, uma a uma, cada qual o amou consoante a cõr dos seus olhos lindos, negros como a noite, azues como os miosolis, verdes como a agoa das reprezas, cinerarios como os nevoeiros. A alma dramatica da evocação é o magico coveiro que revolvendo o passado desenterra pedaços de sonho, illusões fanadas, quimeras por desabrochar, e as lança em turbilhão cego após as virgens mortas que acodem a saudar o regresso do Poeta. Divino, Anto, ha tanto tempo no Hotel da Cõva, vão cobrir-te de açucenas as virgens que o teu novo poema esperam! E nas Ursulinas os sinos badalam para a novena e a tarde é cada vez mais triste no desmaio melancolico das olaias em flõr . . .

1915.

⊗ SEVERO PORTELA ⊗

SAUDADE DE ANTO

É uma palavra toda portugueza
vibrante de expressão a de — saudade,
triste — mas é gostosa essa tristeza
que é feita de carinho e suavidade.

Poeta algum em toda a redondeza
da terra nossa mãe, nunca, em verdade,
cantando-a a cantou com a justeza
de Anto, o alto poeta da saudade.

Ha-a no «Só», gemente e moribunda,
a transvazar a magua de morrer
que se apossa de nós, magua profunda.

Ali vive por toda a eternidade
— enquanto olhos houver que saibam lêr —
a saudade, sem par, da mocidade.

: ANTONIO VALENTE DE ALMEIDA :

PARA A MEMORIA DE ANTONIO NOBRE

QUANDO a hora do *ultimatum* abriu em Portugal, para não mais se fecharem, as portas do templo de Jano, o deus bi-fronte revelou-se na litteratura nas duas maneiras correspondentes á dupla direcção do seu olhar. Junqueiro —o de *Patria e Finis Patriæ*—foi a face que olha para o Futuro, e se exalta. Antonio Nobre foi a face que olha para o Passado, e se entristece.

De Antonio Nobre partem todas as palavras com sentido lusitano que de então para cá tem sido pronunciadas. Tem subido a um sentido mais alto e divino do que elle balbuciou. Mas elle foi o primeiro a pôr em europeu este sentimento portuguez das almas e das cousas, que tem pena, de que umas, não sejam corpos, para lhe poder fazer festas, e de que as outras não sejam gente, para poder fallar com ellas. O ingenuo pantheismo da Raça, que tem carinhos de espontanea phrase para com as arvores e as pedras, desabrochou n'elle melancolicamente. Elle veio no outomno e pelo crepusculo. Pobre de quem o comprehende e ama!

O sublime n'elle é humilde, o orgulho ingenuo, e ha um sabôr a infancia triste no mais adulto horror dos seus tedios e das suas desesperanças. Não o encontramos senão entre o desfolhar das rosas e nos jardins desertos. Os seus braços esqueceram a alegria do gesto, e o seu sorriso é o rumor de uma festa longinqua, em que nada de nós toma parte, salvo a imaginação.

Dos seus versos não se lira, felizmente, ensinamento nenhum. Roçante a muros nocturnos a desgraça das suas emoções. Esconde-se de alheios olhos o proprio esplendor do seu desespero. A's vezes, entre o principio e o fim de um seu verso, intercala-se um cansaço, um encolher de hombros, uma angustia ao mundo. O exercito dos seus sentimentos perdeu as bandeiras n'uma batalha que nunca ousou travar.

As suas ternuras amuadas por si-proprio; as suas pequenas corridas, de creança mal-ousada, até aos portões da quinta, para retroceder, esperando que ninguém houvesse visto; as suas meditações no limiar;... e as aguas correntes no nosso ouvido; a longa convalescencia febril ainda por todos os sentidos; e as tardes, os lanques da quinta, os caminhos onde o vento já não ergue a poeira, o regresso de romarias, as ferias que se desmancham, taboa a taboa, e o guardar nas gavetas secretas das cartas que nunca se mandaram... A que sonhos de que Musa exilada pertenceu aquella vida de Poeta?...

Quando elle nasceu, nascemos todos nós. A tristeza que cada um de nós traz consigo, mesmo no sentido da sua alegria, é elle ainda, e a vida d'elle, nunca perfeitamente real nem com certeza vivida, é, afinal, a summula da vida que vivemos — orphãos de pae e de mãe, perdidos de Deus no meio da floresta, e chorando, chorando inutilmente, sem outra consolação do que essa, infantil, de sabermos que é inutilmente que choramos.

: FERNANDO PESSOA :

FALA-SÓS

A' memoria de Antonio Nobre

MEU Portugal cheio de fala-sós
que andam na lua, que os atraí e espera!
E eu ao vê-los evoco os bons Avós,
os fala-sós da Arte e da Quimera.

Ondas do Mar Oceano, adormentando
os sonhos com os beijos e os cantares,
que é que vos disse, absorto, meditando,
o Infante em Sagres,—fala-só dos mares?

Ó exilado fala-só enorme,
Camões, cuja voz enche o amplo horizonte,
«junto de um seco, duro, esteril monte,
onde nem ave voa, ou fera dorme».

Suave fala-só, Crisfal, que um dia
as saudades sofrendo tam choradas,
entre todas as lagrimas salgadas
olhas-te doce o pranto de Maria...

As trombetas de prata clangorando,
riscam de luz a treva da cidade.
O' Pedro, fala-só que vais bailando!
Até ao fim do mundo! Que saudade!

Meu Portugal de almas na lua, inquietas,
que balbucia tanta incerta voz?
Meu Portugal, coitados dos teus poetas
que são cá sempre os grandes fala-sós!

∴ AFFONSO LOPES VIEIRA ∴

DELÍRIO DO MEU DESEJO

NOITE de tentação, calvario da minha carne, a que jámais encontrarei o fim.

Fui-lhe apresentado na véspera da sua partida. Ao apertar-lhe a mão envolveu-me a alma uma bruma densa, que fez tanger meus nervos n'uma emoção inédita.

Estava o baile no seu maior esplendor. Respirava-se uma atmosfera de delírio, hiper-nevrotica, que nos aquecia o cérebro, tornando as conversas macias como uma reverência e lapidando nos olhares um brilho estranho de volúpia.

Reverberações de luz, sons esparsos, saltitantes, confundiam-se pelas salas dando a tudo um ar dansante e rítmico, como que a fazer viver pessoas e coisas a mesma vida comum de posturas requebradas, n'um deboche harmonico de côr e de som.

Sentei-me a seu lado e tentei conversar.

Deante d'aquela mulher que me fascinava, não sei o que fôra feito da minha *verve*, da minha imaginação fantasiosa, quedei-me vasio de pensamentos, faltavam-me palavras p'ra me esprimir. Toda a minha atenção estava concentrada nos meus olhos, que não abandonavam a sua imagem e nos meus ouvidos sedentos da sua voz, que parecia o marulhar de cristalina água.

Fazia-lhe perguntas soltas, pedia-lhe impressões, só para lhe ouvir a voz, p'ra lhe prender a atenção sobre mim.

Tinha pedido para lhe ser apresentado, nem já sei porquê, talvez procurando na sua sideral beleza o encanto de sensações novas. Mas, ao conversar com ela, esqueci-me de mim proprio, suspenso na sua contemplação, na carícia da sua voz.

A sua presença enchia-me de frescura, não sentia o calor das luzes, o ruido do baile, o nevrotismo da dansa, tinha a ilusão de que estava n'um jardim silencioso, olhando uma branca estatua, de cuja boca a água brotava límpida, marulhando melodias vagas.

Quanto mais a olhava e a ouvia, mais a minha alma por ela era absorvida, ofuscando-me os sentidos com a sua visão d'alvura, água cantante.

Tinha surgido dias antes, de passagem, e partia no dia imediato, extraordinaria de brancura, sem se saber quem era, para onde partia,

que ditosa terra lhe servira de berço, enigmatica como o meu desejo, esquiva e cantante como agua corrente.

Era alta, delgada, d'uma flexibilidade de vime, e o seu corpo fragil e coleante desenvolvia-se-lhe em curvas sensuaes, concavos voluptuosos, onde se ageitariam bem meus braços. Seu rosto d'uma beleza rara tinha o ar allivo e superior que só se encontra em certos bronzes antigos.

Boca rasgada n'um sorriso sem fim, e os dentes pequeninos, esmaltados n'uma translucidez dealbe, aparecendo por entre os labios finos, amorangados, que faziam lembrar duas idas de perolas mirificas roubadas aos tesouros submarinos, que surgissem ao lume d'agua, sobre tufos de branca espuma, rodeados de coral intenso, onde o seu nariz, relevo de linhas puras, fosse sorver o olôr estranho de salinas magnificas, essencias caras, que lhe faziam arfar as narinas carnudas em delicias sensuaes, delirio de perfumes fortes.

Estagnou-se-me a vista a olhar seus olhos, cristaes d'agua, glauca, corredia, opalas esverdinhas de tontura, que eu ouço murmurar canções de espuma, na sua voz, frauta magica de barqueiros.

Quizera mergulhar minh'alma no verde do seu olhar, enchuga-la ao calor dos seus labios purpurinos, e depois, n'um beijo delirante, trinca-los d'amor, deixa-los gotejantes, lagrimas vivas de sangue na ferida sangrenta dos seus labios quentes.

Na cabeça, a ungi-la de nevoa, extasiavam-se-lhe os cabelos d'um loiro de deliquio, a formar uma montanha fabulosa que parecia o prolongamento recuando da sua fronte imaculada, penteado de pompa, reliquia medieva, a lembrar-nos golas á Medicis e medidas de espavento semi-ajoelhadas com donaire.

Os seus cabelos loiros de agonia, eram desmaios de sol em fios de neve, fieiras d'ouro rociadas de cacimba, que me davam tentações de lhes sorver esse orvalho branco com meus labios frementes de desejo, para os fazer voltar a si d'esses desfalecimentos de côr, torna-los vivos como a tentação voluptuosa da minha carne.

O queixo bem modelado formava uma curva tão harmoniosa com a garganta esbelta, que me davam ganas de experimentar se a minha assentaria bem ao través da sua, de sentir a pressão que o seu queixo exerceria no meu pesçoço.

Garganta de cisne, branca como um lirio e tão nervosa que formava na confluencia do peito uma covinha mui funda, sensual, que arfava brando como a pedir beijos em fogo, que enchessem de rubor o colo a delirar brancuras, vertigem alva, marmore magnifico, a desviar contornos nos hombros etereaes de garça, descaídos com abandono em braços enlaçantes, mãos esguias de fada, conchas voluptuosas com que quizera vendar meus olhos.

Que extraordinaria mulher, saturnal de brancura, envolta em tules,

toda de branco, mármore pulido em carne selinosa, espectro animado d'uma estatua morta. Assim é ela, tal o meu desejo a quere, olhos d'agua, cabelos d'espuma que o sol aloira, tresloucada de bruma, neve petrificada, como que fugida d'uma tela desmaiada de nordico pintor de pálidas concepções.

A nossa conversa morreu. Serviam-se gelados.

Pausa na dança. Meus olhos fixos, perfurantes, pupilas em fogo a coruscar voluptia, rasgavam com delirio seu colo alvinilente.

Tentação profunda — quizera estrangulá-la — desejo insaciavel de lhe palpar a carne, experimentar-lhe a consistencia, saber se ela era dura como o mármore ou mole como uma aragem.

Meus olhos não deixavam o enigma d'aquela carne — ia tocar-lhe: Meus dedos frementes esboçaram caricias vagas, imaginando contactos electrísantes.

De subito, ela levantou-se. Recomeçára o baile. Na sala, pares rompiam em dança. Envolvi-lhe a cintura, senti-a resvalar em meus braços. Valsamos.

Tinha a cabeça pesada, zumbiam-me aos ouvidos, meus olhos estonteados cegavam-nos a brancura d'aquela colo. Voltear ligeiro, requebros de langôr e levei-a de sala em sala.

Devia-lhe queimar a pele meu olhar abrasado, como o foco vulcanizador de lentes coruscantes que refractassem um feixe de raios ardentes, furor de tentação, incendio do meu desejo.

Cessei de ouvir a musica, em volta já nada via. Delirio dos meus sentidos, escaldava-me nas veias o sangue febricitante. Caimbras nas pernas, paralisou-se-me o cerebro, todo eu tremia.

Lubrico desejo, que tortura a minha! Entrava-me pelas narinas o aroma estonteante d'aquela carne branca, livida de côr.

Enigma cruel, quizera decifrá-lo. Aquele colo alvo, palido e imaculado como uma hostia, seria de mármore duro ou mole como uma aragem, seria quente como os meus labios ou teria a frialdade do luar?!... Alfinetava-me a carne uma tentação louca, no ar palpítavam manchas sangrentas.

Ia sabê-lo. Não podia resistir mais tempo áquela tentação de febre. Tinha os braços ocupados, estorvavam-me os cabelos.

Meus labios em fogo pousaram de repente n'aquela colo d'alvura prodigiosa, sem abrandar a dança.

Estremeceu meu corpo, cambaleei de bebado. Repeli-a com furor dos meus braços tensos. Estavamos sós naquela sala.

Horror de neve, tinha beijado um mármore rijo e frio, ia-me gelando a alma.

Em frente de mim, ela quedou-se imovel. Falava, não sei o que dizia. Senti na sua boca a agua cachoar em escarcéos tumultuosos, os seus olhos perderam a doçura, agua irada.

Eu nada ouvia, minh'alma encolhia-se no meu corpo em estremecões.

N'isto voltei a mim, meus olhos buscaram a sua carne. Compreendi que aquela repulsão fôra do imprevisto do contacto desejado.

Delirio de tentação, como eu desejava o marmore rijo e frio d'aquela carne!... lá tê-la outra vez d'encontro aos meus lábios.

Crueldade sem nome, calvario do meu desejo. Ela, livida d'alvura, espectro animado d'uma estatua morta, abalára com passo firme, cheia de ritmo, lá me levou o olhar na brancura da sua carne, deixando-me sem vêr na noite da minh'alma.

Oh! como os seus pés pisam o meu desejo! Como a tentação tortura a minha carne!

Agora, que já não posso refrescar meus lábios na frialdade branca do seu colo, que já não posso banhar minh'alma no verde do seu olhar e ouvir marulhos d'agua cantando na sua voz, cá vou arrastando sem descanso a cruz do meu desejo, calvario da minha carne, n'esta noite infundavel de tentação.

Nunca mais a voltei a vêr, se não assim tal qual a evoca o meu desejo martirisado.

Em vão a busco por toda a parte onde se possa ocultar sua brancura, mas ela, cruel, gelido fantasma, a mim não volta mais.

Vae-se passando o tempo, o desejo consome minha carne, um desespero raivoso apodera-se de mim. Estou quase louco, cegou-me a alvura da sua carne marmorea, nevoeiros d'agua quizera poder bebê-los.

Delirio do meu desejo, esvaem-se-me as reminiscencias. Julgo a sua imagem uma ficção tresloucada filha do meu desejo. Nem já tenho a certeza de a ter vislo algures, de pousar meus lábios no seu colo branco. Quem sabe?!... Talvez que ela só vivesse ainda no meu desejo, pois que a procuro, procuro, e não a encontro nunca.

Desespéro da sua posse, quem dera possuir a bruma.

Curvo-me sobre o marmore frio, colunas hirtas, estatuas imoveis, lousas de tumulos, e beijo-o com furor; vou mergulhar minh'alma nas aguas das ribeiras; ouço-as cantar murmúrios de doçura; percorro com meus lábios febris neve aureada, deliquios de sol, espuma d'ondas; abraço com o olhar as linhas armonicas das nuvens, curvas de poentes, fru-fru d'alvuras, mas, ainda assim, não consigo formar a estatua enigmatica que a minha carne anhela, não apago o incendio dos meus lábios, não adormeço o meu desejo, volupia de loucura.

Coimbra.

: RUY GOMES :

NÀ TORRE D'ANTO

PAIRA sobre a Torre d'Anto
A sombra, o espirito alado
Do Poeta que exilado
N'Ela amou e sofreu tanto.

Ainda ecôa o seu canto,
Triste, como o triste fado
Do seu viver torturado,
Da Torre em cada recanto.

Surge ás seteiras vetustas,
Corre as muralhas adustas
O seu espectro envolto em dó...

Na Torre, pena e vagueia
A alma, que geme e anseia,
De Antonio — o Poeta do Só.

Coimbra 11 — XI — 1911.

: ALFREDO DA CUNHA :

VIDA ETERNA

A uma alma.

PALPITAS na minha alma entristecida,
Desoladora morta, que eu amei!...
E como vibra em tudo — nem eu sei —
Sempre de ti lembrança dolorida!...

Perfume do passado, que terei,
Fatal, em cada flôr por mim colhida!
Em cada pensamento a tua vida
Numa Saudade nova eu viverei.

Modula a tua voz qualquer aragem,
Cada nuvem desenha a tua imagem,
Amor que nenhum outro amor profana!

Vou sempre respirando a mesma ideia
Neste saudoso ar que me rodeia:
Só assim se eternisa a vida humana?!

Janeiro, 1915.

∴ CRUZ MAGALHÃES ∴

ANTONIO NOBRE

(Das «Palavras loucas»)

NÃO é sem uma singular emoção e uma perfeita confiança na justiça do tempo, que vejo cada dia mais aureolado de admirações, e relido por mais leitores sinceros, esse extraordinario auctor do «S6», o poeta evocador e cheio de segredo, mistura de Lord Byron e Bernardim Ribeiro, encantador e bruxo pela magia dos seus versos, pela amargura quente dos seus olhos, pela desolação sem risos da sua mocidade, por casos de existencia que, previstos n'outros, ã chamma verde do seu temperamento e do seu genio assumem fórmãs de extra-humanos.

Em toda a parte onde viveu feceu a teia da Lenda ã sua roda: e até velhinho a irá tecendo e accrescentando. Orgulho feroz e de idade-média, fé absoluta em si como é proprio dos grandes, ainda era uma creança com os mesmos olhos (immensos quando scismavam) que já amas velhas, caseiros da quinta, adivinhos da aldeia e abbades de cinco leguas ao redor lhe previam a sua sina: serás o principe dos poetas do teu tempo! Cresceu, fez madrigaes, e, lindo moço, de Byron debaixo do braço, ia para o mar alto gritar versos às ondas. As ondas dobravam-se para a sua lancha passar, os pescadores pasmavam da sua cabelleira em anneis e do seu grande livro, e vinham saber a Leça a lenda ingenua que deixou: já o tratavam por tu os poveiros, e lhe perguntavam, de troça, pelo livro, que nunca sahia, que nunca sahia! Cá ficou, ninguem o esquece: chamam-lhe o Creatura-Nova, e um dia, os netos d'estes cantarão decerto, na toada do Bemdito, as suas balladas. Depois às tardes, poentes prateados e meigos da beiramar, Antonio Nobre, sobre os rochedos, lindo, com maneiras sacerdotaes e uma voz de outro mundo, pontificava em verso às raparigas.



ANTONIO NOBRE

E foi e é sua fé e seu destino, abrir o appetite no coração das mulheres antes que o d'elle perdesse o fastio profundo, anormal, absurdo, que o caracteriza. Do seu contagio sahiam ellas, aos primeiros dias mystificadas, por fim absorvidas e prezas: de tal modo os seus processos de namorar ternos, excessivos, doidos, se tornavam dentro em pouco despolicos, absolutos, dobrando a mulher sob o seu olhar e o seu dominio.

Cresceu ainda, começou a envelhecer ha cinco annos (tinha dezenove) e logo nos primeiros dias de Coimbra se travou lucta da sua capa de seda, dos seus collarinhos voltados, do seu Waldeck encadernado em biblia—com a teima amarella e viscosa de um doutor estúpido e mau. Duas vezes foi reprovado no primeiro anno de Direito: foi a propria Universidade que o presentiu differente dos outros e o quiz honrar com o seu odio. A desgraça tornou-o sympathico e querido dos estudantes: não se divorcia mais o Penedo da Saudade do seu perfil, e a torre de Sub-Ripas onde morou, lá está baptisada com o seu nome, é a Torre-de-Anto.

Um dia alguém desejou a Antonio Nobre, as riquezas de Salomão, para lh'as vêr applicar.

O seu ar era realmente, ao partir do Tejo para a França, no anonymato de um transatlantico, com um bota-fóra intimo e em lagrimas, o ar de um principe que uma revolta apeiou do throno e embarca para o exilio: tanto as pequenas contrariedades as engrandece a sua intensa e barbara imaginação, a ponto de lhe modificarem a physionomia, de lhe pôrem rugas na testa e lhe abrirem mais fundo as covas dos olhos, e de não ser novo se, porque não lhe respondam prompto a uma carta ou lhe não entendam rapido um capricho, perder o appetite, perder o somno, e se emaciar até parecer um tisico e segredarem na rua os transeuntes: "Coitadinho do Poeta, que não alcança ao anno novo!"

Principe exilado e nostalgico, sim, de vontades omnipotentes e indomadas susceptibilidades. O fundo da sua tristeza é a decepção que tudo lhe causa: quando chegou a Paris teve um ataque de melancolia quasi tragica por se lembrar que era tão pouco, que a sua alma ficava tão muda, e que no entanto *era aquillo ainda o mais perfeito que tinha produzido a Humanidade!* Dir-se-ia que na sua existencia não faz mais do que repetir outra que já viveu, cuidando que vae por estrada nova: de ahi logico o seu tedio que a nós, de mais baixo nivel, impaciente e irrita. O seu orgulho é tamanho que toça o outro extremo, a timidez selvagem: e diante de um homem de genio talvez ficasse violeta, mas só pela preocupação de se não dobrar. Ardente e portuguez, é de aventura e romance o sangue que lhe corre nas veias: a vós outros, se fivesseis milhões, appeteceriam os confortos apopleticos e egoistas da civilização, e serieis (como sois) ponderados e anonymos.

— ao passo que elle daria brado no mundo, como Byron. Poderia ser *tudo em tudo*: assim será apenas o mais elevado Poeta da sua geração. E sel-o-ha pela simples força do seu talento junta á invulneravel força da sua fé.

Quando não publicára ainda livro e era um desconhecido, o desdem com que acolhia a obra dos outros, a certeza de *fazer melhor*, era tão calma, como hoje que é o auctor do "Só", e que colheu grinaldas de quem tinha prestigio para lh'as impôr.

Pois o bizarro principe *Anto* que, elle-proprío, por uma natural volúpia, tem bordado de lendas a sua carreira, lá vae fazendo um amavel Direito (como Fradique) pelas cervejarias do Bairro Latino, sem que por isso a fina Faculdade franceza vise manchar de favas pretas quem veste com tanto ar a *robe* negra e o branco escapulario da regra. É o poeta já pôde escrever por baixo dos seus bilhetes: *Bachelier em Direito pela Universidade de Paris*, o que opulentamente o paga dos seis RR com que Coimbra o despediu do quadro dos seus eleitos.

Dava um nervoso e pittoresco capitulo, que será para algum dia, o estudo da sua vida em Paris, e do grau a que a intensidade do grande meio influiu nelle. Disse-me certo dia uma senhora, que alguém vira *Anto* subir o Bois, no fundo de uma carruagem, monoculo sobre a Mullidão. Só este engano, e á pressa, aqui desfaço. Certamente era Maurice Barrés, que dá uns ares do poeta, minha senhora. Antonio Nobre vive em Paris como um frade: a sua leitura é o Ecclesiastes, Shakspeare e as biographias dos grandes poetas (significativa bibliotheca, esta ultima). As estudantas de Boul'-Mich' chamam-no o *petit évêque*: com uma bengala de eremita e um longo habito de burel a que elle poz o baptismo de *monge*, raro passeia a sua tristeza, sob a neve, nos poentes purulentos, esverdeados, criminosos do Sena. O "Só" foi escripto numa sombria casa que já foi convento, ao pé do Pantheon. Tudo ali, de noite, com os sinos de Saint-Etienne du Mont a dobrar, evoca o seculo XVII; mas o poeta um dia mudou de casa, queixando-se de que o Voltaire, seu vizinho do Pantheon, toda a noite resonava e o não deixava dormir.

Antonio Nobre não ama afogar-se na Mullidão, estranha-a; precisa de vêr-se constantemente só — é o seu estado natural. Uma vez que descia os Campos-Elyseos, trasbordantes de Mundo, notou: "Parece incrível que, com tanto pezo em cima, o Planeta não amolgue d'este lado!"

É quem pensou vêl-o no Bois, resignado a entalar-se na engrenagem parisiense, mais facilmente o toparia nos bairros solitarios da margem esquerda, batendo ás portas dos conventos e pedindo para entrar. Curvado, derreado, como tendo ás suas costas o pezo de toda a Dôr humana, assim segue os *boulevards*; e quando o Ecclesiastes lhe mostra, além do pouco que o Mundo vale, o pouco que vale elle-pro-

prio no Infinito immenso, Antonio Nobre toma o omnibus Batignolles-Clichy-Odéon e vê-o ahi vai ao Louvre, colhêr na contemplação da incomparavel Venus de Milo a serenidade divina, o orgulho divino, o desdem divino que receia se escoem dentro de si.

Livros de versos são medicinas da alma, frascos mysteriosos, onde, concentradas em sobrias essencias de sonetos, particulas venenosas de imagens, saes perturbadores de rimas e de rythmos, encontramos respostas á nossa dôr bem mais profundas que nas tagarellas glosas dos prosadores ou nas desmaiadas paginas dos descriptivos. Poemas lyricos devem lêr-se como os escrevia João de Deus: às escuras, e puxando uma fumaça da *cigarrafte* para cada verso que nasça. Um verso é um mundo: quatorze linhas rimadas de Anthero podem impôr ou poupar um suicidio, enquanto mil milhões de folhas de prosa compacta, onde a descripção é colorida, mas o espirito é baixo, correm diante dos olhos soffredores sem provocar um spasma ou um opposto estado de alma. Versos são como orações: decoram-se, casam-se com melopeias da nossa affeição, e sempre que punhaladas da Vida vos ferirem, o Padre-Nosso encontra-o-heis de mãos dadas, nos vossos labios, a farrapos de versos onde irão farrapos de alma.

Nas horas difficeis das lagrimas é que se apura, se a dôr de um poeta é artificial e soa falso. Quem já disfructou e soffreu essas horas sabe como então, por sua inferioridade, fazem dô as mystificações e enredos da arte litteraria. Dia em que algum nobre e alto desgosto vos afogar de soluços, abri a *Imitação de Christo* em qualquer parte, que lá encontrareis sempre — sempre! — a mesma voz resignada, humilde, doce, a ciciar-vos a fê, a vos pôr quasi feliz pela certeza de que é a dôr ainda o unico acidente que salva a vida da irremediavel banalidade moral com que foi feita. Foi numa noite de desespero e insomnia que os versos de João de Deus, como chuva do céu, me encheram a primeira vez de frescura e de paz ireal. Na escuridão como os seus conceitos tomavam relevo: e como na agonia de querer alguém a chorar commigo, eu ia até á alma do poeta indagar as raizes de emoção de onde cada verso brotava e via luz!

Assim, tambem, numa hora igual de intensidade, se poderá comprehender e sentir o "Só". Quem não conseguir integrar-se nelle terá de odial-o: e por isso succede que esse discutido volume de versos tem tão firme cotação no espirito dos que o viram de boa-fê, como nenhuma nos que o acolheram boçalmente como o producto de uma arte exotica que só por suas apparencias singulares procurasse fazer-se vista, e cujo miolo fosse zéro.

O "Só" é a autobiographia de um poeta espontaneo e nativo, para quem a Poesia é, na sua propria phrase, *o coração desfeito em tiras*. A emoção que sentimos resulta de vermos passar em frente de nós, febril, desesperada, eloquente, uma tão grande e revoltosa Emoção. A sua forma irregular e macabra é insubstituível, porque o poeta assim teve de a inventar para nella moldar o seu temperamento.

Como o livro de Anthero é o mar bramindo na dôr do pensamento, o "Só" é o coração gemendo na dôr do sentimento. A razão de um, a sensibilidade do outro, ambas agudas, gritando e doendo ao choque da Vida, partindo do mesmo ponto e indo por differentes caminhos, no mesmo epilogo de paz vieram de novo reunir-se. Anthero mergulhou na contemplação do Universo e tudó o que viu o desesperou; Antonio Nobre faz da sua imaginação o centro do Mundo, e a Vida é má porque elle a soffre. O pessimismo dos Sonetos será universalmente comprehendido; o "Só" amal-o-hão os que tiverem a sensibilidade irmã, e a paixão d'estes leitores por um tal livro será incondicional como é a minha desde que numa manhã de Coimbra a primeira vez endoideci ao lê-lo e a partir de então o adorei como uma das minhas devoções.

Leiam o que diz Taine de uma das personagens de Shakspeare; é um baixo-relevo que mostra Antonio Nobre em toda a luz: "Jacques est triste, parce qu'il est terne; il sent trop vivement le contact des choses, et ce qui laisse indifférents les autres le fait pleurer. Il ne gronde pas, il s'afflige; il ne raisonne pas, il s'émeut; il n'a pas l'esprit combattant d'un moraliste réformateur, c'est une âme malade e fatiguée de vivre. L'imagination passionnée mène vite au dégoût. Pareille à l'opium elle exalte et elle brise. Elle emmène l'homme dans la plus haute philosophie, puis le laisse retomber dans des caprices d'enfant. Il aime sa tristesse, et ne voudrait pas la changer contre la joie, etc."

Emquanto a amargura de Anthero é quasi um systema, a de Antonio Nobre é um immenso ataque de hysteria, uma formidavel noite de trovoadas em que as faiscas, de segundo a segundo, esclarecem assombrosamente os montes e os valles. Um critico notou que o seu livro nunca faria escola, ficaria sempre tão só como o seu titulo. Ao contrario, se como neste caso, elle appareceu quando algumas centenas de moços portuguezes justamente esperavam por um Poeta assim, e se é das gerações novas que está parlindo mais vehemente a apothose do "Só", num confuso rumor de almas agradecidas por se verem lá expressas, e impotentes imitadores que alcançam a forma, sem mergulharem na essencia, de taes versos.

O "Só" é uma autobiographia; fala por si, e só com interjeições de amor me posso referir a elle. Fica aos doutores da critica scientifica o encargo de buscar em cada confissão o diagnostico de uma doença.

Essa doença é a de uma geração, é a de uma mocidade; e justo é que todas as crises do pensamento e da imaginação, tão verdadeiras e legítimas umas como as outras, encontrem a sua eternidade numa voz que as interprete e se faça ouvir. O Poeta todo se confessa, com ingenuidade e permanente candura; a sua maneira de amar e de ser amigo, a sua moral absoluta e sem restrições sociaes, a sua concepção da belleza, da paizagem, da ventura, a ferocidade do seu orgulho, o peninsularismo da sua paixão, o seu delirio de perseguido, o seu tragico *béguin* pela Morte, ahí estão salientes, nos assumptos sombrios que escolheu, nas emoções dolorosas que o obsidiam, nas imagens singulares por que se exprime, e na andadura de ladainha que naturalmente ganham os seus versos. E' um livro escripto a 40 graus de febre, dá tonturas lél-o.

O fremito que já provocou o "Só" em alguns espiritos levará annos a generalisar-se. Por ora é uma juventude que o aclama, as novas camadas coimbrãs que o adoptam e o seguem, o moderno Brazil que se perturba a tomal-o como um veneno, enfim são as mulheres que vão a caminho de namoral-o. De aqui a vinte annos, cada belleza do "Só" estará detalhada e posta em evidencia pelos criticos. A admiravel exquisitice da sua fórma, fará o assumpto de muitas paginas subtis. A poesia *Antonio* e o poemeto *Males de Anto* serão nesse tempo vistos sem discordia, como os dois mais notaveis monologos da poesia autobiographica que honra as letras lusitanas do seculo XIX.

É não queirâmos mal à Gloria por ella se fazer esperar; perdoemos aos escriptores consagrados a sua incomprehensão e ausencia de faro, em face dos genios recém-nascidos. Os talentos excessivos são antipathicos: a sua sêde de novo isola-os; hão de ir compondo devagar a sua atmospherã, afim de lograrem uma velhice tranquilla e triumphante. É no meio da minha geração que possui sem duvida escriptores subtis e intelligentes, idealistas doces, psychologos penetrantes, trovadores parnasianos e finos, não me espantarei eu de que seja o poeta do "Só", aquelle para quem na poesia portugueza só encontro avós em Bernardim Ribeiro e Soares de Passos, o ultimo a arredar do seu trilho as inintelligencias, os falsos desdens e os verdes rancores.

Mattosinhos, 1893.

☛ ALBERTO D'OLIVEIRA ☛

A Renascença Portuguesa

Nas suas ultimas reuniões, o conselho de administração aprovou os seguintes balancetes:

Novembro — Receita — 427\$439,
despeza — 353\$799.

Dezembro — Receita — 319\$040,
despeza — 283\$556.

Foram admitidos os seguintes socios: Ezequiel de Campos (Povoa do Varzim), José Gomes Pinto (Gaia), Antonio Pereira Bramão (Porto), Antonio Francisco d'Almeida Junior (Esmoriz), Vidal Oudinot (Porto), dr. Januario Ferreira dos Santos Leite (Porto), dr. Eduardo Ferreira dos Santos Silva (Porto), Antonio Gonçalves de Castro (Gaia), Herculano Pimentel (S. Tomé), José da Costa Guimarães (S. Tomé), dr. Armando Marques Guedes (Porto), Domingos Reis Costa (Porto), Antero Pacheco da Silva Carvalho (Matosinhos), e Raul Angelo (Porto).

Tomou-se conhecimento dos ultimos livros publicados: *Bohemios*, do Visconde de Vila Moura, *Trigonometria Plana*, de Augusto Martins, *O Navio dos Brinquedos*, de Antonio Sergio, *Tristão o Enamorado*, coordenado e prefaciado por Teofilo Braga, *Educação Civica*, por Antonio Sergio, *A Grei*, por Ezequiel de Campos, *As Aventuras de Telemaco*, 1.º vol., *Sempre*, 3.ª edição, por Teixeira de Pascoaes, *Camadas Infimas*, por Oldemiro Cesar.

A OBRA DA

"Renascença Portuguesa,"

(CONTINUAÇÃO)

Em 15 de Novembro de 1914, abertura Solene das aulas da Universidade Popular do Porto, no Salão nobre da Camara, presidindo o dr. Gomes Teixeira, secretariado por Alfredo Coelho de Magalhães e Teixeira de Pascoaes, falando além dos dois primeiros o dr. Jaime Cortesão.

Em 30 de Dezembro, termo da impressão do *Tristão o Enamorado*, coordenado e prefaciado por Teofilo Braga.

Em 2 de Janeiro de 1915, distribuição do *Navio dos Brinquedos*, de Antonio Sergio.

Em 6 de Janeiro, termo da impressão do 1.º vol. das *Aventuras de Telemaco*.

Em 15 de Janeiro, N.º 37 da *Aguia*.

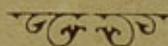
Em 20 de Janeiro, 3.º concerto para os socios por Luiz Costa.

Em 23 de Janeiro, termo da impressão dos livros: *Educação Civica*, de Antonio Sergio, e *Grei*, de Ezequiel de Campos.

Em 25 de Janeiro, termo da impressão do *Sempre* (3.ª edição), de Teixeira de Pascoaes.

Em 30 de Janeiro, termo da impressão das *Camadas Infimas*, de Oldemiro Cesar.

Em 2 de Fevereiro, n.º 33 da *Vida Portuguesa*.



EM BREVES DIAS

REVOLTADOS

1 vol. (Desbravando terreno)

por J. E. da Costa Cabral.

F. FRANÇA & ARMENIO

LIVREIROS EDITORES

Livros nacionaes e estrangeiros. Assignaturas para todas as revistas e jornaes do mundo

Arco d'Almedina, 2 — COIMBRA

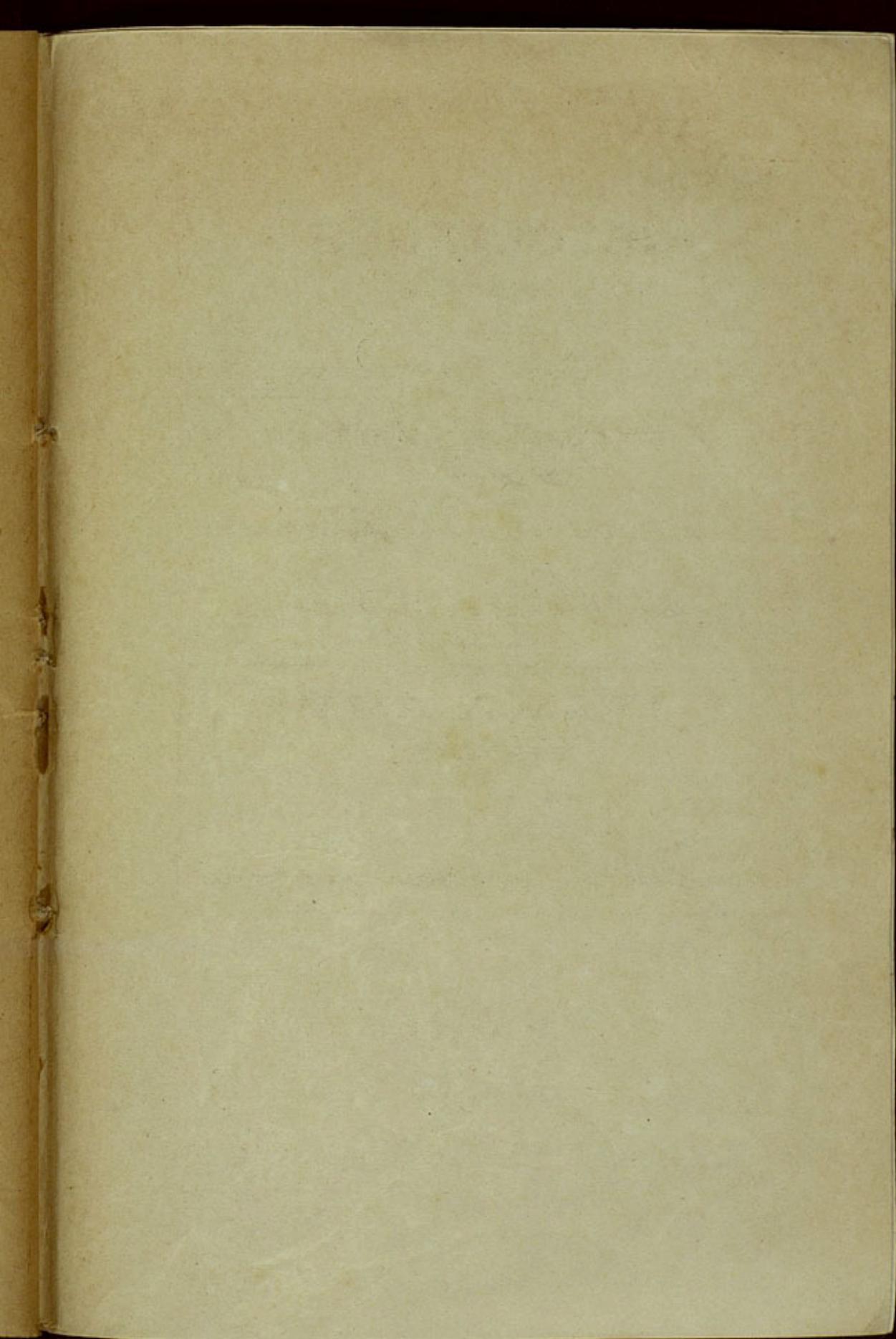
F. FRANÇA AMADO

LIVREIRO-EDITOR

Rua Ferreira Borges — COIMBRA

Correspondencia directa com os principaes centros litterarios

VAGO





TRISTIA

FESTAS D'ARTE



ANTONIO NOBRE

(CIRCULAR)

As TRISTIA, festas de homenagem á memoria do sentimental Poeta do Só e das Despedidas, ficam adiadas para os dias 24 e 25 de Fevereiro, visto terem surgido embarços d'ocasião que, não sendo removidos, muito prejudicariam a nossa manifestação de respeito e saudade.

A comissão faz este aviso, afim de evitar equívocos lamentáveis e no cumprimento d'um dever que se lhe impõe.

Pede-se a toda a Imprensa a fineza de publicar este aviso.

Coimbra, 11 de Fevereiro de 1915.

PELA COMISSÃO,

José Emídio Soares da Costa Cabral

